

**Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Sustentável**

**A Festa do “Santo Preto”:  
tradição e percepção da Marujada Bragantina.**

**Gisele Maria de Oliveira Carvalho**

**Dissertação de Mestrado**

**Brasília – DF, maio 2010.**



**Universidade de Brasília  
Centro de Desenvolvimento Sustentável**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**A Festa do “Santo Preto”:**  
tradição e percepção da Marujada Bragantina.

Gisele Maria de Oliveira Carvalho

Orientador: Othon Henry Leonardos  
Co-Orientadora: Helena Dóris de Almeida Barbosa Quaresma

Dissertação de Mestrado

Brasília – DF, maio 2010.

C331f Carvalho, Gisele Maria de Oliveira  
A festa do "Santo Preto" : tradição e percepção da Marujada Bragançina / Gisele Maria de Oliveira Carvalho. Brasília, Df , 2010.  
X p. : Il., color. ; 30 cm.

Orientador : Prfº Dr. Othon Henry Leonardos  
Dissertação(mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, DF, 2010

1. Festa de São Benedito(PA) 2. Folclore 3. Turismo sustentável. I. Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. II. Título

CDU 394.2(811.5)Bragança

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito da autora.

---

Gisele Maria de Oliveira Carvalho

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**A Festa do “Santo Preto”:**  
tradição e percepção da Marujada Bragantina.

**Gisele Maria de Oliveira Carvalho**

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Educação Ambiental.

Aprovado por:

---

Othon Henry Leonardos, Doutor (Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB)  
(Orientador)

---

Antônio C. P. Brasil Júnior, Doutor (Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB)  
(Examinador Interno)

---

Sandra Maria Faleiros Lima, Doutora (Universidade Federal do Tocantins - UFT)  
(Examinadora Externa)

Brasília–DF, 12 de maio de 2010.

Dedico este trabalho a todos os marujos e marujas de São Benedito de Bragança-PA, que com sua fé e simplicidade fortalecem minha crença e esperança numa sociedade mais justa e feliz.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que nada podemos *ser, fazer e ter* sem partilhar sonhos e experiências com os que fazem parte de nossa vida pessoal e profissional. Lembrar daqueles que contribuem para que sejamos pessoas melhores alimenta nossa alma e vivifica nossa existência terrena. Como “faróis que brilham no deserto”, família, amigos e companheiros dão sentido a nossa caminhada diante do abismo das desigualdades que permeiam os novos tempos.

Com minha eterna gratidão, ao final dessa jornada, quero registrar meu amor, respeito e admiração por aqueles que fazem parte da minha história, sem os quais este trabalho não seria concretizado.

À minha grande amiga, minha mãe *Grace*, luz no meu caminho, incansável no seu amor, dedicação e disponibilidade, por acreditar em mim, incentivando-me sempre a alçar novos vãos, lembrando-me do compromisso moral e ético com os menos favorecidos. Você é meu maior exemplo!

Ao meu pai e amigo João, que na leveza de seu temperamento faz minha vida mais leve e feliz. Obrigada por tornar possível investir nos meus estudos e projetos pessoais, o qual sempre me apoiou e incentivou, facilitando minha caminhada no seu “sim” generoso a todas as “missões” que lhe confiei.

A toda minha família, nas pessoas de meus queridos irmãos e amigos Jane e Rafa, tias Betty, Vera, Céu e Tequinha. Obrigada pela torcida e orações. Sinto o amor de vocês!

Aos amados amigos Ci, Haendel e Oza, por me acolherem com amor fraterno e disponibilidade em suas casas e em suas vidas, constituindo assim, minha “família” em Brasília. Vocês são pessoas maravilhosas. Minha eterna gratidão e amizade, por tornarem este projeto possível.

Aos meus amigos, aqueles que de perto (Wanessa, Harlinton, Dauana, Deísio, Larissa, Lucilene, Ettiana, Leandro, Telminha e Socorro) e que de longe (Karlinha, Cele, Fabi, Marília, Elisa e Priscila, Cecília, Verônica, Juliana, Rhêmora, Jaque, Cris, Eneida e Helena), emanam as mais positivas vibrações e carinho. Obrigada por compreenderem minha ausência física quando meu coração queria estar mais presente para partilhar de suas vidas.

A amiga Kátia, que me inspira a trilhar o belo e desafiador caminho como educadora. Obrigada pela disponibilidade de coração e por compartilhar lições de profissão e de vida.

A amiga e co-orientadora Helena Dóris, pela disponibilidade, dedicação e amizade. Por me fazer acreditar ser possível concluir este trabalho, com ética e cuidado com o outro. Minha gratidão pela acolhida, orientação profissional e partilha incondicional de seus conhecimentos.

Ao professor e orientador Othon Leonardos, cuja presença e alma poética revelam sua bondade e sensibilidade. Pelas conversas inspiradoras que permitiram apurar meu olhar para a riqueza dos ensinamentos e para a beleza da história de vida dos marujos e marujas de São Benedito.

Aos alunos da primeira turma do curso técnico em eventos do Instituto Federal do Pará (IFPA), campus Bragança, nas pessoas de Mayara, Suzele, Kelyane, Carlos Daleno, Claudete, Ana Carolina, Janaína, Ana Cláudia, Franciete, Silvana, Andréia, Meire, Lúcia Helena e Adrielle. Obrigada pela disponibilidade e carinho dedicados a mim e à pesquisa de campo.

Ao IFPA, nas pessoas dos professores Ângelo Campos e Pedro Moutinho, que me apoiaram e facilitaram a conclusão deste trabalho. Espero poder retribuir com competência e cuidado as responsabilidades profissionais a mim confiadas. Meu sincero muito obrigado.

Às professoras Zanetti, Fátima e Laís que contribuíram para meu aprendizado sobre a responsabilidade do educar para a sustentabilidade e aos funcionários do CDS pois, sempre que solicitados, se dispuseram a atender e responder às minhas dúvidas e solicitações com prontidão.

À Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, na pessoa do presidente Sr. João Batista Pinheiro, o “Careca”, pela acolhida sem reservas e por abrir sua “casa” para que eu pudesse mergulhar no universo dos que vivem a Marujada. Obrigada.

Aos marujos e marujas de São Benedito, nas pessoas da Capitoa da Marujada, D. Aracilda Correa e do Capitão, Sr. Theodoro Fernandes Ribeiro, cujos semblantes transmitem a essência dos ensinamentos da vida e obra de São Benedito. A simplicidade e verdade que percebi em seus olhares, ressoaram nos depoimentos de tantos outros marujos e marujas que compartilharam o significado da Marujada para suas vidas.

Aqueles que se dedicam à realização da Festividade de São Benedito, nas pessoas do padre João Nelson, Toni Soares, Paulinho e professor Dário Benedito. Obrigada por compartilhar o valor dessa bicentenária tradição, que leva encanto e alegria ao povo bragantino.

Acima de tudo, agradeço a Deus a oportunidade de conhecer e viver a Marujada de São Benedito de Bragança e por todo o aprendizado e amadurecimento pessoal adquirido ao longo de quase dois anos de estudo.

Finalmente, quero manifestar a minha gratidão à intercessão do Glorioso São Benedito, que com seu exemplo de vida e fé, renova meus valores ético-cristãos e a esperança em se alcançar uma sociedade mais igual, justa, livre e feliz.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformá-la.

**Paulo Freire, 1977.**



## RESUMO

Esta dissertação tem por objeto a análise da celebração cultural bicentenária dos rituais da Marujada de São Benedito de Bragança (Pará). Trata-se de um estudo de natureza investigativa, no qual se busca conhecer as identidades culturais dos rituais que compõem a manifestação, bem como, compreender como se dá o diálogo entre os principais sujeitos sociais que protagonizam a Festividade de São Benedito e a articulação estabelecida entre o Poder Público, Igreja Católica, Comunidade e Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, com a finalidade de garantir a perpetuação da tradição. O enfoque tem a valorização da cultura local como um pilar para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável, bem como, descreve o universo religioso dos atores, onde se percebe o valor das crenças e das representações religiosas no contexto regional. A riqueza sociocultural desses rituais permitiu observar os diversos momentos da festa e registrá-los durante a pesquisa de campo, do qual se incluem os processos de levantamentos bibliográficos, fotográficos, entrevistas e aplicação de questionários e sugestões para encaminhamentos futuros. A consciência respeitosa da festa transparece no perfil do povo bragantino que dedica os melhores momentos de suas vidas para mostrar o valor da Marujada de São Benedito de Bragança e ensinar que a tradição deve ser acolhida com respeito e reverência pelos bragantinos e visitantes, pois em sua essência ela dá vida e significado aos membros dessa família e enriquece a cultura de nosso país.

Palavras-chave: Festa de São Benedito de Bragança. Sustentabilidade Cultural. Turismo Sustentável.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyzes the two century -old celebration that take place in the town of Bragança, Pará during the Marujada rites in honor of Saint Benedict. It is a investigative study that aims to unveil the cultural identities of the Festivity and understand how the dialogue and the articulation among the protagonists themselves and the local Government, Community, Catholic Church and the Brotherhood of Saint Benedict is established to perpetuate the tradition. The focus here was to demonstrate that valuing such cultural manifestations is essential for developing a sustainable regional tourism. It also describes the regional religious strength where the rituals take place and the many rich moments of the socio-cultural aspects that were recorded in the field work. Bibliography and photographic surveys and structured interviews were also carried out. The study shows that the conscious respect for the festivities was inherent of the Bragantine people who dedicate the best moment of their lives to show the Marujada to visitors and how it should be respected. The rituals give meaning and renew life in their families as it enriches the country's culture.

Key-words: Festivity of São Benedito in Braganza. Cultural Sustaining. Sustainable Tourism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1	Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.....	71
Fotografia 2	Igreja de São Benedito.....	71
Mapa 1	Mapa de localização do município de Bragança, Pará.....	72
Fotografia 3	Caranguejos da RESEX Marinha Caeté-Taperaçu.....	73
Fotografia 4	Rio Caeté.....	73
Fotografia 5	Praia de Ajuruteua.....	73
Mapa 2	Municípios do pólo Belém/Costa Atlântica.....	74
Mapa 3	Localização pólo Belém/Costa Atlântica.....	75
Fotografia 6	Teatro Museu da Marujada.....	84
Fotografia 7	Barracão da Marujada.....	87
Fotografia 8	Chapéu da maruja com detalhe para a fita preta.....	89
Fotografia 9	Indumentária das marujas usada no dia 25 de dezembro.....	89
Fotografia 10	Indumentária das marujas usada no dia 26 de dezembro.....	89
Fotografia 11	Ritual das danças no barracão da Marujada.....	90
Fotografia 12	Ritual das danças no Teatro Museu da Marujada.....	90
Fotografia 13	Indumentária do marujo usada no dia 25 de dezembro.....	90
Fotografia 14	Indumentária do marujo usada no dia 26 de dezembro.....	90
Fotografia 15	Mastro erguido na abertura da festividade, no dia 18 de dezembro....	92
Fotografia 16	Juíza da festividade.....	92
Fotografia 17	Capitão.....	92
Fotografia 18	Músicos no ensaio da Marujada.....	93
Fotografia 19	Músicos no ensaio da Marujada.....	93
Fotografia 20	Ensaio das danças no barracão da Marujada.....	93
Fotografia 21	Ensaio das danças no barracão da Marujada.....	93
Fotografia 22	Imagem do Santo das Colônias.....	94
Fotografia 23	Imagem do Santo dos Campos.....	94
Fotografia 24	Imagem do Santo das Praias.....	94
Fotografia 25	Esmolação de São Benedito na Vila do Camutá.....	95
Fotografia 26	Esmolação de São Benedito na Vila do Camutá.....	95
Fotografia 27	Esmoladores rezando a ladainha em louvor ao Santo.....	96
Fotografia 28	Romaria fluvial.....	99
Fotografia 29	Romaria fluvial.....	99
Fotografia 30	Romaria fluvial.....	99
Fotografia 31	Romaria fluvial.....	99
Fotografia 32	Chegada da romaria fluvial com a imagem do Santo da Praia.....	100
Fotografia 33	Chegada da romaria fluvial com a imagem do Santo da Praia.....	100
Fotografia 34	Alvorada, fila de marujas.....	102

Fotografia 35	Alvorada, fila de marujos.....	102
Fotografia 36	Alvorada festiva.....	102
Fotografia 37	Alvorada festiva.....	102
Fotografia 38	Alvorada festiva.....	103
Fotografia 39	Alvorada festiva.....	103
Fotografia 40	Saída da casa da Capitoa, no dia 25 de dezembro.....	103
Fotografia 41	Saída da casa da Capitoa, no dia 25 de dezembro.....	103
Fotografia 42	Capitoa Aracilda Corrêa.....	104
Fotografia 43	Almoço da Juíza da festividade, no dia 25 de dezembro.....	105
Fotografia 44	Almoço da Juíza a festividade, no dia 25 de dezembro.....	105
Fotografia 45	Ritual da Cavahada.....	106
Fotografia 46	Ritual da Cavahada.....	106
Fotografia 47	Ritual da Cavahada.....	106
Fotografia 48	Missa campal, no dia 26 de dezembro.....	107
Fotografia 49	Dança no Teatro Museu da Marujada, no dia 26 de dezembro.....	107
Fotografia 50	Almoço do Juiz da festividade, no dia 26 de dezembro.....	108
Fotografia 51	Almoço do Juiz da festividade, no dia 26 de dezembro.....	108
Fotografia 52	Procissão de São Benedito, no dia 26 de dezembro.....	108
Fotografia 53	Procissão de São Benedito, no dia 26 de dezembro.....	109
Fotografia 54	Derrubada do Mastro, no dia 26 de dezembro.....	110
Fotografia 55	Encerramento da festividade.....	110
Fotografia 56	Leilão do Santo.....	111
Fotografia 57	Cacho de pitomba.....	111
Fotografia 58	Dança da Roda.....	113
Fotografia 59	Mirante de São Benedito, Vila do Camutá (Bragança-PA).....	124
Fotografia 60	Mirante de São Benedito, Vila do Camutá (Bragança-PA).....	123
Fotografia 61	Saída do cotejo da casa da Capitoa, no dia 25 de dezembro .....	132
Fotografia 62	Senhor Theodoro, Capitão da Marujada .....	137
Fotografia 63	Dona Aracilda, a Capitoa da Marujada .....	149

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Participante do ritual da Marujada segundo estado civil.....	120
Tabela 2	Participante do ritual da Marujada segundo profissão/ocupação.....	120
Tabela 3	Participante do ritual da Marujada segundo a opinião sobre quem deveria apoiar ou apóia a Marujada.....	127
Tabela 4	Participante do ritual da Marujada segundo a opinião sobre o que mais gosta na Marujada.....	133
Tabela 5	Participante do ritual da Marujada segundo sugestões para a manutenção da Marujada.....	134
Tabela 6	Participante do ritual da Marujada segundo tempo de participação.....	139
Tabela 7	Pessoas da família dos participantes que também estão na Marujada.....	139
Tabela 8	Participante do ritual da Marujada segundo participação na IMSBB.....	140
Tabela 9	Opinião do participante quanto à forma de manter a tradição.....	141
Tabela 10	Participante do ritual da Marujada segundo tempo que participa e se pretende continuar participando.....	142
Tabela 11	Participante do ritual da Marujada segundo escolaridade e se faz parte da IMSBB.....	143

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Participante do ritual da Marujada segundo faixa etária.....	119
Gráfico 2	Participante do ritual da Marujada segundo a cidade de nascimento.....	121
Gráfico 3	Participante do ritual da Marujada segundo escolaridade e renda mensal familiar.....	122
Gráfico 4	Participante do ritual da Marujada segundo freqüência de participação nas atividades da IMSBB.....	126
Gráfico 5	Participante do ritual da Marujada segundo sexo e freqüência nas atividades da IMSBB.....	126
Gráfico 6	Opinião do participante do ritual da Marujada sobre o aumento no número de visitantes à época da Marujada.....	130
Gráfico 7	Participante do ritual da Marujada segundo a opinião sobre o que menos gosta na Marujada.....	133
Gráfico 8	Participante do ritual da Marujada segundo a opinião sobre as modificações no ritual.....	135
Gráfico 9	Participante do ritual da Marujada segundo sexo.....	136
Gráfico 10	Participante do ritual da Marujada segundo sentimento de pertencimento à IGsBB.....	140
Gráfico 11	Participante do ritual da Marujada segundo sexo e se participa ativamente do processo de construção/planejamento das atividades da Marujada.....	143
Gráfico 12	Participante do ritual da Marujada segundo escolaridade e a opinião sobre a melhor forma de manter a tradição.....	144
Gráfico 13	Participante do ritual da Marujada segundo significado/importância do ritual para sua vida.....	146

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Benefícios e prejuízos do turismo no âmbito social.....	61
Quadro 2	Atores responsáveis pelo planejamento e execução da festividade de São Benedito.....	83
Quadro 3	Valores arrecadados nas esmolações em 2009.....	98
Quadro 4	Itens arrecadados no Leilão do Santo, ano 2009.....	111

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CDS</b>	Centro de Desenvolvimento Sustentável
<b>IBRAD</b>	Instituto Brasileiro de Administração para o Desenvolvimento
<b>IFPA</b>	Instituto Federal do Pará
<b>IGSBB</b>	Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança
<b>IMSBB</b>	Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança
<b>MTUR</b>	Ministério do Turismo
<b>PARATUR</b>	Companhia Paraense de Turismo
<b>PNE</b>	Pessoas com necessidades especiais
<b>PPGDS</b>	Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável
<b>PRODETUR</b>	Programa de Desenvolvimento do Turismo Sustentável
<b>PROECOTUR</b>	Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal
<b>UFT</b>	Universidade Federal do Tocantins
<b>ISEB</b>	Instituto Superior de Estudos Brasileiros



## SUMÁRIO

### LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE GRÁFICOS

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>1 DIFERENTES OLHARES: DE VISITANTE AO DE PARTICIPANTE</b> .....	19
1.1 O CAMINHO PERCORRIDO.....	23
<b>2 CULTURA, TURISMO E SUSTENTABILIDADE</b> .....	33
2.1 CULTURA E IDENTIDADE: CONCEITOS EM RE-CONSTRUÇÃO.....	33
2.1.1 Cultura brasileira: breves considerações.....	38
2.1.2 Cultura popular no Brasil.....	41
2.1.3 Patrimônio cultural imaterial: uma conquista recente.....	44
2.2 DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA NA AMAZÔNIA.....	50
2.2.1 Festas religiosas e populares.....	50
2.2.2 Tradição, festa e festividade: compreendendo o imaginário popular amazônico.....	55
2.3 TURISMO, CULTURA E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA.....	59
<b>3 A MARUJADA DE BRAGANÇA</b> .....	69
3.1 A PÉROLA DO CAETÉ: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA, GEOGRAFIA E DIVERSIDADE FISIOCULTURAL.....	69
3.2 ORIGEM E SIGNIFICADO DA MARUJADA.....	76
3.2.1 Benedito: o santo dos negros e humildes.....	77
3.3 O RITUAL E A IRMANDADE.....	79
3.3.1 Iniciando a festividade: os ensaios no barracão.....	91
3.3.2 Esmoladores de São Benedito.....	93
3.3.3 A romaria fluvial nas águas do rio Caeté e chegada das imagens peregrinas.....	99
3.3.4 A Alvorada.....	101
3.3.5 O rito do almoço e a Cavalhada.....	103
3.3.6 Dia 26 de dezembro: e “viva são Benedito!”.....	107
3.4 A FESTIVIDADE E AS DANÇAS.....	112
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	117
4.1 Aprofundando as discussões.....	117
4.2 Diálogos entre os atores.....	122

4.3 Perspectivas, críticas e sugestões dos atores.....	127
4.4 Participação: os diferentes olhares sobre a dinâmica cultural.....	134
4.5 Significados da Marujada: cultura, fé e devoção.....	144
<b>CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>154</b>
APÊNDICES	

## INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas a questão ambiental ganhou status de debate global, mobilizando, envolvendo e orientando governos e sociedade no processo de decisões e discussões nos âmbitos regional, nacional e internacional. Como resultados desses diálogos surgem os conflitos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais, motivados pelo confronto dos mais variados interesses. Por outro lado, observa-se um movimento crescente de ressignificação e valorização dos diversos modos de vida, de expressão e de convívio social.

Nos países em desenvolvimento o desafio ainda é maior. Nesses casos, a promoção do desenvolvimento sustentável deve levar em consideração as necessidades de crescimento econômico aliadas às urgentes demandas de redução da pobreza e conservação ambiental, questões estas intimamente relacionadas à crise da humanidade. A sonhada harmonia global, preocupação onipresente entre os governos e decantada em verso e prosa, encontra espaço nos debates sobre a multiplicidade cultural e resgate de tradições, comportamentos e valores, por vezes corroídos pelos investidas da globalização.

No plural universo cultural no qual o Brasil está inserido, há uma significativa expressividade no cenário de suas diversas regiões geográficas, no qual a cultura amazônica se apresenta de forma peculiar. Historicamente marcada por intensos processos de exploração econômica, social, política e ambiental, a Amazônia tem como um dos principais desafios o fortalecimento da identidade cultural de seu povo, traduzida nos hábitos, costumes, crenças, culinária, entre outros. Neste cenário, o estado do Pará assume papel de protagonista frente ao atual processo de globalização, por vezes homogeneizante, desigual e excludente.

O estudo do papel histórico do bicentenário ritual da Marujada de São Benedito de Bragança ressalta a importância da herança cultural do povo. Anualmente, depara-se com o envolvimento de uma multidão de devotos de São Benedito, o “santo preto”. O movimento de visitação no município à época da festividade contribui para o fortalecimento da manifestação no contexto da atividade turística, consistindo no principal atrativo turístico-cultural da localidade.

Trabalhar com temáticas relativas a turismo, cultura e sustentabilidade requer um olhar diferenciado, partindo de uma concepção transversal destas. A partir de uma perspectiva inter e transdisciplinar se busca congruar saberes científicos e não-científicos, articulando-os da forma mais fidedigna possível. A visão integradora da realidade deve, portanto, estabelecer conexões na construção de referenciais conceituais e metodológicos, respeitando a diversidade cultural.

Por esse olhar, percebe-se a importância da valorização das raízes histórico-culturais do negro e de comunidades autóctones. E mais, encorajada pelas possibilidades de contribuição pessoal na área do Turismo, apresentar à comunidade acadêmica uma das mais importantes manifestações culturais do Estado do Pará, tendo a atividade turística como pano de fundo, por ser uma das vias possíveis para o desenvolvimento sustentável da região. Acredita-se que a Marujada de São Benedito de Bragança é um patrimônio cultural, que por suas peculiaridades e riqueza ímpar deve ser conservado para as gerações futuras.

No caminho percorrido na investigação do tema, surgiram inúmeras indagações que foram interpretadas, analisadas e expostas neste trabalho. Dentre as questões que balizam o estudo, destacam-se: quando e como acontece a celebração dos rituais que compõem a Marujada?; Como ocorre o diálogo entre os sujeitos protagonistas da festa? (poder público, igreja e comunidade); qual o significado da Marujada para a Irmandade?; De que forma o turismo contribui para a conservação desse ritual e, finalmente, como se dá o processo de transmissão cultural entre as gerações?.

O objetivo deste estudo é analisar a produção do ritual da Marujada, a partir do conhecimento obtido por meio das entrevistas, tomando-se por base as percepções dos atores sociais envolvidos (poder público, igreja católica, empresários e comunidade) no planejamento, organização e promoção da Festividade de São Benedito. Neste sentido, investigou-se o contexto em que são concebidas as relações entre esses atores, elencando possíveis caminhos para conservação e salvaguarda dessa tradição.

A trajetória percorrida primou por focar o ritual da Marujada no contexto da Festividade de São Benedito; identificar as formas de conservação da tradição; verificar de que forma o turismo sustentável pode contribuir para a sua valorização; apurar o diálogo alimentado na festividade, bem como, gerar as informações que possam vir a contribuir para o planejamento, fortalecimento e consolidação da tradição como vetor de desenvolvimento local.

O caminho traçado também se fundamenta em observações feitas durante a festividade de São Benedito, no mês de dezembro, momento em que a manifestação do ritual da Marujada atinge seu apogeu. Religioso e profano caminham juntos, são indissociáveis. Na verdade a devoção a São Benedito se expressa através da Marujada. É fato, que também se constitui no elemento principal para desenvolvimento do turismo cultural no município de Bragança. É visível o aumento de visitantes no município durante o período da festividade, daí a importância de se delinear meios mais articulados de planejamento que contemplem todas as dimensões da sustentabilidade do desenvolvimento local sedimentado na tradição.

Na atualidade, a pluralidade cultural é tema que garante atenção da comunidade acadêmica, por abranger situações em que todas as culturas estão inseridas. Descobrir as origens, motivação e razões da sobrevivência das manifestações histórico-culturais instigam pesquisadores a prosseguir na investigação dessas tradições. Nessa concepção, é imprescindível o olhar multidisciplinar, eis que englobam tema nas áreas da sociologia, história, antropologia, psicologia, economia e turismo.

Nesta perspectiva, o presente trabalho se fundamentou em referenciais teóricos que possibilitaram a assimilação de diversas dimensões do tema. Além disso, as visitas *in loco*, o contato direto com os sujeitos protagonistas da Marujada e o acesso a documentos oficiais, favoreceu sobremaneira a mais ampla visão do objeto estudado. A análise qualitativa e quantitativa do material coletado nas entrevistas e questionários, respectivamente, dá consistência à pesquisa levada a efeito em Bragança. As entrevistas

Foram entrevistados os representantes do poder público local ligados às áreas do turismo e cultura, da igreja católica e da Irmandade da Marujada de São Benedito. Na aplicação dos questionários entre os marujos e marujas que participavam dos ensaios das danças durante a festividade de São Benedito, foi possível obter uma amostra significativa do universo daqueles que seguem o ritual.

O Capítulo 1 aborda os elos que unem a autora ao tema, delimitando de maneira fundamentada a metodologia utilizada. Discorre de modo detalhado sobre a transversalidade dos assuntos levantados. Demonstra a relação existente entre qualidade e quantidade, no sentido de que esses dados se complementam.

O Capítulo 2 explica a construção dos conceitos de cultura e identidade, fazendo um breve retrospecto histórico sobre a cultura popular no Brasil, bem como, sobre a recente conquista do reconhecimento do valor da cultura imaterial. Contextualiza a diversidade cultural e religiosa na Amazônia, explanando sobre os diferentes aspectos das tradições locais. Nesse entendimento, faz um *link* com a dimensão cultural da tão almejada sustentabilidade.

O Capítulo 3 apresenta o cenário em que o ritual da Marujada é produzido no município de Bragança. Ao mesmo tempo, revela os momentos mais expressivos da tradição tendo como base as observações apreendidas em campo. O item também atesta a estreita e indissociável correlação existente entre o ritual da Marujada e a Irmandade de São Benedito.

Para finalizar, o Capítulo 4 aprofunda as discussões sobre o cenário encontrado, analisando o perfil dos entrevistados e o diálogo entre os sujeitos. Prende-se, inclusive, à importância subjetiva que a Marujada tem para cada um de seus integrantes. Por fim,

aponta as perspectivas avistadas para a conservação do ritual, a partir de uma análise crítica das possibilidades.

Acredita-se que a forma escolhida para expor o trabalho contribui para a mais ampla compreensão, da essência e do fenômeno cultural da Marujada de São Benedito de Bragança, como tradição a ser conservada e valorizada pelos amazônidas, pois o importante não é o patrimônio em si, mas compreender seus significados e saber ressignificá-los. Contrário senso, o desconhecimento pode contribuir para o desaparecimento da tradição. No dizer de Lya Luft “[...] Estar informado e atento é o melhor jeito de ajudar a construir a sociedade que queremos, ainda que sem ações espetaculares”.

# 1 DIFERENTES OLHARES: DE VISITANTE AO DE PARTICIPANTE

## 1.1 O CAMINHO PERCORRIDO

Trabalhar com temáticas relativas a turismo, cultura e sustentabilidade requer um “olhar diferenciado”, partindo de uma perspectiva transversal destas questões. É necessário um olhar interdisciplinar na condução deste estudo, referendado pela própria feição do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável, no qual este documento está sendo desenvolvido. Ao longo do caminho percorrido, se procurou escutar essencialmente as vozes dos sujeitos que protagonizam a produção dos rituais da Marujada de São Benedito de Bragança, rumo à sustentabilidade cultural da manifestação.

A perspectiva interdisciplinar se constitui como uma prática intersubjetiva, capaz de produzir uma série de efeitos práticos, tanto no conhecimento científico, como também nos saberes não-científicos (LEFF, 2001). Assim, a discussão do estudo proposto abrange diferentes áreas do conhecimento, relacionando-as aos saberes locais oriundos dos mais de dois séculos de manifestação da Marujada na Amazônia. Para o autor, a reorientação das atividades acadêmicas e da pesquisa pressupõe que,

[...] a construção de uma racionalidade ambiental implica a incorporação do saber ambiental emergente nos paradigmas teóricos, nas práticas disciplinares de pesquisa e nos conteúdos curriculares dos programas educacionais. (LEFF, 2001, p.202).

O olhar inter e transdisciplinar na pesquisa contribuem para dar à análise um caráter subjetivo, que pretende ser o mais fiel possível da realidade revelada em campo.

O estudo de caso é a metodologia adequada para o aprofundamento de estudos de fenômenos históricos e suas relações com os fenômenos contemporâneos que, por sua vez, contribuem para a compreensão que se tem dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos de determinado grupo. O diferencial no caso desta metodologia está no fato de que esta pode lidar com uma ampla variedade de evidências como documentos, artefatos, entrevistas e observações. Assim, a percepção do objeto de estudo, sob o olhar da complexidade das relações existentes, tende a ser revelada no estudo de caso com foco na conservação das características significativas dos rituais que integram o fenômeno da Marujada.

Na perspectiva das Ciências Sociais Aplicadas, a transversalidade dos temas abordados nesta pesquisa, quais sejam sustentabilidade cultural e turismo, corrobora para a

idéia de que celebrações de tradições seculares, como a Marujada de Bragança, devem ser fortalecidas por seus protagonistas. Tal fato considera o aspecto dinâmico da cultura e favorece discussões aprofundadas sobre a complexidade das inter-relações existentes entre os temas. De certa forma, o turismo compreende um campo de estudo que considera inúmeros saberes interligados a ele como a antropologia, sociologia, a psicologia, a espiritualidade e a educação.

Esta pesquisa institui um diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo de realização da Marujada, e permite discutir os papéis, expectativas e atuações que compõe o contexto. Assim, como estratégia de pesquisa, se utilizou o estudo de caso como orientação para a descoberta das questões de como acontecem as relações socioculturais na manifestação dos rituais da Marujada de Bragança - Pará, que ocorre há mais de 211 anos. A forma como essa tradição é vivida e o significado dessa festa natalina para os participantes dos rituais traduz uma riqueza cultural única. A identidade que marca essas pessoas é resultado de uma miscigenação cultural de expressivo valor, alimentada pela resistência à cultura dominante dos povos europeus e as mudanças temporais que por ventura vem se interpondo à manifestação, e que pode resultar na ressignificação.

O resultado da pesquisa será analisado a partir de uma abordagem *qualiquantitativa*, sendo que a análise qualitativa precede o estudo do material coletado na pesquisa quantitativa. Os assuntos aprofundados na análise das questões qualitativas servirão de fundamento para a discussão e análise da questão de estudo. Na perspectiva de identificar e/ou traçar um quadro analítico com o perfil do grupo estudado, serão confirmados ou refutados os dados apresentados.

A integração entre as abordagens qualitativa e quantitativa na pesquisa favorece a complementaridade das discussões apresentadas no estudo, uma vez que, a pesquisa qualitativa aborda as relações de forma aprofundada e a quantitativa permite a construção de uma análise do cenário estudado (indicadores externos). Para Geertz (1989) dessa forma efetiva-se a “compreensão dos fatos sociais”. Sob essa perspectiva, a construção do conhecimento pelo pesquisador dá-se mediante o diálogo entre os universos do pesquisador e do pesquisado. Para Palmeira (1977, p.62) é a partir da conjunção entre pesquisa quantitativa e qualitativa que o pesquisador poderá ter maior segurança no que diz respeito à “confiança de que seus dados são produtos de um procedimento específico ou de alguma situação particular”.

No que se refere à metodologia, para Denker (1998), o estudo de caso consiste num estudo profundo e exaustivo de determinada situação ou objeto, pois permite o conhecimento aprofundado nos processos e nas relações sociais. Sugere que, por ser uma



ferramenta flexível, pode envolver diversas técnicas de pesquisa. Dessa forma, portanto, foi trabalhada a pesquisa de campo.

Entre as etapas previstas para a realização da pesquisa, inicialmente foi elaborado um roteiro com questões de entrevista abertas e/ou semi abertas, para ser aplicado junto aos sujeitos que estão na linha de frente ou envolvidos diretamente com o planejamento e operacionalização dos rituais da Marujada. Entre os que se destacam, estão: o presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança – IMSBB; a Capitoa e o Capitão da Marujada; os secretários de cultura e de turismo do município de Bragança; a igreja católica, representada pelo presidente da festividade.

As entrevistas gravadas foram realizadas com as pessoas que lideram e/ou são responsáveis pelo planejamento e organização dos rituais da Marujada. Para Yin (2005) as entrevistas são fonte essencial de evidências para o estudo de caso, pois a maior parte trata de questões humanas. Questões essas que serão discutidas ao longo da pesquisa.

No que se refere aos questionários aplicados, no universo de 280 membros inscritos na Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança – IMSBB, em 2009, foram aplicados 179 questionários com perguntas fechadas, abertas e semi-abertas. A dinâmica da aplicação do instrumental teve como critério a participação das pessoas como marujas e marujos de São Benedito, conforme denominação dos mesmos, sendo a escolha feita de forma aleatória durante a festa.

No primeiro contato durante a festividade de 2008, foram realizados apenas registros fotográficos e observações de campo durante parte dos principais ritos da Marujada. O trabalho de campo, de forma sistemática teve início no dia 03 de setembro de 2009, data comemorativa à fundação da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, onde aconteceu um evento no Mirante de São Benedito, situado no outro lado da margem do Rio Caeté, no município de Bragança. A pesquisa quantitativa foi realizada em dezembro de 2009, na segunda quinzena do mês, durante a Festividade de São Benedito. A festividade acontece no período de 18 a 26 de dezembro, de acordo com o calendário fixo e, recentemente, incluído no calendário turístico do Estado do Pará.

O instrumento utilizado na pesquisa quantitativa foi um questionário estruturado, com aplicação da técnica de entrevistas diretas pessoais, com perguntas abertas, semi-abertas e fechadas. Na fase de planejamento, foi aplicado um pré-teste das variáveis a serem aplicadas com alunos voluntários para a pesquisa.

A aplicação de questionários foi realizada com a colaboração dos alunos da primeira turma do Curso Técnico em Eventos do Instituto Federal do Pará - IFPA, campus Bragança. Para tanto, os mesmos receberam treinamento a fim de compreender não só objetivo do trabalho como também de que forma coletar as informações necessárias para a pesquisa.

Em contrapartida à contribuição dos alunos para a aplicação dos questionários, foi viabilizada a contagem de horas para compor o estágio de campo obrigatório do Curso.

A coleta de dados foi realizada durante os diversos encontros de marujos e marujas nas comemorações da Festividade de São Benedito, no mês de dezembro. A tabulação foi trabalhada com questões abertas e fechadas. Para as questões fechadas, a análise dos dados foi feita por meio das frequências absoluta e relativa e, as questões abertas foram tratadas mediante o processo de categorização, partindo de temas que surgem da frequência das respostas, a fim de verificar as diferenças e semelhanças entre as respostas encontradas para maior profundidade da análise. Após a análise, são definidas categorias de respostas.

No corpo do trabalho, serão apresentados os cruzamentos mais pertinentes para a análise do material coletado. Os resultados mais significativos serão analisados *quali* e quantitativamente nas considerações finais e demonstrados por meio de gráficos, tabelas e quadros, para recomendações aos sujeitos envolvidos no processo de produção dos rituais da Marujada.

Quanto à elaboração do questionário, optou-se pelo anonimato dos entrevistados, o que permitiu analisar aspectos objetivos e subjetivos, contribuindo para o estudo dos fenômenos sociais. Além de favorecer a obtenção de uma gama diversificada de informações e dimensões essenciais para a análise do objeto. Para Silva (1997, p. 10), a antropologia dialógica orienta que “[...] é impossível fazer pesquisa de campo sem a necessária instauração de um compromisso com os nativos, pois as informações não são extraídas, mas construídas a partir de uma relação estabelecida entre os sujeitos sociais diferenciados”.

Na pesquisa de campo, além das entrevistas, utilizou-se um diário de campo para anotações das observações diretas e observações como participante/expectador do processo de planejamento e execução dos rituais da Marujada. Houve uma abertura acolhedora para minha participação como pesquisadora nos momentos de planejamento e das atividades da Irmandade. Sempre que solicitado, me foi permitido realizar entrevistas, bem como, ter acesso ao acervo histórico existente no Teatro Museu da Marujada. Fato interessante de constatar como observadora participante é a possibilidade de perceber a realidade a partir do olhar de quem participa efetivamente como maruja e como marujo.

Entende-se que os rituais constituem importantes expressões de liberdade, marco que tem prestigiado pessoas que vivem à margem da sociedade. Em especial, a continuidade dos rituais da Marujada e as relações dele resultantes, devem ser trabalhadas de forma a se perpetuarem, na condição dinâmica da cultura. As pessoas vivem os rituais, experimentam em suas vidas cotidianas as alegrias e dissabores de ser parte dessa manifestação com

mais de duzentos anos de existência. Para isso, Yin (2005, p. 20), afirma que o estudo de caso:

[...] permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real, tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de setores econômicos.

É, portanto, a metodologia mais adequada para a proposta do estudo aqui exposto. Além disso, serviu de referência para o estudo, a pesquisa bibliográfica e documental dos rituais da Marujada, por meio do levantamento de estudos e pesquisas feitos sobre o tema. No que se refere à bibliografia encontrada, têm-se as obras de Dedival Brandão da Silva (1997) e Ubiratan Rosário (2000) a base desta pesquisa. Outros autores paraenses de grande destaque foram consultados, a fim de subsidiar e enriquecer as discussões.

Nas entrevistas, buscou-se o resgate da história oral. Para Freitas (2002) o método de história oral possibilita uma nova perspectiva/versão de certos fatos na medida em que permite “dar voz a múltiplos e diferentes narradores”. A técnica permite que a própria comunidade envolvida em um processo seja o agente construtor da memória/realidade de um determinado fato ou contexto. Isso significa que, por meio das memórias individuais e coletivas será possível traçar de fato a trajetória do problema a ser estudado.

A credibilidade da fonte oral não deve ser avaliada por aquilo que o testemunho oral pode freqüentemente esconder, por sua inexatidão para com os fatos, mas na divergência deles, onde imaginação e simbolismo estão presentes (FREITAS, 2002, p. 73).

A subjetividade inerente à história oral constitui a riqueza do método. É na experiência do contato com o informante que aspectos fundamentais podem ser observados e incorporados ao estudo. Bosi (2003) estimula a interpretação da lembrança e do esquecimento, para que os pesquisadores intuitivamente possam decodificar o que não foi dito e/ou esquecido.

Em dezembro de 2008 e em dezembro de 2009, a participação como observadora direta na Festa de São Benedito possibilitou o registro fotográfico de vários momentos e ritos que compõem a manifestação, ampliando as percepções sobre a tradição, enriquecendo a pesquisa. Tais registros aparecem ao longo do trabalho, de acordo com contexto da análise, para que seja possível visualizar a dimensão dos momentos mais significativos que integram os rituais. Entre inúmeros momentos que consagram os rituais, destacam-se: os ensaios das danças; as esmolações; a romaria fluvial; o encontro das

imagens na igreja; a alvorada festiva; a cavalhada; o almoço do juiz e da juíza; o leilão do santo; a procissão e a festa.

Assim, priorizou-se a observação direta como técnica de pesquisa, somadas às entrevistas (formais e informais); aos questionários; aos relatos pessoais; a catalogação fotográfica, jornalística e poética, os quais colaboraram para abrilhantar a pesquisa com diferentes olhares capazes de revelar a essência da tradição estudada. A combinação efetiva e integrada dessas técnicas de pesquisa viabilizou a complementaridade no estudo do fenômeno sociocultural, o que favoreceu a captação das relações existentes. Buscou-se compreender de maneira ampla os fatos observados, levando em conta a complexidade dos mesmos.

Para a coleta de dados e aplicação dos questionários, foi fundamental a participação dos alunos do curso técnico em eventos, do Instituto Federal do Pará – Campus Bragança, curso no qual a autora é professora. Além é claro dos sujeitos que, de fácil e pronto acesso, contribuíram sobremaneira para a realização do estudo. Seus olhares permitiram compreender e apreender o real significado da Marujada para cada um dos entrevistados e para o contexto da região bragantina.

Neste sentido, Oliveira (2006, p. 19) observa que durante a pesquisa de campo, deve-se considerar o fato de que,

[...] talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isto porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade.

Dessa forma, sob o olhar interdisciplinar do turismo enquanto área de estudo, a dimensão sociocultural merece destaque como fio condutor da pesquisa de campo, pois se trata de um momento especial do estudo, planejado de maneira cuidadosa e zelosa. Interessante destacar a abordagem que Rey (2005) faz a respeito da necessidade de imersão do pesquisador no campo que se realizará a pesquisa. Este, por sua vez, deve assumir uma postura de sujeito da produção de conhecimento, além de criar um campo de atuação favorável e acolhedor.

Os desafios encontrados no decorrer do trabalho dizem respeito ao processo gradual da participação do outro, que acontecem por meio da comunicação, do diálogo. Para tanto, foi considerado o aspecto qualitativo da pesquisa como elemento essencial para complementar as questões quantitativas levantadas. Por outro lado, o caráter quantitativo

dado à pesquisa contribuiu sobremaneira para a avaliação e considerações sobre a experiência vivida no campo.

Rey (2005) ressalta a necessidade do pesquisador em transformar-se no seu próprio sujeito do seu pensamento que, por sua vez, analisa as contradições das informações obtidas no diálogo. Na prática, isso resulta em não se prender à lógica na qual a neutralidade está diretamente ligada à passividade. Concordando com Macedo (2006, p. 96)

[...] Como seres, sujeitos sociais, os cientistas possuem interesses, motivações, emoções, superstições, cultivam mitos e, portanto, vivenciam um imaginário socialmente construído. Como sujeitos, são membros de uma determinada classe social, representam a expressão de gênero do grupo profissional e algumas instituições.

Não é possível ser neutro diante de um cenário que fala muito sobre raízes, memória e história de vida como é a realidade cultural amazônica. Como autora e observadora participante, se pode perceber a intrínseca relação existente entre manifestação cultural e vida cotidiana, traduzidas na crença demonstrada na vivência dos rituais da Marujada. A experiência singular desses sujeitos revela uma ligação espiritual que é nutrida em cada encontro, em cada ensaio, em cada apresentação.

Por outro lado, a sociedade da região norte experimenta certo preconceito no sentido de respeito ao reconhecimento dos valores e da importância do patrimônio cultural da região, do caboclo amazônico, do interiorano. Tal fato fica ainda mais explícito com relação às verbas destinadas à pesquisa para o resgate da memória e do patrimônio cultural imaterial e material locais. Isso tudo, evidentemente, em comparação aos investimentos aplicados em pesquisa nas regiões sul e sudeste do Brasil.

É justamente a partir dessa realidade e do envolvimento pessoal e afetivo da autora com o tema, que se percebeu a necessidade de estimular e buscar garantir que a manifestação da Marujada se perpetue. Também, partindo de sua relevância como patrimônio cultural para o município e estado do Pará como um todo, tem-se o fato de que o turismo está se aproximando dessa manifestação. Dialogar com os sujeitos é de fundamental importância a fim de identificar como a cidade está organizada ou não para essa aproximação, vislumbrando quais alterações isso pode trazer.

Para Oliveira (2006), o momento mágico da pesquisa corresponde ao resultado do “caráter constitutivo e interligado do olhar, do ouvir e do escrever” que existe no processo de investigação científica. Nessa pesquisa em particular, o momento mágico foi despertado quando do encontro com o senhor Theodoro, Capitão da Marujada, ao final da missa campal, no dia da festa de São Benedito, 26 de dezembro de 2009. Foi possível perceber que, além da devoção ao santo os rituais das danças para marujos e marujas têm um elo

emocional muito forte. O significado vai além da festa, das danças, do encontro, do pagamento de promessas, pois transcende aquilo que é dito, revelado em palavras por aqueles que experimentam a alegria e gratidão a São Benedito ou para quem participa de “olhos e ouvidos bem atentos”.

Nas entrevistas considerou-se inclusive a questão da diferença entre o mundo do pesquisador e o do local que se deseja penetrar, o que Oliveira (2006, p. 23) define como “idiomas culturais”, momento no qual ocorre o confronto entre esses dois mundos, a partir do contexto onde acontecem as entrevistas. A sensibilidade e o olhar do entrevistador devem nortear esse momento para que haja compreensão dos “idiomas”. De acordo com Moroz (2006, p. 79),

A entrevista tem a vantagem de envolver uma relação pessoal entre pesquisador/sujeito, o que facilita um maior esclarecimento de pontos nebulosos. [...] As perguntas mais livres são aquelas que menos limitem impõem ao sujeito, contrariamente às perguntas estruturadas cujos limites são impostos pelo pesquisador. Sejam elas livres (abertas) ou estruturadas, a previsão de análise tem função essencial: no caso das questões estruturadas, é a partir delas que as opções de resposta são formuladas; no caso das questões livres, é, ainda, a partir da previsão de análise que o roteiro de entrevista é elaborado.

Com as entrevistas, pretende-se analisar o discurso, a prática e as inter-relações dos temas a serem trabalhados na pesquisa. A importância de o pesquisador estar atento ao grupo de indivíduos estudados pode ser traduzida na afirmativa de que,

Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar. [...] é no processo de redação de um texto que nosso pensamento caminha, encontrando soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados provenientes da observação sistemática. (OLIVEIRA, 2006, p. 32).

Para Rey (2005) é importante ressaltar que o engessamento do objeto de pesquisa às variáveis pré-determinadas pelo pesquisador não contribui para uma construção teórica livre, na qual a ação criativa do pesquisador, no que se refere ao trabalho de campo, possibilita o desenvolvimento de diversos instrumentos de pesquisa. O autor resalta que “é no interior do campo que se definem os diferentes momentos da pesquisa em uma processualidade impossível de ser controlada por nenhum tipo de *a priori*” (REY, 2005, p. 80). Ainda de acordo com o autor,

[...] A pesquisa qualitativa proposta por nós representa um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. (2005, p.81).

No decorrer da pesquisa teórica surge a necessidade de inserção de novos fatos, idéias e instrumentos que contribuam para a construção da pesquisa, num movimento dinâmico e processual. Aí está o desafio do pesquisador, sobretudo em observar a qualidade da informação produzida, num movimento contrário à realidade de diversas instituições que o aprisiona/limita em regras imutáveis.

Neste caso, a pesquisa quantitativa utilizada considerou a importância de integrar os dados qualitativos aos quantitativos, a fim de que ambas as abordagens contribuam para um olhar mais completo do objeto social e dos sujeitos sociais neles envolvidos (GOLDENBERG, 2004). Ainda para a autora, a possibilidade de “triangulação” da pesquisa permite uma combinação efetiva e integrada de metodologias diferenciadas no estudo de um mesmo fenômeno, que pode ser confirmada na afirmação de que “é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social” (GOLDENBERG, 2004, p. 63). O olhar interdisciplinar se constitui em uma transversalidade no presente trabalho, não só pelo próprio perfil do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGDS), como também pela formação da área de experiência profissional da autora no campo do turismo.

As reflexões sobre os dados coletados constam no capítulo sobre a discussão dos resultados, no qual é analisado de forma mais aprofundada o resultado da pesquisa de campo. Além de considerar suas contribuições para o fortalecimento das relações identificadas na manifestação dos rituais da Marujada, relacionando-a com o desenvolvimento da atividade turística, na teoria e prática. A devolutiva para a comunidade será especialmente considerada, tendo em vista que o sentido maior da pesquisa científica é a contribuição para a comunidade estudada fornecendo subsídios à aplicação de políticas públicas e empoderamento local por meio de sugestões para o planejamento e regulação da atividade.

Efetivamente, o olhar como pesquisadora se transformou processual e gradativamente, ao longo do maior envolvimento com os sujeitos e com o tema, além da investigação a partir da saída do senso comum e ingresso nas dimensões do assunto estudado. Ainda, a análise das correlações existentes entre a atuação dos inúmeros sujeitos envolvidos nos rituais, possibilitou a composição do cenário em que a manifestação ocorre acrescida do olhar não mais pré-concebido da autora.

Cumprir registrar que houve uma acolhida e abertura muito especial por parte do presidente da Irmandade, bem como, da maioria dos irmanados. É possível que a credibilidade resultante do fato de residir em Bragança e fazer parte de uma instituição pública federal, contribuiu para que os laços de confiança e abertura fossem facilitados. Além, é claro, da oportunidade dada à autora para o exercício de empatia e humildade, numa posição de aprendizagem, sempre.

A ordem seguida neste trabalho tem por finalidade contribuir para a valorização do objeto de estudo, de modo que o cenário seja traçado de forma clara e envolvente, cuja questão principal é o fato de que a Marujada deve continuar viva, fortalecida e valorizada por todos os sujeitos envolvidos direta e indiretamente com a mesma. Assim, no segundo capítulo é apresentada uma discussão sobre o processo de construção dos conceitos de cultura, turismo e sustentabilidade, abordando aspectos da cultura popular brasileira em breves considerações, perpassando pelas definições de patrimônio cultural imaterial, relacionando-o com a diversidade cultural e religiosa da Amazônia. No terceiro, é feita a caracterização da região bragantina, destacando seus principais antecedentes históricos e a diversidade natural e sociocultural, abordando os aspectos físicos, geográficos, econômicos e sociais do município. Neste momento, é apresentada a Marujada, origens e significados, partindo da descrição dos diversos momentos que compõem o rito e a festividade. Por fim, no quarto capítulo, consta a análise feita durante a pesquisa de campo, resultado das observações, entrevistas e questionários aplicados, avaliando, inclusive, a formação da identidade dos sujeitos, suas percepções e expectativas em relação aos rituais da Marujada. Ainda sim, a discussão traz recomendações para a Irmandade, para sociedade bragantina e para o Estado, a fim de contribuir para o fortalecimento da sustentabilidade cultural da manifestação estudada.



## 2 CULTURA, TURISMO E SUSTENTABILIDADE

“Cultura é toda criação humana. Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também a maneira que o povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar enquanto trabalha. Cultura são os instrumentos que o povo usa para produzir. Cultura é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é a ginga dos corpos do povo ao ritmo dos tambores”.

(FREIRE, 2005)

Ao citar Paulo Freire, extrai-se a essência do diversificado universo sociocultural, no qual o Brasil está inserido, em que se assiste a uma significativa expressividade cultural distribuída nas diversas regiões brasileiras, contexto em que a cultura amazônica se apresenta de forma singular. Historicamente marcada por intensos processos de explorações econômica, social, política e ambiental, a Amazônia tem, na atualidade, como um dos principais desafios, o fortalecimento das identidades culturais locais. Tal singularidade é formada, essencialmente, pelos hábitos, costumes, crenças, culinárias e manifestações que se reafirmam frente ao atual processo homogeneizante e excludente da globalização. A sustentabilidade, tal como se espera em todas as dimensões, pressupõe continuidade.

### 2.1 CULTURA E IDENTIDADE: CONCEITOS EM RE-CONSTRUÇÃO

“Dança, Marujada!  
Dança a apoteose das tuas danças!  
Deixa fluir desse universo colorido, toda a explosão da tua magia!  
Dança, Marujada!  
Deixa o bragantino delirante;  
Deixa pasmado o visitante, estonteado com o gingado dessas danças!  
Dança, Marujada!  
Sai desse acanhado Barracão;  
Vai pelas ruas de Bragança, mais visível, mais solta, mais livre, com teus pés descalços, dançando mais livre, pisando mais no chão!  
Dança, Marujada!  
Expande esse brilho cultural, enfeita com tuas cores nossas ruas, como se fossem estradas de emoção!  
Dança, Marujada!  
Dança a festa do bicentenário!...  
E pede a Benedito, Protetor, que vivas séculos, em beleza e graça, ungida com os acordes de uma Valsa, embalada pelo som do Retumbão!”

(CASTRO, 1998)

Os versos descritos acima, na poesia de Aviz de Castro, abordam os temas que serão tratados neste capítulo, relacionando-os com a necessidade de se conservar a Marujada como manifestação cultural centenária e secular que integra diversos rituais com singularidades e belezas próprias diante de um processo crescente de visitação ao município de Bragança à época da festividade. A expressão cultural de um povo constitui uma das essências do turismo que se quer sustentável. O olhar do visitante atua como bússola a orientar ações e estratégias que garantam a manutenção e o reforço das diversidades socioculturais.

As diferenças de comportamento entre os indivíduos nas diversas culturas existentes, desde a Antiguidade, apresentam variações que levam a identificar especificidades da cultura brasileira e do processo de formação da identidade nacional. A compreensão dessas diferenças é constatada no cotidiano do mundo contemporâneo, nos usos e costumes do mundo *civilizado*. O que leva a crer que o turismo é um dos principais canais de intercâmbio inter étnico.

Para os antropólogos, as diferenças genéticas não são determinantes das multiplicidades culturais. O que significa que toda criança, de qualquer origem étnica, pode ser educada em cultura diferente da sua origem e se adaptar a ela. Assim, as diferenças são determinadas culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica. Depende, portanto, de um processo de aprendizado, reforçando a perspectiva de que “[...] as diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente”. (LARAIA, 2004, p. 24).

Para compreender tais diferenças, é necessário entender o conceito de cultura. A definição tem origem no final do século XVIII e início do século XIX, com o termo alemão *Kultur* “que simbolizava todos os aspectos espirituais de uma comunidade” (LARAIA 2004, p. 25). O antropólogo britânico Edward Tylor (1832-1917), considerado o pai do conceito moderno de cultura, definiu o seu significado por meio da palavra inglesa *Culture* que exprime “[...] este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LARAIA, 2004, p.25). Tal conceito refuta a idéia da cultura ser transmitida por meio biológico, ganhando espaço gradativamente no meio das ciências sociais, ratificado por antropólogos contemporâneos.

Entretanto, as discussões acerca do conceito de cultura ampliaram as possibilidades de debates. Surgiu entre os pesquisadores antropólogos, a necessidade de reorientar o universo conceitual para uma orientação mais particularizada, afastando a crença da intervenção biológica no comportamento cultural. À época, estudos difundiam a idéia de que

a cultura se desenvolve de maneira uniforme, isto é, os ciclos se repetem nas diversas sociedades.

O antropólogo alemão Franz Boas (1858/1949), criador da Escola Cultural Americana, afirmava que cada cultura segue os seus próprios caminhos, em função dos diferentes eventos históricos que vivenciou. No mesmo sentido, Laraia (2004) afirma que ao contrário do pensamento leigo a respeito da crença nas qualidades (positivas ou negativas) adquiridas por transmissão genética, o perigo está na tentativa de justificar as diferenças sociais associando-as com tipos de discriminações raciais e sociais. Para ele,

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2004, p. 45).

Contudo, outros fatores colaboram para o desenvolvimento integral do ser humano. A análise dos aspectos que formam o indivíduo deve buscar um olhar mais apurado, posto que “[...] a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo”. (LARAIA, 2004, p.49).

Nesse entendimento, Laraia (2004) apresenta a cultura como um processo acumulativo que possibilita à criança, por meio da comunicação verbal, receber o conhecimento e informações acumuladas pelo meio em que ela vive. O autor completa que toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais. O que resulta em um interminável processo de acumulação de conhecimento e informação, relacionado diretamente à possibilidade do homem em se comunicar oralmente.

Isso significa que, mesmo que a natureza crie indivíduos inteligentes é necessário que tais indivíduos tenham a oportunidade e o acesso ao material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária (LARAIA, 2004). Esclarece que a compreensão do conceito de cultura está inserida num espaço de discussão que se mantém de forma contínua e perene, pois está relacionada com a compreensão da própria natureza humana. Além disso, como produtos de uma herança cultural têm-se as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e as posturas corporais, que são, portanto, resultados da intervenção de uma determinada cultura.

O etnocentrismo, por sua vez, é considerado um fenômeno universal baseado na crença de que a própria sociedade é o centro do universo e, em casos extremos, é responsável pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. Para Laraia (2004, p. 74), por vezes, os comportamentos etnocêntricos “[...] resultam em apreciações negativas dos

padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais”.

Interessante ressaltar que, usualmente atribui-se lógica somente aos sistemas culturais que se vivencia e, em diversas situações costuma-se discriminar os usos culturais alheios. Por outro lado, os hábitos culturais devem ser analisados a partir do sistema ao qual o indivíduo pertence, considerando as variáveis nele encontradas. As relações de causa e efeito são percebidas de maneira diferentes por homens que possuem culturas diferentes, o que o antropólogo inglês Rodney Needham (*apud* Laraia, p.92) denomina de “culturalmente cego”, isto significa que ao entrar em contato com hábitos culturais diferentes deve-se estar aberto para compreendê-los a partir da perspectiva daquele que faz parte da história.

Para ilustrar, no Brasil, tem-se a concepção dos índios Tupi e apresenta que,

[...] a criança depende exclusivamente do pai. Ela existe anteriormente como uma espécie de semente interior do homem, muito tempo mesmo antes do ato sexual que a transferirá para o ventre da mulher. No interior desta, a criança se desenvolve sem estabelecer nenhuma relação consangüínea com a esposa do pai. A mulher não passa, então, de um recipiente próprio para o desenvolvimento do novo ser. E ela será sempre uma parenta afim tanto de seu marido quanto de seu filho. Esta teoria permite o matrimônio entre meio-irmãos, isto é, jovens que tenham a mesma mãe e pais diferentes. (LARAIA, 2004, p. 90).

O Brasil possui a herança cultural essencialmente indígena e negra, portanto, miscigenada, por vezes incompreendida ou inaceitável de acordo com os registros históricos. Para Laraia (2004, p. 91), “as explicações encontradas pelos membros das diversas sociedades humanas, portanto, são lógicas e encontram coerência dentro do próprio sistema”. Com relação a isso, tem-se o fato de que a cultura é dinâmica, pois os homens têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los, de acordo com as aspirações do momento em que a sociedade vive.

Isso significa que as transformações culturais podem ser de natureza interna e externa. No que se refere à natureza interna, esta é resultado da dinâmica do sistema cultural no qual o indivíduo está inserido. Já a de natureza externa, mais recorrente nas sociedades humanas, resulta do contato e troca entre sistemas culturais diferentes e diversos.

Vinculada ao caráter dinâmico da cultura que, por sua vez, é continuamente resignificada, o fenômeno da aculturação tem origem nas mudanças das dimensões política, econômica, ambiental e social. As conseqüências de tais mudanças nas práticas culturais de determinada sociedade se faz, também, pela ação do tempo, que é um importante elemento para se analisar uma cultura. Por outro lado, embora comuns, as mudanças envolvem conflitos entre as tendências inovadoras, que contestam a

permanência dos hábitos, e as conservadoras, que pleiteiam a permanência inalterada dos mesmos.

Os modelos de comportamento, inclusive, sofrem constantes ponderações a respeito dos padrões reais e ideais. A mudança altera o arquétipo ideal, aquilo que se almeja, e apresenta o real, aquilo que é o fato como se apresenta. Fernandes (1961) explica que as diferenças de mentalidade são manifestadas nas diversas maneiras de conduta e interpretação de fatos e ações, em face dos diferentes níveis culturais resultantes das desigualdades de oportunidade de participação, bem como da cultura de cada grupo vislumbradas no contexto social como um todo.

Para Barreto (2000), o legado cultural mantém a diversidade presente na manifestação cultural, como um elo dos povos com seu passado. Complementa afirmando que,

[...] a continuidade e a contigüidade com o passado dão certezas, permitem traçar uma linha na qual nosso presente se encaixe, permite que saibamos mais ou menos quem somos e de onde viemos, ou seja, que tenhamos uma identidade. (BARRETO, 2000, p.43).

Na modernidade, ao conceito de identidade atribui-se uma flexibilidade relacionada com as experiências construídas historicamente, sujeita as transformações e novidades no diálogo com o Outro. Inclusive, assume caráter de pertença a determinados grupos ou funções na sociedade, como religiosos, políticos, pais, mãe, educadores, entre outros. Já na pós-modernidade, o sujeito passa por um processo de fragmentação, assume “[...] múltiplas identidades, que coexistem e se manifestam em razão de fatores diversos, externos ou internos a ela”. (BARRETO, 2000, p. 45).

Concordando com Leff (2004) as identidades coletivas se constituem a partir da diversidade cultural e da diferença, que devem resultar na mobilização dos atores sociais a fim de criar estratégias alternativas para que aconteça o diálogo entre os seres, entre os saberes. Percebe-se na sociedade atual, uma constante adaptação às circunstâncias do cotidiano em todas as áreas da vida e aos grupos aos quais pertence. Para Barreto (*idem*), no conceito de identidade está intrínseco o sentimento de pertença, partilhado por membros que possuem referências comuns, como uma mesma história, tradição, costumes. O que contribui para uma sensação de segurança, frente às incertezas e demandas da modernidade.

Por outro lado, como resultado da globalização e do abismo das desigualdades sociais enfrentadas na sociedade, as pessoas, hoje, se sentem mais sós, com novos medos que surgem do desconhecido, das incertezas do porvir, da distância subjetiva do outro. O mundo tem pressa. Pressa por viver o hoje, comprometendo o amanhã com seqüelas por vezes incuráveis.

Recuperar a identidade coletiva ou mesmo reforçá-la consiste num desafio dos tempos atuais. O turismo deve, portanto, assumir o papel de motivador no fortalecimento dos laços coletivos, da recuperação da memória e valorização da diversidade cultural. Como consequência desse movimento, a conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural de determinada comunidade se torna inevitável.

As novas identidades e interesses como resultado do saber ambiental estimula o surgimento de atores sociais que possuem outra relação entre teoria e práxis. Para Leff (2001), a qualidade de vida como finalidade do ser humano implica um saber viver no qual o sentido e valor da existência serão determinantes das necessidades básicas e suas preferências culturais. Na sociedade, o diálogo de saberes deve ser sustentado por valores que incluem as identidades culturais e étnicas e os sentidos da existência do simbólico (LEFF, 2004).

Face às exposições supra relacionadas, conclui-se que a identidade cultural é formada a partir de uma construção histórica resultante do meio em que o indivíduo está inserido. Os usos e costumes são determinados culturalmente. Além disso, o acesso a diferentes realidades socioculturais contribui sobremaneira para a atenuação do preconceito e distanciamento da realidade do outro.

### 2.1.1 Cultura Brasileira: breves considerações

Com relação à cultura brasileira e identidade nacional, a discussão versa a partir de um debate que vem sendo tratado e que se resume na definição de cultura brasileira a partir do que é exterior. Isso quer dizer que se toma a referência a partir do que lhe é diferente e, por vezes, partes de comportamento importado dos chamados países do primeiro mundo. Mas a identidade da cultura brasileira possui ainda a dimensão interna, marcada por conflitos sobre o significado do que é ser nacional.

Para Ortiz (2006), a problemática da cultura brasileira está intimamente relacionada a uma questão política, vinculada, inclusive, por uma reinterpretação do que é popular por parte dos diversos grupos sociais que compõem a sociedade brasileira e à própria construção do Estado brasileiro. Para o autor, “[...] não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. (ORTIZ, 2006, p. 8). Portanto, ao se falar em cultura brasileira está implícita a abordagem das relações de poder existentes no conceito.

A história brasileira é apreendida por dois elementos fundamentais para a construção da identidade: o popular e o nacional. Merece destaque a problemática racial, que se

apresenta de forma abrangente e é observada por cientistas sociais como a base que fundamenta e orienta a política, a história, a estrutura social e a moral das sociedades, particularmente a brasileira. Nesse sentido, para Canclini (2008, p. 205), “[...] O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado”, enquanto que o nacional se reporta à esfera da formação de um Estado nacional (ORTIZ, 2006).

A presença das etnias negras que povoam o Brasil é bruscamente transformada com a abolição da escravatura. Assim, o negro passa a ser um trabalhador livre, porém tido de categoria inferior, o que torna a problemática racial ainda mais complexa, na dinamização da vida socioeconômica do Brasil. Por outro lado, apoiado por intelectuais ligados à cultura, o negro passa a fazer parte do espaço de miscigenação instituído no Brasil, como resultado da fusão das raças: o branco, o negro e o índio, sendo a primeira superior às demais na construção da sociedade brasileira (ORTIZ, 2006).

O Brasil foi um dos últimos países a aderir à abolição do sistema escravocrata. Tal fato contribuiu para o atraso nas discussões sobre a questão racial, permanecendo obscurecida pela ideologia da democracia racial. O elemento negro esteve fora de importantes estudos e análises sobre folclore, limitando os avanços na produção intelectual brasileira. Ao citar a obra da autora Nina Rodrigues “As raças humanas”, que trata da análise do sincretismo religioso no Brasil, Ortiz esclarece que

[...] se é verdade que procura compreender o sincretismo religioso, é porque o considera inferior. A absorção incompleta de elementos católicos pelos cultos afro-brasileiros demonstra, para o autor, uma incapacidade de assimilação da população negra dos elementos vitais da civilização européia. O sincretismo atestaria os diferentes graus de evolução moral e intelectual de duas raças desiguais colocadas em contacto. (ORTIZ, 2006, p.20).

Tal crença se reflete nos dias atuais e nas relações de poder estabelecidas entre as diferentes classes sociais. O racismo assume uma forma de preconceito social mascarado sob a ilusão da aceitação do outro e do convívio pacífico entre os diferentes. A origem da atual sociedade brasileira é um retrato da diversidade social, cultural e políticas hoje existentes.

De acordo com Ortiz (2006) surge, portanto, no contexto atual, a identidade nacional, a mestiçagem – real e simbólica, moral e étnica, como uma categoria da sociedade brasileira em decorrência da forte miscigenação. Na literatura, existem pesquisadores, tais como Gilberto Freyre (1943); Sergio Buarque de Holanda (1936); que fazem um paralelo entre as origens da sociedade na América Latina e no Brasil com intuito de demonstrar e apresentar as causas do passado e sua relação com problemas presentes.

Historicamente no Brasil, a relação entre colonizado e colonizador é caracterizada pela exploração socioeconômica, além da destruição e alienação cultural dos povos primitivos. Como resultado negativo da dominação européia, tem-se o estímulo ao desenvolvimento de atitudes e comportamentos copiados em relação à moral, ética, usos e costumes. Esse fenômeno pode ser observado e constatado no cotidiano da vida pública e privada da nação brasileira, em decorrência das transformações político-sociais ocorridas no Brasil que passa de uma economia escravista à economia capitalista, de governo monárquico para o republicano.

A compreensão dessa transição facilita o entendimento de aspectos que versam sobre os usos e costumes como resultados do processo de urbanização e industrialização no Brasil. A “cópia” das idéias estrangeiras está intimamente relacionada à incapacidade de identificar, enquanto diferentes, a diversidade entre os membros de uma mesma sociedade. Além disso, o decurso do tempo entre o momento de produção cultural e o momento de consumo obriga a se rever a atitude de “imitadores”.

Para Ortiz (2006), a inferioridade racial explica o porquê do atraso brasileiro, mas a noção de mestiçagem aponta para a formação de uma possível unidade nacional, originária de três raças: a branca, a negra e a índia. A noção de raça cede lugar à noção de cultura, o que permite um maior distanciamento entre os aspectos biológico e social, contribuindo dessa forma para uma análise mais adequada da realidade. O mestiço passa a ser considerado nacional por meio dos rituais celebrados no cotidiano.

A transformação cultural que marca a década de 1930 traz um novo enfoque ao trabalhador brasileiro que passa de “preguiçoso e malandro” (ORTIZ, 2006) à agente de transformação social por meio do trabalho.

[...] À medida que a sociedade se apropria das manifestações de cor e as integra num discurso unívoco do nacional, tem-se que elas perdem sua especificidade. Tem-se insistido muito sobre a dificuldade de se definir o que é o negro no Brasil. O impasse não é a meu ver simplesmente teórico, ele reflete ambigüidades da própria sociedade brasileira. (ORTIZ, 2006, p. 43).

Outra corrente diferente da antropológica aborda a cultura sob o aspecto filosófico e sociológico, a partir do qual, cultura significa um devir, isto é, um vir a ser, privilegiando a história que está por ser construída, baseada na ação social (ORTIZ, 2006). A alienação cultural nas diversas áreas do conhecimento é debatida exaustivamente na década de 1950 por intelectuais integrantes do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A análise resultante, sob a perspectiva globalizante, considera os diferentes níveis de realidade em que o indivíduo está inserido: social, político, econômico, cultural e psíquico.

Em meio a essas discussões, Montes apresenta a cultura brasileira como:



[...] o resultado de um confronto e de um diálogo tenso, cheio de supressões, incorporações e ressignificações, entre cosmologias distintas, onde, porém, o sagrado se constituiu como a liga comum a dar consistência a um amálgama *sui generis* que aqui foi conformado. E se ele chegou a se consolidar em um todo hegemônico, sob a égide da cultura ocidental européia de matriz ibérica e cristã, nem por isso foi capaz de suprimir as heranças de matrizes ameríndias e africanas que a ela vieram se incorporar, transformando-a inexoravelmente por dentro para vir a dar no que hoje chamamos cultura brasileira. (MONTES, 2007, p. 101).

No processo de desumanização pelo qual passa o oprimido colonizado, tratado como objeto pelo colonizador, tem-se a proposta de conduzir o colonizado a uma reflexão capaz de permitir uma tomada de consciência, portanto, a sua própria desalienação. A busca de identidade ultrapassa os conceitos de raça e cor, numa perspectiva de construir uma identidade própria, diferente do contexto social na qual foi instituída. Dessa forma, a cultura determina o espaço no qual a tomada de consciência se materializa (ORTIZ, 2006). Logo se intui que o mito da democracia racial só fez atrasar a discussão sobre a igualdade, pois encobrem conflitos e impedem que todos se reconheçam como nacionais.

### 2.1.2 Cultura Popular no Brasil

Ao abordar questões relativas à cultura brasileira, necessariamente o termo folclore vem à tona. Trata-se de um conceito que está relacionado à idéia de “[...] tradição, seja na forma da tradição-sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo da práxis” (ORTIZ, 2006, p. 70). Nesse entendimento, ligado ao conceito de folclore tem-se a cultura popular percebida sob um enfoque conservador, no qual se valoriza a tradição como característica do passado. O folclore passa então, a ser interpretado por meio das manifestações culturais de caráter tradicional em contraponto ao conceito de cultura popular, pautada nas transformações, com função política direcionada para o povo, no qual Ortiz esclarece que “[...] o nacionalismo das novas produções brasileiras, das manifestações folclóricas, do turismo é neste sentido puramente simbólico, mas ele recupera uma identidade nacional que se encontra harmoniosamente fixado no nível do imaginário”. (ORTIZ, 2006, p. 78).

Na atualidade, as produções culturais estão acessíveis a um público mais amplo e diversificado, conferindo ao mercado cultural uma dimensão nacional antes inexistente. O Estado, por sua vez, atua como componente fundamental na organização e dinamização do mercado cultural, observando a pluralidade e especificidades culturais existentes nas diversas regiões. Tal fator pode ser constatado no Plano Nacional de Turismo (BRASIL, Ministério, 2007) e no Plano Nacional de Cultura (BRASIL, Ministério, 1975).

O Plano Nacional de Cultura (BRASIL, Ministério, 1975, p. 16) apresenta o conceito de cultura brasileira como àquela que “[...] decorre do sincretismo de diferentes manifestações que hoje podemos identificar como caracteristicamente brasileiras, traduzindo-se num sentido que, embora nacional, tem peculiaridades regionais”. A cultura brasileira pode ser conceituada a partir de um conjunto de valores espirituais e materiais acumulados ao longo do tempo, considerada como um patrimônio que deve ser preservado. O reconhecimento e a valorização do acervo e da expressão cultural do povo são tidos como bandeira política, na qual se alia às questões de segurança nacional (ORTIZ, 2006).

O pensamento tradicional associa o conceito de cultura a valores como tradição, região e humanismo. Para Ortiz (ORTIZ, 2006, p. 105) “[...] O indivíduo é algo que está historicamente dado, mas que se perdeu ao longo do desenvolvimento das forças materiais. Somente a tradição encerra os valores universais que definiriam a essência humana”. O conhecimento tradicional, transmitido entre gerações deve ser valorizado e incentivado, a fim de perpetuar determinada tradição.

O acesso à cultura define o grau de democratização da sociedade brasileira. Tal acesso é proposto por meio da vinculação do sistema de ensino ao desenvolvimento cultural, no sentido de que a escola é um importante espaço no qual são formados os hábitos e valores, bem como, a educação para o consumo. Já é possível perceber um movimento por parte da política nacional de educação, da inserção de temas transversais relativos à cultura, usos e costumes locais, a fim de incentivar a disseminação desses temas.

A importância da mobilização para a ação comunitária está ligada a um trabalho de base junto às comunidades, no sentido de sensibilizá-las para o valor do patrimônio cultural, natural e social de determinadas regiões. Ainda, tem-se o foco da descentralização e deselitização das atividades culturais, buscando o envolvimento de líderes comunitários para viabilizar outras fontes alternativas de recursos (ORTIZ, 2006). Na concepção do autor “[...] o discurso do Estado, produzido por diferentes grupos sociais, procura soldar os elementos de um pensamento tradicional no interior de uma ideologia de mercado” (ORTIZ, 2006, p.123).

Dessa forma, as relações de poder são encobertas, o que resulta na ação autoritária do Estado que se julga democrático. Dentro desta perspectiva, “[...] as categorias de ‘nacional’ e ‘popular’ são reelaboradas em função de um discurso que tende a ser o mais globalizante possível” (ORTIZ, 2006, p.125). O Estado e as indústrias culturais despolitizaram o tema da cultura, pois as relações sociais são apreendidas como “expressão popular”. Por sua vez, as relações de poder não se estruturam no campo político, mas se manifestam na assimilação e consumo de bens culturais.

Ao longo da história brasileira, a temática do que é popular está vinculada ao nacional, da conservação daquilo que é compartilhado, isto é, “[...] a memória nacional seria o prolongamento da memória coletiva popular” (ORTIZ, 2006, p.131). Nesse âmbito, a releitura do estudo dos cultos afro-brasileiros aponta para a existência dos fenômenos de aculturação e sincretismo, ao quais para Ortiz indicam claramente o aspecto das mutações culturais.

Ainda sim, tem-se a memória coletiva que, por sua vez, deve estar vinculada a um grupo social determinado, o qual celebra sua existência através de simbolismos comuns. Assim, o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado à preservação da memória. Por outro lado, caso haja dispersão dos atores, o resultado pode ter conseqüências graves, podendo, inclusive culminar no esquecimento das expressões culturais (ORTIZ, 2006).

Para Ortiz (2006, p. 134) “[...] a memória coletiva se manifesta no cotidiano das pessoas, é experiência, vivência de vida”. Outrossim, importante ressaltar que a cultura popular é heterogênea e as diferentes manifestações folclóricas são únicas (ORTIZ, 2006). No que se refere à apresentação de uma manifestação cultural, tem-se que,

[...] a memória de um fato folclórico existe enquanto tradição e se encarna no grupo social que a suporta. É através das sucessivas apresentações teatrais que ela é realimentada. Isto significa que grupos folclóricos encenam uma peça de enredo único que constitui sua memória coletiva; a tradição é mantida pelo esforço de celebrações sucessivas, como no caso dos ritos afro-brasileiros. (ORTIZ, 2006, p. 134).

Com relação aos cultos afro-brasileiros, uma das causas de serem esquecidos está relacionada à falta de coesão do grupo, pois em diversos casos, a responsabilidade da continuidade da manifestação fica a cargo das lideranças. A memória popular deve ser traduzida em experiências de vida, como forma de assegurar a permanência desses grupos, nos quais “[...] a identidade nacional é uma entidade abstrata e como tal pode ser apreendida em sua essência” (ORTIZ, 2006, p.138).

O folclore, dessa forma, pode ser identificado como universo simbólico de conhecimento, por meio do qual a pluralidade da memória coletiva resulta no fato de ela se encarnar no grupo que a representa (idem). Sob vários aspectos, o Estado se apropria das práticas populares, utilizando-se de um mecanismo de reinterpretação das expressões culturais por intelectuais. Dessa forma,

[...] a cultura afro-brasileira não é simplesmente vivenciada na sua particularidade, mas o singular passa a definir uma instância mais generalizada de conhecimento [...] a identidade é neste sentido elemento de unificação das partes, assim como fundamento para uma ação política. (ORTIZ, 2006, p.141).

Sob o olhar do poder, as manifestações populares remetem à necessidade de se efetivar uma mediação do Estado. A totalidade transcende a particularidade dos indivíduos e dos grupos sociais restritos, para inseri-los em um projeto que os transcende. Assim, “[...] a cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação” (ORTIZ, 2006, p.142).

A diversidade sociocultural brasileira resultou em uma forte miscigenação cultural, que pode ser observada nas manifestações e criações artísticas nos campos da música, dança, teatro e canto, entre outros. O popular, outrora negligenciado sob o olhar preconceituoso da classe economicamente dominante, consiste hoje no elo entre as origens da sociedade brasileira e o movimento contínuo de reafirmação da identidade brasileira. Soma-se a isso, a busca pela valorização do singular, do diferente, do particular, frente ao processo de massificação da cultura globalizada. Nesse movimento, percebe-se um avanço nas políticas públicas que tratam do assunto, a seguir abordado.

### 2.1.3 Patrimônio Cultural Imaterial: uma conquista recente

Entre os diversos conceitos a serem trabalhados ao longo desta pesquisa, o que se refere à cultura intangível é, sem dúvida, o que merece destaque. Antes de se expor acerca das particularidades que tal conceito envolve, a idéia de patrimônio esclarece aspectos dessa discussão. Assim,

[...] a noção de patrimônio traz em seu bojo a idéia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna. No sentido jurídico, referem-se a um complexo de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação econômico. (ABREU, 2003, p. 30).

A idéia de cultura imaterial resulta de discussões sobre os diferentes tipos de bens a serem preservados pelo poder público e, ainda, no intuito de incentivar a manutenção desses bens por parte dos diversos atores sociais envolvidos nesse contexto. A Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) (1993 apud ABREU, 2003, p. 81) define o patrimônio cultural imaterial ou intangível como:

[...] o conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integra esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o 'saber-fazer' dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais.

Entre as ações que norteiam a atuação da UNESCO, tem-se a valorização de “[...] fontes essenciais de identidades culturais ancoradas no patrimônio cultural imaterial ou intangível” (ABREU, 2003, p.82). O estudo do significado de patrimônio corrobora para a compreensão de questões da vida social e cultural cotidiana, pois é usada com diferentes conotações.

O surgimento do termo está relacionado com o fato de a humanidade ser colecionadora, isto é, o hábito de colecionar e acumular bens materiais faz parte da civilização. Patrimônio imaterial ou intangível corresponde a um significado que aborda aspectos da vida social e cultural como lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária. A ênfase é dada aos valores que resultam dessas práticas e representações, acompanhando-as para conferir suas transformações (GONÇALVES, 2003).

Historicamente, no momento pós Segunda Guerra Mundial, o conceito antropológico de cultura serviu como antídoto aos conflitos entre os povos, com vistas à valorização e respeito às diversidades culturais. Acreditava-se na existência de um patrimônio cultural que precisava ser preservado e que incluía, além da história e a arte de cada país, o conjunto de realizações humanas em suas mais diferentes formas de expressões. O conceito de cultura, portanto, incluía hábitos, costumes, tradições e crenças de determinada sociedade, isto é, congregava bens materiais e imateriais. Tal fato contribuiu para o fomento dos trabalhos de folcloristas e antropólogos “[...] capazes de inventariar as tradições, as narrativas orais, as diversas formas de musicalidade e de inventiva poética popular” (ABREU, 2003, p. 33).

O termo patrimônio cultural remete a algo herdado do passado e que precisa ser mantido no presente, numa idéia de “congelamento”. Entretanto, para preservar, é necessário antes de tudo, conhecer e classificar de acordo com o caráter singular do bem – material ou imaterial (OLIVEN, 2003). No Brasil, isso deve ser pensado a partir de diálogos entre os atores envolvidos direta ou indiretamente na temática cultural.

Na atualidade, a concepção antropológica de cultura destaca as relações sociais e as relações simbólicas, na qual “[...] a categoria da ‘intangibilidade’ talvez esteja relacionada a esse caráter desmaterializado que assumiu a referida moderna noção antropológica de ‘cultura’” (GONÇALVES, 2003, p.27). A diversidade cultural é palavra de ordem para o futuro, no sentido de que sejam garantidas as condições para serem promovidas no futuro, pois “as culturas são diversas como expressões de igualdade entre os homens” (ABREU,

2003, p.44). Por outro lado, para a autora “[...] É preciso, ainda, sublinhar a dimensão que constitui a razão de ser da noção de patrimônio, como herança e legado que se transmite a novas gerações: a dimensão da vida” (ABREU, 2003, p.44). Meneses (2004, p. 24) afirma que “[...] a manifestação cultural só tem sentido percebida em conjunto (como patrimônio material e imaterial), pois o universo material media sentidos, valores e significados.”

Preservar a memória de fatos, pessoas e idéias é uma prática de todas as sociedades humanas. Nos países em desenvolvimento como o Brasil, o patrimônio é formado por uma gama de criações populares inominadas, que são importantes não por sua materialidade, “[...] mas pelo fato de serem expressões de conhecimentos, práticas e processos culturais, bem como de um modo específico de relacionamento com o meio ambiente” (SANT’ANNA, 2003, p.49). Tais expressões, se valorizadas e incentivadas corretamente, podem agregar um valor inestimável para uma determinada sociedade.

Em 1989, é aprovado pela UNESCO um documento que trata da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular. O documento orienta a identificação, a salvaguarda, a conservação, a difusão e a proteção da cultura tradicional e popular, por meio de registros, inventários, suporte econômico, inserção educativa, documentação e proteção à propriedade intelectual dos grupos detentores de conhecimentos tradicionais (SANT’ANNA, 2003). Tal feito orienta ações voltadas para o estabelecimento de políticas culturais voltadas para a realidade local.

Para que o apoio à conservação e continuidade dos bens imateriais seja possível é necessário identificar as formas mais adequadas de fazê-lo. A cultura imaterial, além de ser de difícil definição, só tem significado se consistir em uma prática regular. Neste sentido, “[...] os bens culturais de natureza imaterial são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação que não cabe nesses conceitos, sendo mais importante, nesses casos, registro e documentação do que intervenção, restauração e conservação” (SANT’ANNA, 2003, p. 52). Finalmente, consideram-se patrimônio material e imaterial duas faces da mesma moeda: a do patrimônio cultural.

Em meio a essas discussões, tem-se a Marujada de São Benedito de Bragança que envolve música, dança, religião, rituais, técnica, estética e moralidade, num movimento de culto religioso a São Benedito, ao qual se acrescenta um conjunto de bens materiais, como a imagem do santo, o mastro e a indumentária, pertencentes à Irmandade de São Benedito de Bragança. A Marujada tem uma identidade única na qual tudo se mistura, além de realizar uma mediação entre passado e presente, formando pessoas. Nesse entendimento, a Marujada, como processo cultural dinâmico, é preservada por meio de registros orais, ritualísticos, musicais, instrumentais, indumentárias, iconográficos, cinematográficos, entre outros.

Nesse ambiente, é essencial conservar e transmitir o saber que o produz, permitindo a vivência da tradição no presente. A Marujada confere à cidade de Bragança um significado particular, associado à sua identidade como patrimônio cultural. A respeito das origens históricas e sociais da manifestação, tais aspectos serão abordados mais à frente. Merece destaque o que a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2009. p.93), em seu artigo 216, entende como patrimônio cultural brasileiro

“[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; ‘os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico’”.

Observa-se que o legislador considera a proteção à integridade física do patrimônio cultural brasileiro. A limitação dos instrumentos disponíveis de conservação reforça a idéia de que as políticas de patrimônio são essencialmente elitistas e conservadoras. Em grande parte privilegia bens que fazem referência aos grupos sociais de tradição européia, reproduzindo a estrutura social por eles implantada, correspondendo à classe dominante (FONSECA, 2003).

Num movimento recente, a fim de elaborar soluções distintas que considerem as especificidades locais e regionais, a UNESCO buscou atender às reclamações de países e grupos de tradição não-européia a respeito do reconhecimento de suas manifestações culturais como patrimônio da humanidade (FONSECA, 2003). No Brasil, o reconhecimento de manifestações populares foi liderado por grupos que agregam os “excluídos” do cenário cultural nacional como os folcloristas, o movimento negro e indígena, os descendentes de imigrantes, entre outros. Como resultado, o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, estabelece que as ações de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial têm como premissas implementar política pública de identificação, inventário e valorização do patrimônio e devem ser inscritas em livros de registro (quatro livros).

[...] I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL. Instituto, 2000, p. 1).

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, criado pelo Decreto nº 3.551/2000, atua no âmbito do Ministério da Cultura. Ressalte-se que tais ações devem ser reconhecidas como resgate da memória, usos e costumes do povo brasileiro. O registro desses bens resulta em uma valorização e conseqüente preservação deste patrimônio por parte da sociedade.

Aqui cabe ressaltar o papel das instituições públicas de pesquisa, no sentido de documentar e analisar as manifestações culturais que qualificam a identidade da região na qual está inserida. A sociedade, por sua vez, tem papel fundamental nesse processo de construção e apropriação de seu patrimônio cultural.

Recente conquista do povo bragantino, a Marujada foi declarada como patrimônio cultural e artístico do Estado do Pará, sob a Lei Estadual nº 7.330, de 17 de novembro de 2009 (PARÁ. Lei, 2009). A declaração tem como objetivo a preservação, conservação e proteção das formas de expressão, objetos, documentos e fantasias, danças e músicas da Marujada, além da inclusão nos calendários anuais de dados históricos, culturais e artísticos do Estado do Pará. Isso contribuiu para que os rituais que constituem a Marujada ganhassem força e espaço no cenário nacional como manifestação e expressão cultural cujo mérito engrandece todos os atores envolvidos, constituindo patrimônio para toda a sociedade brasileira.

Todavia ao se falar em patrimônio imaterial ou intangível, inserem-se os bens materiais que dão suporte físico à produção das manifestações abstratas intimamente ligadas à ação dos sujeitos que atuam segundo determinados códigos, centrada na relação que se estabelece entre sociedade e cultura (FONSECA, 2003). Para o autor, “[...] A imaterialidade é relativa e, nesse sentido talvez a expressão ‘patrimônio intangível’ seja mais apropriada, pois remete ao transitório, fugaz, que não se materializa em produtos duráveis” (FONSECA, 2003, p.66). Nesse âmbito, podem ser considerados patrimônio cultural imaterial as interpretações e instituições, lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas já que

[...] A ampliação da noção de patrimônio cultural pode ser considerada, portanto, mais um dos efeitos da globalização, na medida em que ter aspectos de sua cultura, até então considerada por olhares externos como tosca, primitiva ou exótica, reconhecidos como patrimônio mundial, contribui para inserir um país ou um grupo social na comunidade internacional, com benefícios não só políticos, mas também econômicos. (FONSECA, 2003, p. 70).

Outrossim, a democratização e flexibilização do conceito de patrimônio cultural podem resultar na banalização dos critérios de atribuição de valor, considerando o processo de globalização cada vez mais intenso, num movimento que tem sido denominado “desterritorialização da cultura” (GUPTA; FERGUSSON, 2000). Entretanto, tal ampliação do conceito contribui para a aproximação entre “[...] políticas culturais dos contextos



multiétnicos, multireligiosos e extremamente heterogêneos que caracterizam as sociedades contemporâneas” (FONSECA, 2003, p. 71).

Entre os benefícios que resultam da valorização e conservação da memória e identidade cultural das manifestações como, por exemplo, nos rituais religiosos, tem-se a aproximação entre o passado e o presente. Além disso, a inserção de tais manifestações no mercado de um turismo responsável não deve comprometer sua continuidade histórica e cultural, mas sim estimulá-la. Não há, pois, diferença entre patrimônio natural e cultural, no sentido de que a ambos está associada à importância da diversidade, seja ela biológica ou cultural, a fim de garantir a sobrevivência física para as gerações futuras.

A cidadania planetária confere ao indivíduo, entre os direitos humanos está o direito à memória, ao acesso à cultura e à liberdade de criar. Em combate ao processo internacional de homogeneização cultural, a valorização da diversidade natural que o Brasil possui nas diferentes regiões deve ser incentivada como estratégia de desenvolvimento local. Isso inclui o fortalecimento das culturas endógenas, como força motriz da resistência frente às pressões externas.

Dessa forma, o envolvimento e participação dos diferentes atores são de fundamental importância, com vistas a cobrar ações de intervenção efetivas que acompanhem o processo de transformação da atual realidade, pois, considerando a natureza efêmera e a vulnerabilidade do patrimônio imaterial, a UNESCO (1993) recomenda que “É urgente agir”. Para isso, a organização fomenta entre os Estados-membros a importância de salvaguardar, revitalizar e difundir as expressões populares, entre outros, por meio, inclusive, da sensibilização dos jovens sobre o valor cultural a ser respeitado, posto que preservar é transmitir.

Na Amazônia, essa transmissão de saberes já vem acontecendo por gerações ao longo dos séculos. No entanto, a economia capitalista tende a transformar as manifestações tradicionais em produto a ser comercializado e modificado para atender determinado público. Para evitar ou minimizar esse processo que atinge o movimento cultural nos seus diversos aspectos, bem como, os impactos resultantes disso, tem-se a necessidade do fortalecimento de uma política cultural em todas as esferas do poder público, a fim de consolidar ações de valorização das especificidades culturais locais. A construção da identidade de um grupo, de uma comunidade, se faz por meio do aprofundamento em suas raízes históricas e culturais.

## 2.2 DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA

[...] uma festa popular é uma mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar. Enfim, de 'festar'... (BRANDÃO, 1989).

As celebrações religiosas na Amazônia assumem caráter incomum por incorporar um sincretismo de convicções. A cultura da região comporta um processo dinâmico de atualização e renovação que se manifestam no ritual das celebrações religiosas. A Marujada de São Benedito de Bragança serve de exemplo, na qual se observa uma comunhão e entusiasmo verdadeiro da participação coletiva.

### 2.2.1 Festas religiosas e populares

As relações sociais do caboclo da região amazônica são caracterizadas por afinidades. Estas se consolidam num movimento cujo grau de parentesco não é fator determinante nas relações, e sim a convivência comunitária (BRAGA, 2007). Para Loureiro (2001), o caboclo amazônida criou e desenvolveu processos altamente criativos e singulares em relação à natureza, cuja cultura é viva, em evolução, integrada e formadora de identidade.

Ao longo da história da humanidade, o estudo sobre a cultura resultou em um "inventário das diferenças" entre culturas (BRAGA, 2007). O novo paradigma cultural evidencia a necessidade de ampliar o debate sobre questões de identidade, etnicidade e cultura popular para além da cultura ocidental. Em consequência dessa recente discussão, surgem novas abordagens teóricas que versam sobre o conceito de cultura.

Ao discorrer sobre cultura popular, Braga (2007, p.56) destaca a importância de registrar "as possibilidades interpretativas que permitem captar a singularidade do outro", considerando a realidade regional observada. Sob esse enfoque, a cultura popular amazônica se evidencia com uma identidade singular, por reunir uma multiplicidade cultural expressiva. Os sujeitos amazônicos se constituem a partir de uma realidade ligada à floresta e aos rios, com um *modus vivendi* e traços culturais singulares, distintos dos aspectos culturais do ser urbano.

Por outro lado, entre as devoções originárias e enraizadas na cultura local, o culto aos santos católicos merece destaque. Entre eles, a devoção a São Benedito que é abordada de forma mais detalhada ao longo deste estudo. Cabe registrar que existe uma convivência pacífica entre tais cultos e as lendas amazônicas, formando uma "religiosidade popular mágica povoada por 'visagens', infortúnios da 'panema', 'pajelanças' caboclas, que necessariamente não representaram conflito com a crença em santos católicos" (BRAGA, 2007, p.60). Para Eduardo Galvão (1955),

[...] os santos protegem a comunidade e o bem estar geral. Seus favores e sua proteção obtêm-se através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade. Contudo, existem fenômenos que escapam à alçada ou ao poder dos santos [...] nestes casos somente o pajé, que dispõe de poderes e conhecimentos especiais é capaz de intervir com sucesso. Embora as crenças e instituições religiosas católicas e as de origem ameríndia sirvam a objetivos diferentes, elas se completam como partes integrantes de um mesmo sistema religioso. O caboclo das freguesias não as distingue como forças opostas, para ele os santos e os bichos visagentos são entidades de um mesmo universo. (GALVÃO, 1955, p. 6-7).

Como podem ser observados, os elementos que compõem a cultura amazônica é permeado de um imaginário único, o que corrobora a construção de uma identidade social singular. As festas religiosas e as festas populares que ocorrem na região amazônica podem ser consideradas como “[...] práticas culturais de populações urbanas mestiças ou ‘caboclas’, com suposta influência cultural indígena, de afro-descendentes e da colonização européia, registradas na literatura de época e vivenciadas hoje no âmbito da região amazônica” (BRAGA, 2007, p. 64).

Importa a pluralidade das motivações, valores e interesses da festa e suas interfaces. Autores como Da Matta (1990) e Duvignaud (1983) visualizam a festa como objeto de ruptura do cotidiano. Já estudiosos como Brandão (1989) e Canclini (1983) defendem a íntima relação da vida cotidiana e as regras sociais nas festas.

Na época da colonização portuguesa, no Brasil houve uma difusão das festas católicas, isto é, de festas religiosas e populares, como resultado da participação da igreja católica na colonização européia portuguesa na Amazônia e sua influência com a aculturação das práticas culturais de índios, negros e brancos. É certo que tais práticas adquiriram uma nova forma em terras brasileiras. Entretanto, o negro e o índio tiveram participação direta na herança que perdura até os dias atuais, elencadas no calendário festivo da igreja católica e traduzida nas manifestações de devoção aos santos (BRAGA, 2007).

O envolvimento e participação do índio, do negro e do branco nas festas religiosas e populares da Amazônia constituem elementos de fundamental importância para a compreensão das manifestações culturais que resultam dessa relação. A figura do mestiço, por vezes, mascara o preconceito racial existente no Brasil, particularmente na região amazônica, embora a temática da mestiçagem estabeleça uma dimensão nas festas religiosas e populares da Amazônia. Em contrapartida, atualmente no Brasil, observa-se um movimento de valorização das identidades de negros e índios. De acordo com Braga (2007, p. 69),

[...] não há como negar a mestiçagem do ponto de vista biológico, o problema é a construção intelectual que se faz sobre ela, não raro inadvertidamente lançando mão de elementos culturais indígenas ou negros

situados 'fora do lugar e da história', resultando em um 'tipo social' que pode ser 'tudo e nada ao mesmo tempo'.

Existe, no entanto, uma problemática que marca a separação entre festa católica e popular. Mas a prática não comporta tal separação. Para Braga (2007) as festas amazônicas são marcadas pela influência da religião católica, embora admita que tais manifestações possuíssem traços da cultura popular da época, sob os aspectos do meio urbano, resultado de heranças indígenas, negras e mestiças.

Dessa forma, as contribuições e influências das culturas europeias, africanas e ameríndias são marcadas por uma distinção entre o sagrado e o profano na teoria, o que não se comprova na prática, pois estão intimamente relacionados (FERRETTI, 2007). Com relação às culturas afro-brasileiras em geral, observa-se que o sincretismo está presente na religião e nas culturas populares, contribuindo para enriquecimento dessas manifestações.

O sincretismo cultural algumas vezes denominado de hibridação, pelos que não gostam de usar a palavra sincretismo, que consideram relacionadas principalmente com o fenômeno religioso, com conotações específicas e ultrapassadas relacionadas à teoria culturalista. (FERRETTI, 2007, p.83).

Importante lembrar que nas grandes festas populares brasileiras, os elementos originários do branco, negro e do índio marcam as manifestações de dança, música, vestuário, alimentação, entre outros. A estreita relação entre religião e festa está registrada na obra de Durkheim (1989), que aponta a inter-relação entre ambas, por considerar o estado de fervor coletivo que a aproximação dos indivíduos nesses períodos suscita. Para o autor, "nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade" (DURKHEIM, 1989, p. 372). Ferretti (2007) complementa que, o fator fundamental do culto religioso é a repetição do ciclo das festas.

A incorporação de diferentes culturas pode ser visualizada pela afirmação que,

Hoje em dia, encontramos as crenças e as práticas do catolicismo popular, tanto em seu estado mais puro, entre os devotos católicos, como mais ou menos misturados com traços de outras religiões de origens africanas e ameríndios. (GASPAR, 2002, p.126).

De acordo com Rita Amaral (2008), a festa é uma característica marcante do povo brasileiro e constitui uma das vias no estabelecimento de mediações sociais. Isambert (1982 apud FERRETTI, 2007, p. 88) percebe a festa como "liberação periódica dos instintos comprimidos pelas regras sociais e como transgressão ritual de regras que o sagrado impõe à vida cotidiana". Para Ferretti (2007, p. 92), "[...] as festas da cultura popular geralmente são organizadas como forma de reciprocidade, de retribuição ou de agradecimento por uma graça alcançada e que necessita ser retribuída".

Contudo, as culturas populares sofrem risco de aculturação, no qual o turismo constitui um elemento que pode causar prejuízos a essas culturas, pois a preocupação está em perceber “[...] as festas populares como ritual, no seu contexto de realização, procurando entender seus múltiplos significados simbólicos e buscando, através das festas, conhecerem a representação do mundo das classes subalternas”. (FERRETTI, 2007, p. 92).

Sobre a realidade das manifestações culturais populares de cunho religioso no Brasil, Montes (2007, p. 99) apresenta que “[...] o sagrado constitui o espaço pro excelência de encontro e confronto, retradução e ressignificação de cosmologias distintas, porém análogas, presentes em nossas matrizes culturais formadoras, luso-afro-ameríndias”. A necessidade de preservar a tradição oral, transmitida de geração em geração, celebrada e experienciada por meio das diversas artes, como a música, o canto devoto, o teatro, a dança e o ritual, resultou no conceito de patrimônio imaterial que se refere a “[...] conhecimentos e modos de fazer enraizado no cotidiano das comunidades, rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social” (BRASIL, Ministério, 2000).

O ritual da Marujada é considerado patrimônio cultural imaterial, pois se trata de uma manifestação transmitida por gerações, de pessoas que se apresentam, e se fazem conhecer ao público, reforçando a motivação da tradição: louvor e devoção a São Benedito. O “santo preto” como é conhecido e carinhosamente chamado por seus devotos e por todos aqueles que, direta ou indiretamente, são solidários com a condição do negro outrora escravizado sob os aspectos físico, social, político e cultural.

No Brasil, as manifestações religiosas apresentam dimensões e aspectos originários da intersecção entre as culturas européia, africana e indígena. O confronto entre as diferenças dessas culturas favoreceu o surgimento de novas formas de manifestações da cultura popular, retraduzidas e reinventadas, sagradas e profanas (MONTES, 2007). A cultura brasileira é herança indígena “[...] mas se consumou, sobretudo, graças à ação do negro, na sua ‘devoração’ da cultura lusitana, depois devolvida à sociedade como ‘herança européia’ reduzida a... ‘folclore!’” (MONTES, 2007, p. 107).

O processo de incorporação e ressignificação dos usos e costumes populares transformaram a invisibilidade das culturas marginalizadas um tesouro a ser preservado. Vale ressaltar que “[...] não se elimina uma cultura senão ao preço do extermínio literal daqueles que são seus portadores, pois é ela que lhes permite conferir sentido à sua experiência do mundo” (MONTES, 2007, p. 105). Percebe-se que o papel do negro na sociedade colonial lhe foi assegurado por causa da religião, espaço em que o sincretismo religioso se manifesta, no qual o sagrado está presente em cada experiência de vida, sob o elo da devoção ao santo católico (MONTES, 2007). Como resultado, no Brasil a diversidade

cultural merece destaque e se manifesta por meio da música, dança e canto, canais pelos quais os africanos puderam preservar suas culturas.

Loureiro (2002) apresenta que na Amazônia há dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura, cada qual com características específicas que dialogam entre si: o espaço da cultura urbana e o da cultura rural. A cultura urbana é marcada pelo dinamismo próprio de trocas culturais intensas por meio de uma gama de elementos. No meio rural, predomina a transmissão da cultura via oral, ligada a conservação dos valores resultantes da história.

Hoje, mesmo em meio urbano a Marujada compara-se à “[...] outra cultura que silenciosamente se infiltrava nos interstícios da cultura hegemônica colonial” (MONTES, 2007, p. 112). Nessa perspectiva o autor considera como celebração popular de natureza religiosa, a qual ao longo da história e da dinâmica da cultura, elementos expressivos foram eliminados ou acrescentados, num movimento por vezes inconsciente dos sujeitos que protagonizam o ritual.

A expressão do patrimônio cultural imaterial por meio de expressões sagradas ou profanas, que tinham lugar nas ruas e praças, são bens que hoje são valorizados e salvaguardados por meio do reconhecimento pelo Estado como patrimônio a ser preservado e registrado, pois “[...] o que assim se preserva são as narrativas de uma história vivenciada de outro lugar e outra memória em torno do qual se constrói um sentido distinto de identidade e pertencimento” (MONTES, 2007, p. 116).

De fato, o cenário no qual se expressa tal cultura imaterial é o espaço rural, o qual para Montes (2007, p. 117) “[...] foram mais propícios à sobrevivência de crenças, práticas e celebrações em que se condensa esse patrimônio intangível da cultura de grupos subalternos que se inscreve na longa duração da história, a dinâmica das transformações da sociedade brasileira”. Ainda para o autor, na atual realidade brasileira, cabe a essas culturas um espaço no cenário urbano, sob a condição de patrimônio imaterial, resignificando e reapropriando o lugar, a memória.

O Ministério da Cultura tem apresentado um conjunto de ações com objetivo de definir as políticas públicas para o setor, a exemplo do Ponto de Cultura que pode ser observado como um

[...] elemento deflagrador da memória e de processos de reconstituição de identidades estilhaçadas, recomposição da auto-estima e inclusão social, para grupos tradicionalmente marginalizados na sociedade urbana industrial, sob o estigma da pobreza e do atraso a que os condenaria sua cultura. (MONTES, 2007, p. 119).

Para Montes (2007, p. 120), identidade “[...] é a construção contrastiva que sempre supõe um contexto político de embate por auto-afirmação e reconhecimento frente à sociedade

global". Na organização da festividade de São Benedito de Bragança, é de suma importância vislumbrar possíveis incentivos que permitam a expansão entre fronteiras dessa expressão secular da cultura popular.

### 2.2.2 Tradição, festa e festividade: compreendendo o imaginário popular amazônico

É clara a importância que as festas populares têm no Brasil e as dimensões que delas resultam, quais sejam, política, religiosa, social, cultural, econômica, entre outras, o que favorece a compreensão e análise da formação da estrutura social contemporânea. No entanto, não basta descrevê-las. É necessário analisá-las como um todo complexo que não se esgota na festa em si.

Na atual sociedade capitalista globalizada, os espaços de convívio parecem estar cada vez mais raros, nos quais a mercantilização corrobora para a fragmentação do espaço urbano, comprometendo o convívio e empobrecendo as relações (BUENO, 2008). Ainda para a autora, a modernidade tem como características o transitório, a efemeridade e o planejamento de uma vida linear. Dessa forma, o papel social das festas está em oferecer a "[...] possibilidade para uma participação ativa onde se criam momentos para a libertação física e psíquica propiciando a vivência da convivialidade e solidariedade" (BALANDIER, 1985, apud BUENO, 2008). Para Saraiva (2008, p.11),

[...] A Irmandade dos membros dos grupos sublinha a força do processo de identificação que possibilita o devotamento, graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todas as festas: a comunhão.

Considerando a polissemia do termo "festa", a definição é marcada por algumas características elencadas por Durkheim (1968), que são comuns a todo tipo de festa: 1) a superação das distâncias entre os indivíduos; 2) a produção de um estado de "efervescência coletiva" e 3) a transgressão das normas coletivas. Para Amaral (2008), além destes elementos a definição de festa vai além. Compreende um acontecimento que favorece o restabelecimento da ordem pelo fato de negá-la temporariamente. A discussão é sucessivamente retomada por diversos autores.

Bueno (2008) descreve a festa como uma verdadeira recreação/recriação, pois são ocasiões para reunião e fortalecimento de grupos. A leveza e descontração experimentadas na festa marcam a importância desse momento para a sociedade. Em seus múltiplos significados e contextos, a festa cria um espaço para o fortalecimento dos elos sociais de determinada sociedade.

Brandão (1989, p. 8) apresenta que o sentido da festa é separar o que deve ser esquecido - um silêncio não-festejado -, daquilo que “[...] deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado”. O caráter privilegiado da festa como fenômeno universal, suscita o estabelecimento de relações entre “[...] o universo do discurso sobre a festa e a realidade não verbal; entre o pensamento e as coisas, entre a significação e a não-significação. Entre a celebração e o silêncio” (AMARAL, 2008, p. 5). Amaral enfatiza que

[...] Assim, pode-se afirmar que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e da cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, da alimentação, da dança, dos mitos, das máscaras, atesta com veemência esta proposição. A festa é, ainda, mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado, presente e futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura. Mediando os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação; o diálogo da cultura com si mesma. (AMARAL, 2008, p. 5).

Amaral (2008) classifica as festas em:

- **Sacro-profanas:** constituem-se a maioria no Brasil, possuem conteúdo ‘mítico religioso de base’, envolve festejos profanos que ganham alta relevância na festa. Exemplos: Natal, as festas de São João, São Pedro e Santo Antonio, o Círio de Nossa Senhora Nazaré em Belém (PA), entre outros.
- **Sagradas:** são festas com conteúdo mítico-religioso de base, com poucos elementos profanos, como, por exemplo, as festas do Divino Espírito Santo, as dos Reis Magos, Ramadã, Páscoa, festas de santos padroeiros, de Iemanjá entre outras.
- **Profanas:** são festas populares sem conteúdo sagrado de base, como os carnavais, a Oktoberfest de Blumenau (SC), as Festas de Peão Boiadeiro, o *Réveillon* (Ano Novo), festas cívicas, festas étnicas, festas de ritos sociais privados.
- **Festivais:** trata-se de eventos envolvendo a exposição de produtos, muitas vezes associados ao domínio técnico de sua produção por um determinado grupo étnico, que elege uma representante anual (rainha, rei e/ou princesas) para divulgar o produto e o evento a Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul (RS), entre outras.
- **Festividades:** são atividades de cunho lúdico, sem o sentido mítico-religioso e histórico-social das festas e a participação independem do pertencimento ou do conhecimento da história local.



A partir desta classificação, pode-se afirmar que a Festividade de São Benedito enquadra-se como sacro-profanas, no qual a tradição da Marujada em seus muitos ritos merece destaque na manifestação em louvor ao “santo preto”.

Para Amaral (1998), as festas parecem oscilar entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo). Distinguem-se entre as de rituais cotidianos ou mero divertimento. Ainda segundo Amaral, atribui-se às festas uma tríplice importância: cultural, por colocar em cena valores, artes e devoção; com modelo de ação popular e, finalmente, como produto turístico capaz de dinamizar e revitalizar muitas cidades.

A festa supõe, evidentemente, o acolhimento do ‘outro’, uma expansividade coletiva. A alegria e despreocupação que permeia a festa e cuja função primordial é criar e estabelecer relações seria o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos sociais. (BUENO, 2008, p. 58).

A festa resulta numa transformação do cotidiano, do espaço e tempo das comunidades que se organizam para determinado fim. Nessa concepção, Guarinello (2001, p. 971), define as festas em cinco momentos:

1. Implica numa determinada estrutura social;
2. Envolve a participação concreta de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em conjunto, ou grupos dentro dela, com maior e/ou menor expressão ou força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção e consumo da festa, na qual ocupam lugares distintos e específicos;
3. Aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que podem ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como da comemoração de eventos singulares [...];
4. Articula-se em torno de um objeto focal, que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfação coletiva e que atua como motivação da festa [...];
5. Finalmente, uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos.

Interessante o fato de que ambas as classificações supras apresentadas se complementam, no sentido de que se referem ao caráter socializador das festas, resultando num estado de entusiasmo coletivo. No que se refere às festas de santo, a mobilização coletiva pode ser explicada pelo caráter religioso que envolve o acontecimento, pois está ligado à fé e à devoção do grupo, caracterizando a festa como intermediária do encontro com Deus (SARAIVA, 2008).

Os festivais, por sua vez, são, segundo Getz (2001), produzidos explicitamente para consumo público, e não privado, e são celebrações de alguma coisa que tem valor na comunidade. Neste caso, a própria cultura de determinada comunidade tem valor inestimável, podendo se tornar o ponto central do festival, utilizando-se de manifestações artísticas e culturais diversas. Para Martin (2003), o festival corresponde a um evento de caráter artístico, periódico, que tem por objetivo a competição, promoção comercial ou divulgação, que já traz a discussão da cultura e do comercial.

Isso demonstra que o festival proporciona uma programação cultural intensa ao longo de um curto espaço de tempo. Meirelles (2003) define festival como uma festa de variedades, com a demonstração ao público-alvo de diferentes estilos e formas de apresentação sobre o tema principal do evento. Os eventos ligados à determinada cultura trazem variadas formas de mostrá-la devido à amplitude do tema e opções de meios de divulgação da mesma.

É certo que no Brasil as festas comunitárias exercem um papel de destaque, a todo o momento se multiplicando e ganhando visibilidade no cenário nacional e internacional. O encantamento do visitante diante de uma manifestação dilui barreiras de toda espécie, quais sejam entre ricos e pobres, brancos e negros, sagrado e cultural. Diversas festas ganham visibilidade e se tornam atrações turísticas, constituindo-se em um espaço privilegiado para a prática do lazer, favorecendo inclusive a construção de identidades sociais (BUENO, 2008).

Historicamente, as festas constituem importante elemento de sociabilidade entre os povos. Na Amazônia, as festas estão intimamente ligadas às práticas religiosas, em especial ao catolicismo. A devoção aos santos católicos reúne a comunidade em momentos específicos que ultrapassam as fronteiras da devoção, resultando em eventos culturais de abrangência em toda a comunidade (SARAIVA, 2008).

De acordo com Saraiva (2008), as procissões e as festas religiosas merecem destaque por serem consideradas as atividades urbanas mais antigas do Brasil, vivenciadas pelos portugueses e indígenas na época do descobrimento. Segundo o autor, pode-se afirmar que a cultura brasileira tem em sua origem elementos das festas religiosas e da religiosidade de diferentes culturas que povoaram o Brasil, por meio da música, culinária e clima de confraternização, retratados na diversidade de expressões encontradas na região norte.

Diante dos aspectos que compõem o imaginário e convívio dos povos amazônicos, além de suas origens compostas por heranças ibéricas, indígenas e africanas, tem-se uma colcha de retalhos significativamente rica e singular. A identidade das festas de santos e rituais amazônicos é reforçada informalmente na reprodução de representações e símbolos

que contribuem para a coesão social. Assim, estas podem se constituir de forma efetiva para o fortalecimento da integração social local.

### 2.3 TURISMO, CULTURA E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

No século XXI, o turismo enfrenta diversas possibilidades e dificuldades inéditas no Brasil e no mundo, no que se refere às novas formas de se praticar a atividade, considerando as transformações e configurações do cenário sociocultural, ampliado ao diálogo com as urgentes questões ambientais. Meneses (2004) chama atenção para o fato de que o patrimônio, material ou imaterial é vivo, e que as transformações são parte de um uníssono de experiências históricas que são vivificadas de forma integrada, mas dinâmicas. O visitante quer ver a cultura viva, construída na vivência coletiva do cotidiano local.

O desenvolvimento territorial ao qual a atividade está implantada, por sua vez, implica em intervenções que considerem as assimetrias regionais e sociais, no sentido de elaborar políticas que promovam um padrão alternativo de desenvolvimento econômico e, portanto, de consumo, a fim de equilibrar as necessidades humanas aos limites de exploração ambiental. Autores como Barreto (2000), Campos (2008) e Coriolano (2006) discutem a intrínseca relação existente entre turismo e território, pois o território é o local que guarda os valores culturais de determinado grupo social, definido por sua história, patrimônio, paisagem, tradições, crenças, mitos, símbolos, economia e relações sociais. No território, o indivíduo é, concomitantemente, usuário e guardião, beneficiário e agente de transformação, conservação e valorização do espaço que se operacionaliza o turismo.

É, portanto, cultural, as formas de consumo e uso de nossas construções culturais. Esse consumo pode conservar ou pode transformar essas construções (materiais e 'imateriais'). A massificação desse consumo pode transformá-lo radicalmente, podendo, até mesmo, destruí-lo. (MENESES, 2004, p. 26).

Neste sentido, ao propor o diálogo entre as antigas e as novas formas de ser trabalhado o fenômeno turístico, propõe-se, no turismo de base comunitária, uma organização socioeconômica que vai além dos aspectos de desenvolvimento econômico e a conseqüente geração de emprego e renda. Sob o olhar transdisciplinar do fenômeno, busca-se refletir sobre a inclusão social por meio do turismo, bem como sobre a valorização da sociodiversidade das comunidades receptoras. Tem como premissa o olhar mais atento ao outro, entre visitante e visitado, na busca incessante pela sustentabilidade social, econômica, cultural e ambiental dos grupos e minorias marginalizadas.

Sabe-se que todo setor que apresenta um crescimento vertiginoso traz consigo uma série de transformações no ambiente no qual está inserido. O setor do turismo, particularmente, pode gerar benefícios para a comunidade, como também diversas conseqüências negativas ao meio ambiente, ao bem-estar social e à dimensão cultural de um povo. Autores como Quaresma (2003), Campos (2008) e Rabinovici (2010) apontam para essas questões em diferentes contextos regionais. Por se tratar de uma atividade que vem se destacando no cenário econômico nos últimos anos, gerando inúmeros empregos diretos e indiretos, o turismo constitui-se como uma fonte captadora de divisas para os núcleos turísticos receptores.

Essencialmente, o turismo consiste no deslocamento físico temporário do turista, do seu local de residência habitual para determinado destino. Enquanto fenômeno social pode provocar alterações sociais, ambientais e culturais resultantes da interação entre os diferentes tipos sociais. Dessa forma, cumpre seu papel fundamental no processo de socialização, que seria o de dinamizar as relações sociais de determinada sociedade (DIAS, 2005).

No entanto, apesar de ser chamada por muitos de “indústria sem chaminés”, é responsável também por diversos impactos negativos nos locais onde se instala e se desenvolve, decorrentes de sua indevida e mal planejada apropriação dos bens naturais, históricos e culturais dos povos. É fato a premissa de que o turismo mal planejado, desordenado e predatório pode comprometer as localidades onde é praticado, de diversas formas, causando diversos tipos de impactos negativos. Segundo Ruschmann (1997, p.34):

Os impactos do turismo referem-se a gama de modificações ou a seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. As variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas; porém os resultados interagem e são geralmente irreversíveis quando ocorre no meio ambiente natural.

Ainda de acordo com a autora, os impactos têm origem num processo de mudança e que não constituem eventos pontuais resultantes de uma causa específica. Eles são conseqüências de uma interação entre turistas, comunidade e meios receptores e que determinados tipos semelhantes de turismo, podem vir a causar diferentes impactos. O meio ambiente é um elemento fundamental do turismo, logo sua manutenção é um fator primordial para que a atividade evolua.

Ruschmann (1997) registra os diferentes impactos que o turismo pode causar no meio ambiente, distribuindo-os nos âmbitos especificados, indicando que os impactos podem ocorrer tanto de forma positiva quanto negativa, ou seja, trazendo benefícios e prejuízos. Na economia, os benefícios observados podem ser: geração de emprego e de renda; aumento

de divisas em moeda estrangeira; aumento na arrecadação de impostos; criação de desenvolvimento de empresas; descentralização de riquezas; diversificação da economia; maior distribuição e circulação de renda; aumento da renda “*per capita*”; e, atração de investimentos diversificados. Os prejuízos elencados são: a especulação imobiliária; o aumento da economia informal; o aumento do custo de vida; inflação e privilégio de benefícios econômicos a uma casta da população que têm acesso ao crédito bancário.

Dias (2003) aborda os impactos socioculturais nas comunidades receptoras como resultado das relações sociais específicas entre visitantes e residentes, nos quais as formas de contato possuem características particulares, provocando manifestações diversas no que se refere aos valores, comportamento, manifestações artísticas, dentre outros. Ainda de acordo com o autor, entre os impactos sociais tem-se: ressentimento local resultante do choque de culturas; transformação da estrutura de trabalho; saturação da infraestrutura; transformação dos valores e condutas morais; modificações nos padrões de consumo; problemas de saúde; manifestações de etnocentrismo e, finalmente, excesso de padronização. Com relação aos impactos culturais podem ser observados na cultura material, na cultural imaterial e nos hábitos e costumes.

A cultura amazônica pode ser definida como aquela originária da cultura indígena. Diante de fortes influências nordestinas, a acumulação cultural na região se deu em diversos momentos históricos, o que contribuiu para a configuração da identidade cabocla.

Entre os benefícios e prejuízos elencados no âmbito social, o quadro 01 resume tais aspectos sem reduzi-los.

BENEFÍCIOS	PREJUÍZOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Diminuição do índice de desemprego</li> <li>○ Melhoria e Desenvolvimento da Infra - Estrutura</li> <li>○ Capacitação da Mão – de – Obra</li> <li>○ Melhoria da Qualidade de Vida</li> <li>○ Conscientização e Educação da Comunidade</li> <li>○ Desenvolvimento da Estrutura Urbana</li> <li>○ Aumento de Atividades de Lazer</li> <li>○ Incremento da Qualidade de Prestação de Serviços</li> <li>○ Divulgação do Município</li> <li>○ Integração e Desenvolvimento Regional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Imigração Desordenada</li> <li>○ Aumento da Criminalidade e Prostituição</li> <li>○ Tráfico de Drogas</li> <li>○ Acúmulo de Lixo Urbano e Rural</li> <li>○ Aumento da Poluição</li> <li>○ Congestionamento e Tráfego Urbano</li> <li>○ Crescimento Desordenado e Desequilíbrio</li> <li>○ Desconforto da População Local</li> <li>○ Evasão da População Local</li> <li>○ Desagregação Familiar</li> <li>○ Aumento da População Sazonal</li> <li>○ Problemas de Infra - Estrutura Básica</li> </ul>

Quadro 01 – Benefícios e prejuízos do turismo no âmbito social  
 Fonte: EMBRATUR *apud* Ruschmann, 1996, p. 39.

Situação própria da dinâmica da atividade turística que a cada momento se transforma e reinventa, gerando novos e diferentes desafios em todas as dimensões da sustentabilidade.

Para Meneses (2004), a sustentabilidade do atrativo resulta da possibilidade de se incorporar nele amplos significados.

A cultura de um povo é um dos elementos fundamentais de atratividade da atividade turística. Ruschmann (1997) ressalta que é impossível desconsiderar a cultura de um povo como uma das maiores motivações das viagens turísticas. Como na esfera econômica, no espaço cultural o turismo traz tanto impactos favoráveis quanto desfavoráveis ao local onde ele se estabelece. Dentro dos aspectos favoráveis podemos citar a valorização do artesanato; a valorização da herança cultural; o fortalecimento do orgulho étnico e a valorização e preservação do patrimônio histórico, dado o fato deste configurarem-se como parte do produto turístico.

Por outro lado, podem surgir também alguns impactos culturais desfavoráveis, tal como a descaracterização do artesanato, já que a produção de artesanato tende a ficar voltada unicamente para o consumo dos turistas, a exemplo dos souvenirs. Tal fato pode descaracterizar a função original e utilitária dos objetos para transformá-los em itens de decoração. Meneses (2004) acredita que o turista que não esquece, que volta e que recomenda o destino/atrativo a outros é aquele que teve prazer na apreensão problematizadora, pois enquanto o atrativo for uma peça de curiosidade apenas momentânea, a tendência é ele ser imediatamente esquecido após seu consumo.

A vulgarização das manifestações tradicionais decorrentes de ações mercadológicas e/ou espetacularização das mesmas geralmente apresenta aos turistas dos países desenvolvidos cenas e manifestações culturais dos países em desenvolvimento de forma inexata e romantizada. Isso contribui para a criação de uma imagem simplista, preconceituosa e estereotipada do *modus vivendi* local. Tem-se ainda, a destruição do patrimônio histórico, pois o acesso de turistas em massa compromete as estruturas de bens históricos, devido à circulação excessiva de veículos e das ações depredatórias dos próprios turistas, nem sempre controláveis. Para Meneses (2004, p. 13)

Atualmente, a atividade turística passa por um momento decisivo entre dois caminhos distintos a seguir: apresentar-se como uma proposta econômica na perspectiva da inclusão social, valorizando as diferenças e especificidades, ou leva a diante a proposta de consumo de massa, excludente, insensível aos aspectos socioambientais e econômicos de determinada localidade.

Nesse sentido, existe uma corrente que visa atender à necessidade de se buscar alternativas para o desenvolvimento econômico de regiões cuja atividade econômica principal, baseia-se na cultura de subsistência, a exemplo da região Amazônica. Estudos e discussões atuais sobre o tema buscam nortear a relação entre o indivíduo e o meio ambiente, uma vez que o homem nas suas atividades produtivas, não é apenas consumidor

de energia e matéria-prima, mas também o principal construtor dessa relação. Contudo, é indispensável que as sociedades humanas conduzam os sistemas produtivos na direção de um equilíbrio entre o ser social e o meio ambiente natural, pois o indivíduo no seu papel de usuário e gestor dos recursos é simultaneamente responsável pela insustentabilidade socioambiental e, por outro lado, também pode garantir a sustentabilidade de todo o sistema econômico, cultural, social e ambiental, por meio de ações conjuntas e planejadas.

O processo de planejamento baseado no desenvolvimento sustentável pode levar à prosperidade econômica se considerar, entre outros fatores, o potencial ecológico da região, os novos sentidos humanitários e a própria diversidade cultural do gênero humano, consolidando, assim, processos mais solidários de crescimento e desenvolvimento. Outro aspecto a ressaltar, é que o fato da sustentabilidade se configurar como um processo multifacetado, a aplicação das ações se dá de formas distintas nas diversas regiões e/ou localidades, considerando o contexto histórico, econômico, cultural e ambiental das mesmas, a fim de minimizar digressões nos planos de desenvolvimento.

Igualmente, as preocupações resultantes dos impactos positivos e negativos do exercício da atividade turística abrem caminhos para ampliar o debate a respeito dos custos e benefícios reais que o turismo estimula para a sociedade, para a política, para o meio ambiente, para a cultura e para a economia. O planejamento do turismo deve considerar um desenvolvimento sadio para a população autóctone, bem como contribuir para a solução de conflitos nos quais a atividade esteja relacionada. Portanto, o desenvolvimento sustentável do turismo deve considerar a gestão de todos os ambientes, dos recursos naturais e das comunidades receptoras, de modo a atender suas necessidades econômicas e sociais, garantindo a integridade cultural e a diversidade biológica dos meios humano e natural.

Ruschmann (1997), ao abordar conceitos de turismo sustentável e desenvolvimento sustentável, afirma que ambos estão intimamente ligados à sustentabilidade do meio ambiente, particularmente nos países menos desenvolvidos, pois a atividade turística depende da utilização racional dos recursos socioambientais. Por outro lado, o desafio para encontrar equilíbrio entre os interesses econômicos que o turismo estimula um desenvolvimento que preserve o meio ambiente é uma constante, pois suas diretrizes e políticas estão submetidas aos interesses econômicos do mercado capitalista que, por sua vez, é homogeneizante e excludente.

De acordo com Loureiro (2006, p.82), a dinâmica da globalização é “[...] coercitiva, homogeneizadora no plano cultural, profundamente excludente em relação a populações marginais e países periféricos”. Entre os eixos do fenômeno da globalização têm-se as alterações socioculturais resultantes da atual fase do sistema capitalista, que o autor apresenta como sendo,

[...] uma fase de ênfase no fragmentado, no descentralizado, no atomizado, em função da compreensão espaço-tempo e da desterritorialização. Há uma mescla do tradicional com a inovação, extraordinária expansão do aparato tecnológico vinculado aos principais meios de difusão cultural (**turismo**, rádio, cinema, televisão, internet), ampliação do consumo de *cultura* e fluxos diversos de pessoas e de intercâmbio informacional. (LOUREIRO, 2006, p. 85). (*grifo nosso*)

Para Araújo (2003), tal realidade é retratada nas dificuldades que as nações mais fragilizadas enfrentam para afirmar suas diferenças e singularidades culturais, sociais, políticas e econômicas, o que para o senso comum pode parecer uma “recusa à modernidade”. Para o turismo, entre as conseqüências do movimento da globalização, prevê-se uma diversidade de impactos e tensões. Considerando as inúmeras formas de interagir com o outro, dada as tecnologias avançadas. Há, portanto, o perigo eminente de que o turismo desencadeie movimentos que primem pela homogeneização, o que resultaria no desestímulo do fomento às tradições, crenças, valores e heranças de povos, podendo vir a romper com o passado, com a história do indivíduo.

Em 1995, durante a Conferência Mundial de Turismo Sustentável, que aconteceu em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, Espanha, foi estabelecida a *Carta de Turismo Sustentável de Lanzarote*, a qual consiste num marco referencial amplo para a definição do turismo sustentável, considerando-o como fenômeno mundial ambivalente, isto é, capaz de atribuir vantagens e desvantagens para o meio ambiente humano e natural. Em consonância com os princípios enunciados na Declaração do Rio Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento<sup>1</sup>, a carta segue 18 princípios e objetivos dentre os quais se destaca:

Artigo 1:

O desenvolvimento sustentável é um processo orientado que contempla uma gestão global dos recursos como o objetivo de assegurar sua durabilidade, permitindo conservar nosso capital natural e cultural, incluindo as áreas protegidas. Sendo o turismo um poderoso instrumento de desenvolvimento, pode e deve participar ativamente na estratégia de desenvolvimento sustentável. Uma boa gestão do turismo exige garantir a sustentabilidade dos recursos dos quais depende.

Nesse entendimento, assegurar a identidade cultural de um povo resulta no fortalecimento dos elos com seus antepassados, o que concorre para evitar a padronização de gostos, atitudes, valores e expressões e recuperar a memória coletiva, portanto, favorecer a sustentabilidade cultural.

---

<sup>1</sup> Documento resultante da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como ECO 92, realizada em junho de 1992, no Rio de Janeiro. A conferência teve como principal objetivo buscar formas de conciliar o desenvolvimento socioeconômico à com a conservação e proteção ambiental.



Para Boff e Arruda (2000), a alma da comunidade é representada pelos “saberes” e “fazeres” tradicionais manifestados na interação com o meio ambiente e os demais membros da sociedade que constituem, por sua vez, os traços culturais que dão identidade à região. Neste sentido, a valorização e a preservação da cultura dos povos tradicionais da região amazônica, vista no conceito amplo da transnacionalidade, aliada à participação e empoderamento dos atores sociais locais, é fortalecida quando sociedade e academia se unem em um diálogo capaz de criar e manter mecanismos de desenvolvimento e uso racional dos recursos de forma solidária e equilibrada.

Fernandes (1979) explica que as diferenças de mentalidade são manifestadas nas diversas formas de conduta e interpretação de fatos e ações, em face dos diferentes níveis culturais resultantes das desigualdades de oportunidade de participação, bem como da cultura de cada grupo vislumbradas no contexto social como um todo. Assim, a cultura se configura como um importante elemento de atratividade do produto turístico nas nações e regiões específicas dentro de um país. A releitura dos caminhos e possibilidades de “consumo” desse produto deve nortear o planejamento e políticas na atividade turística.

Diversos estudos reforçam que as ações antrópicas produzem sérios impactos ao ambiente biossocial, caso não sejam previstas e/ou monitoradas dentro de um processo democrático e participativo de planejamento. O importante ao analisar tais impactos é não mitificar a existência de um turismo “bom” e um “mau”, ou seja, um que respeita o atrativo e outro que o destrua (RUSCHMANN, 1997, p. 52), pois este tipo de pensamento pode levar a trágicos erros, a médios e longos prazos, posto que, nenhum tipo de turismo é capaz de não impactar o meio ambiente. A mesma atividade turística que gera enormes riquezas constitui também uma força de agressão à natureza, às culturas e às sociedades. Mesmo as opções alternativas de turismo, que pregam um estreito relacionamento do indivíduo com a natureza, caso trabalhadas de forma mal planejada ou amadora, podem mostrar-se tão danosas quanto as outras, pois envolvem um grande número de pessoas em visita a meios frágeis.

Importante relacionar às manifestações culturais, a herança que mantém viva a memória do passado de determinada tradição, que pressupõe continuidade, o que para Meneses (2004, p. 22), consiste na “[...] construção dinâmica da cultura visitada”. Igualmente, a superficialidade da fruição pode vir a impedir ou limitar que o turismo crie algo que é fundamental para a sustentabilidade da atividade e do atrativo que se constrói, o que Meneses chama de “[...] a dignificação da existência cotidiana que dá substrato ao atrativo” (idem). Dessa forma, o atrativo turístico pode adaptar-se a uma realidade dada e construída e que não se apresentaria apenas como um contexto histórico definitivo, mas como uma história em construção.

Concordando com o autor, a identidade dos povos muda com o tempo, posto que seja dinâmica, sendo que nada permanece da forma original para sempre. O que leva a compreender que as sociedades evoluem num processo normal, por vezes saudável e salutar. Tentar impedir que tais mudanças ocorram é engessar um processo fluido e necessário para a compreensão entre os povos. Para Leff (1994), a utopia ambiental permite a abertura para novas possibilidades, pois reconhece os potenciais ecológicos e tecnológicos, nos quais se fundem os valores morais, os saberes culturais e o conhecimento científico da natureza na construção de uma nova racionalidade social.

Reforçando essa crença, o educador Paulo Freire (1992) acredita que o utópico não é o irrealizável e a utopia não é o idealismo, mas a dialetização dos atos de denunciar e anunciar a estrutura humanizante. Defende que a utopia é, inclusive, um compromisso histórico. Neste sentido, por acreditar que toda realidade está submetida à possibilidade de intervenção humana, entende-se que o turismo pode favorecer o processo de resgate da memória, história e auto-estima de um povo, de um grupo. Se planejado de forma correta, atento às demandas locais em todas as áreas correlacionadas, incluindo a comunidade local no processo de planejamento, o turismo contribui para criar alternativas capazes de oferecer ao visitante e à comunidade receptora, experiências únicas, autênticas, marcantes e libertadoras.

Diante da necessidade de se aprofundar os debates acerca do fenômeno turístico e seus impactos sociais, ambientais, culturais, políticos e econômicos nas comunidades receptoras, reforçam-se a importância do planejamento para minimizar os impactos negativos aos atores envolvidos. A atividade turística, portanto, deve estar alicerçada na valorização das diferenças e especificidades culturais de cada região. No caso da Amazônia, os atrativos naturais respondem pela maior parte do potencial turístico, aliado, evidentemente, à riqueza e diversidade sociocultural dos povos e comunidades receptoras.

A busca pela concretização do turismo sustentável, por sua vez, deve contribuir para repensar a força dos aspectos econômicos sob relações indivíduo e natureza, a fim de tornar viável e possível o projeto de consolidação de uma sociedade mais justa, diminuindo as desigualdades sociais por meio do acesso aos benefícios do turismo. A competitividade do mercado e as exigências da demanda têm favorecido uma reestruturação da atividade, criando assim, condições para o fomento de novos produtos turísticos acessíveis a um maior número de pessoas.

Importa que o legado cultural não se transforme apenas em bens de consumo, para que não perca seu significado. Isso sinaliza para que as políticas públicas possam valorizar a diversidade sociocultural de cada região/lugar, mas com o cuidado que o tema exige. Pesquisas mostram que turistas de alto poder aquisitivo tendem a valorizar a autenticidade

local, e percebem o encantamento que reside na simplicidade do modo de vida dessas comunidades.

Para Barreto (2000, p. 48), tais especificidades culturais tendem a se tornar uma necessidade de mercado, para o qual “[...] a cultura autóctone é a matéria-prima para a criação de um produto turístico comercializável e competitivo internacionalmente”. Outrossim, se for transformado em produto de consumo, a cultura de um povo pode deixar de ser importante por si mesma, passando a ser valorizada por seus benefícios econômicos. Observar-se que o visitante tem assumido uma postura mais aberta para experimentar e vivenciar as diferenças culturais com as comunidades receptoras. No entanto, esse movimento ainda não corresponde à maioria, visto que muitas vezes o visitante usufrui das culturas apenas como expectador passivo, sem interiorizar-se nelas.

Considera-se, portanto, o turismo sustentável como uma alternativa viável capaz de fazer resistência ao modelo hoje predominante do turismo excludente, por reconhecer as exigências das urgentes questões ambientais da atualidade traduzidas no uso sustentável dos atrativos naturais e culturais, além da diversidade social existentes nas regiões brasileiras. Em especial na região Amazônica, a implantação da atividade deve garantir harmonia e equilíbrio entre interesses econômicos, culturais e os impactos socioambientais, aí inclusos a satisfação do visitante e da comunidade receptora. Os benefícios econômicos resultantes desse tipo de turismo devem ser distribuídos em consonância com os princípios éticos que regem a atividade.

De fato, existem possibilidades para se aliar desenvolvimento justo e distribuição equitativa de benefícios em diversas localidades da região Amazônica. O turismo deve ser implantado na qualidade de instrumento capaz de valorizar e preservar culturas regionais, proporcionando o intercâmbio e agregando valor econômico ao bem estar das populações locais. O risco que inviabiliza a sustentabilidade é falta de empreendedorismo, a descontinuidade e a falta de políticas públicas efetivas nas áreas em estudo e/ou a fragilidade das mesmas.

Para vencer os desafios na busca pela sustentabilidade é fundamental o fortalecimento da participação da sociedade nas decisões públicas que, nas diversas esferas de poder, tenham organização e voz na defesa de seus interesses. Para Bursztyn (2001), as decisões colegiadas e a promoção do orçamento participativo tornam as decisões públicas mais acertadas e legítimas, o que contribui para evitar desperdícios de recursos, por exemplo.

Para Sachs (2004), entre as funções do Estado, destaca-se a necessidade de se harmonizar metas sociais, ambientais e econômicas, buscando um equilíbrio entre as diferentes sustentabilidades. Para o autor, existem cinco diferentes e complementares

pilares da sustentabilidade, a saber: social, ambiental, territorial, econômico e político. Ratifica a importância de se traçar estratégias endógenas e inclusivas para se alcançar uma sociedade moderna e sustentável. Leff (2001) aponta como desafio para a interdisciplinaridade o estudo das relações entre os processos naturais e sociais que, a seu ver, depende da articulação entre as ciências, partindo de uma visão integradora da realidade.

Portanto, o profissional que atua nos setores do turismo, meio ambiente, cultura e planejamento, seja o poder público ou privado, tem uma responsabilidade a mais. Deve primar pelo comprometimento pessoal motivado pela idéia de um desenvolvimento racional e sustentado da região amazônica, particularmente. Principalmente, que garanta o respeito às comunidades que acreditam nas propostas apresentadas.

Os princípios fundamentais para a prática salutar e responsável do turismo, em se tratando da região Amazônica, devem primar por ações que valorizem as características peculiares da região, bem como, o monitoramento da atividade de forma a garantir a viabilidade econômica e, sobretudo, a sustentabilidade socioambiental da mesma e seus efeitos multiplicadores. Igualmente, o sentimento de cidadania aliado ao de pertencimento, deve encorajar para a conservação e defesa da memória cultural, histórica, social, política e ambiental da região. Certas limitações devem ser impostas a fim de que se pratique um turismo autêntico e original. Porém, sem o respeito à organização sociocultural das comunidades receptoras, não há avanço.

### 3 A MARUJADA DE BRAGANÇA

“A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias” (Loureiro, 2001). A citação do poeta João de Jesus Paes Loureiro expressa o arranjo cultural singular existente na Amazônia. A profunda relação entre o indivíduo e natureza, estabelece uma cultura viva em constante evolução e que dá novos sentidos à identidade local da região. Nascida nesse contexto, os rituais que compõem a manifestação da Marujada de São Benedito de Bragança revelam o sentimento de emoção e comunhão partilhadas, por marujas e marujos, durante a Festividade de São Benedito, que acontece anualmente em dezembro.

#### 3.1 A PÉROLA DO CAETÉ: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA, GEOGRAFIA E DIVERSIDADE FISICOCULTURAL

##### **Benquerença**

Velhas casas com varandas  
Vou abrir vossas janelas  
Debruçadas sobre o rio  
Escutar vossas histórias  
Penetrar vossos segredos  
Resguardar vossa memória  
De um trem rasgando a terra  
E dos trilhos arrancados  
De vossa trilha perdida  
De fumo, arroz e feijão  
Vossa produção perdida

Medeiros (2000)

Como em todo o Brasil Colônia, a região do Caeté foi marcada pelo genocídio de incontáveis populações/tribos autóctones. Posteriormente, a escravidão do negro trazido da África para aquela região irmanou o sofrimento e angústia de índios, negros e mestiços. O espírito de Irmandade se fortaleceu particularmente no encontro de fé e devoção, traduzida nas danças, instrumentos de percussão e música que hoje podem ser observados durante a festividade da Marujada de Bragança.

Historicamente, a região era habitada pelos índios Caetés da poderosa nação dos Tupinambás. Com a chegada dos franceses, integrantes da expedição de La Ravardiere no Amazonas e, posteriormente, Capitão português Pedro Teixeira, foi integrada à capitania Gurupi, doada por Felipe III de Espanha, em 1622. Em 1633, foi instalada a sede da capitania, à margem direita do Rio Caeté denominada Sousa do Caeté (CASTRO, 2006).

Por não alcançar o progresso desejado, dado o desenvolvimento da cidade à margem esquerda do mesmo rio, em 1753, o Governador do Grão Para à época, Francisco Xavier de Medonça Furtado, transferiu a sede elevada à categoria de vila denominado-a de Bragança, para atual local do município. Mas somente em 1854 foi criado o município de Bragança. Em divisão territorial ocorrida em 2005, o município é constituído de 6 distritos: Bragança, Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Vila do Treme (IBGE, 2005). Antes da implantação da Estrada de Ferro que ligava à capital (1908-1966), a comunicação com a capital era realizada via marítima, por vezes demorada, perigosa e precária.

Construída com a finalidade de escoar a produção agrícola da Zona Bragantina para o consumo da capital e das áreas com mão-de-obra ocupada na extração da borracha exportada para a indústria automobilística internacional, a Estrada de Ferro de Bragança, como meio moderno e regular de transporte, assegurava a exportação e valorização dos produtos da roça, o que contribuía para o surgimento de uma classe endinheirada, capaz de financiar nas décadas de 20, de 30, de 40, e de 50 uma elite intelectual produtora de jornais e revistas, criadora de grêmios e associações recreativas e culturais, tudo como reflexo da opulência agrícola e comercial, a refletir-se na fachada dos casarões. (NONATO DA SILVA, 2006, p. 18).

Ainda hoje é possível observar as marcas desse tempo não tão distante. Passado de riquezas que a estrada de ferro proporcionou. Porém, o interesse em permitir o acesso por meio de rodovias, tornou desinteressante a manutenção da mesma.

O município de Bragança se destacou no cenário regional como importante pólo econômico comercial. Considerando o fácil acesso ao litoral por meio do rio Caeté, a história e cultura da região estão atreladas à presença do negro, revelando as tradições populares originárias dessas comunidades (CASTRO, 2006). Para Salles (2004 – prefácio Edna Castro, p. 8), a reconstrução do legado colonial por vezes é tarefa árdua e comenta que

[...] é uma experiência nem sempre dignificante, mas que não temos o direito de escamotear. Foi duro construir a identidade nacional; mais duro ainda sacudir o jugo colonial. Porque as tentativas de recolonização começam sempre pela destruição da memória e imposição ao pensamento único.

A região Bragantina era tida como umas das principais vias de recepção de escravos nos séculos XVIII e XIX, e as fazendas e engenhos concentravam grande parte da mão de obra. A fronteira do estado do Maranhão consistia no portal de entrada e comércio clandestino dos escravos (CASTRO, 2006). Para a pesquisadora,

[...] Bragança desempenhou um papel relevante na formação da sociedade regional. Nela ecoam ainda vozes dos pretos velhos que contam as histórias de quilombos e aquilombados da mata, das condições impostas ao negro na sociedade colonial, e de resistências (CASTRO, 2006, p. 11).

A Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Fotografia 1) e a Igreja de São Benedito (Fotografia 2) são construções históricas erguidas no século XIX, sendo esta última, patrimônio tombado desde 2006. A primeira está localizada na parte mais alta da cidade e a segunda, fica de frente para o rio Caeté, na Avenida Beira Mar. Para Rosário “[...] As duas igrejas simbolizam e alimentam funcional e significativamente duas realidades existenciais amalgamas no mundo bragantino. São dois faróis do sagrado a iluminar distâncias sociais geográficas no universo caeteuara” (ROSÁRIO, 2000, p. 192).



Fotografias 1 e 2 – Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e Igreja de São Benedito.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2008.

O clima bucólico e acolhedor pode ser percebido pelo visitante no momento de sua chegada à Bragança. Os casarões revestidos de azulejos com aspectos nitidamente lusitanos, impõem um ar de história, pois parece que, se o tempo não parou, ao menos tem um ritmo bem menos acelerado que na capital Belém. Na orla, o calçadão e as palmeiras que margeiam o rio Caeté, explicam o porquê de Bragança ser chamada carinhosamente de “*Pérola do Caeté*”.

De acordo com o historiador Nonato Silva (2006), a origem da palavra Caeté é de origem indígena, fato esse muito comum na Amazônia. Deriva de Caité = *caa* + *y* + *eté*, que significa mato bom, verdadeiro, na língua tupi. O clima de interior favorece o “bem-querer” pela cidade. Com vida econômica própria, a cidade possui um comércio fervoroso, movimentado na maior parte do ano.

O município de Bragança está localizado entre os estados do Maranhão e Pará, fica na mesorregião do nordeste paraense e na microrregião Bragantina do Estado do Pará e, detém uma área territorial de 2.090,23 km<sup>2</sup> e distante 210 km de Belém, capital do estado. A cidade, fundada em julho de 1613, é uma das mais antigas do Estado.



Mapa 1 – Mapa de localização do município de Bragança, Pará.  
Fonte: Google Maps.

A estimativa da população em 2009 é de 107.060 habitantes (IBGE, 2009<sup>2</sup>), conta com uma diversidade de atrativos naturais e culturais, entre eles praias, rios, furos, igarapés, prédios históricos, museus, culinária regional, manifestações artísticas. Tais atrativos possuem um potencial visível para investimentos nas áreas de turismo e cultura, capazes de contribuir para o desenvolvimento socioambiental da região. A economia local tem no setor de serviços sua principal movimentação financeira, juntamente com o setor da pesca, devido sua posição geográfica com uma vasta extensão do ecossistema de manguezais, cuja função principal é o de serem berçário de várias espécies vegetais e animal, como os caranguejos, entre outras funções de grande importância para o ambiente (Fotografia 3).

O clima quente e úmido de monção responde pela temporada de calor e dias ensolarados. A temperatura média anual é de 26,8°C e, os meses de janeiro a julho os mais chuvosos e a umidade relativa do ar varia de 68,5% e 96,4%, sendo a maior taxa em março e a menor em outubro. A vegetação predominante na região é composta por área de floresta que, na atualidade tem aberto espaço para cultivo de milho, mandioca, feijão, etc., causando uma maior devastação da área de floresta. Além disso, na orla atlântica existem as

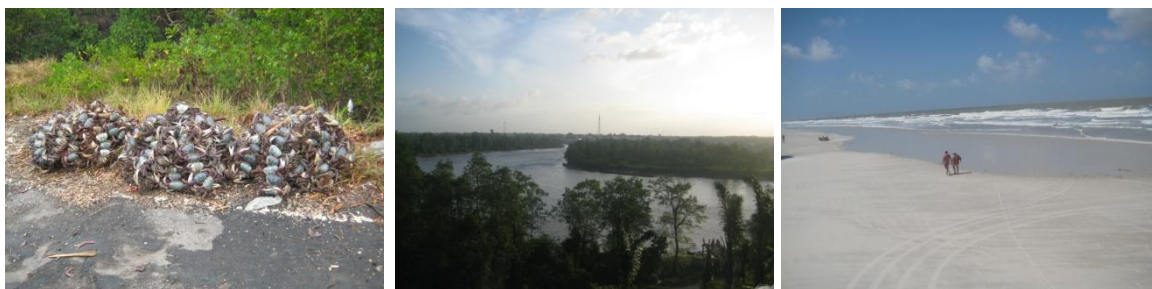
<sup>2</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidades>



coberturas vegetais dos manguezais e os campos naturais. A hidrografia é formada pelo rio principal, o rio Caeté (Fotografia 4), que banha o município, e os rios Chaú, Cipó Apara, Jejuí, Jenipau-Açu, Jenipau-Mirim e Chumucuí.

A área de manguezal merece destaque em nível internacional, pois constitui uma das maiores do mundo, ainda em grande parte natural. Por se tratar de um ecossistema que possui uma riqueza única de espécies de animais e vegetal, do manguezal é tirado o sustento de milhares de pessoas da região. São catadores de caranguejo, mexilhão, camarão e turu, espécies de maior importância econômica.

Outro destaque, inclusive para efeito da atividade turística na região bragantina, é a praia de Ajuruteua (Fotografia 5). O local ainda preserva uma paisagem rústica, que conta com uma vila de pescadores, alguns bares e restaurantes, além das pousadas que margeiam a praia. A ilha de Canelas é outra região com beleza cênica única, que abriga um dos mais densos dormitórios dos pássaros guarás.

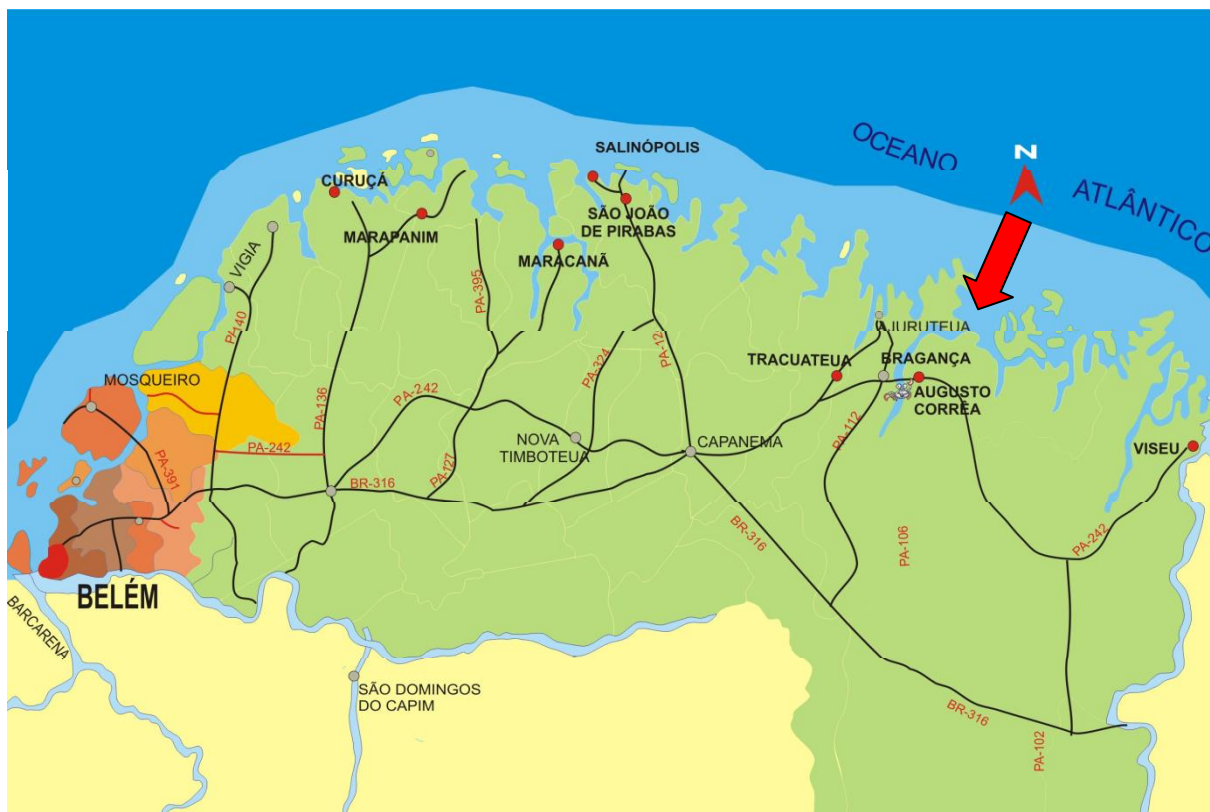


Fotografias 3,4 e 5 – Caranguejos; Rio Caeté e praia de Ajuruteua.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009.

No âmbito das políticas estaduais para o desenvolvimento da atividade turística na região, desde 2001 é adotada uma estratégia de fomento para a região bragantina, na qual o Estado do Pará está estruturado em pólos turísticos. O diagnóstico foi realizado pelo Instituto Brasileiro de Administração para o Desenvolvimento (IBRAD) contratado pela Companhia Paraense de Turismo (PARATUR) para levantamento dos recursos turísticos ofertados, como: infra-estrutura e equipamentos básicos, serviços e produtos turísticos, comercialização dos produtos turísticos e demanda turística. A dinâmica da consultoria foi feita através de oficinas e seminários nos principais municípios considerados de real potencial turístico. Finalmente, os municípios foram agrupados em seis pólos, a saber: Belém; Costa Atlântica; Marajó; Tapajós; Araguaia/Tocantins e Xingu.

O critério para a divisão dos pólos foi definido considerando os produtos turísticos consolidados em cada região. Entende-se por consolidado o produto que possui as condições para ser comercializável, isto é, infra-estrutura turística e os meios de acesso. Acredita-se que o desenvolvimento e crescimento de cada pólo podem contribuir para

integração do mercado intermunicipal de produtos turísticos, via a elaboração de roteiros integrados proposta pelo Ministério do Turismo. O município de Bragança está inserido no pólo Costa Atlântica e constitui-se pelos municípios: Curuçá, Marapanim, Maracanã, Salinópolis, São João de Pirabas, Tracuateua, Viseu, Bragança e Augusto Corrêa (Mapa 2).



Mapa 2: Municípios do pólo Belém/Costa Atlântica  
Fonte: Nascimento.  
Ano: 2009.

O Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal (PROECOTUR) é um programa concebido e formulado especificamente para a Amazônia, com enfoque no segmento ecoturismo, que aborda transversalmente a temática da sustentabilidade. A primeira fase teve início em 2000, com término previsto para 2003. Entretanto, por uma série de fatores de ordem administrativa, política e econômica, estenderam-se até o ano de 2008, momento no qual a segunda fase, que seria de implementação passou para a responsabilidade do Ministério do Turismo (MTUR). Na atualidade, o PROECOTUR foi incorporado às ações do Programa de Desenvolvimento do Turismo Sustentável (PRODETUR) (NASCIMENTO, 2009).

Percebe-se que o turismo no pólo Costa Atlântica, no qual o município de Bragança está inserido, está pouco estruturado, em parte como resultado da descontinuidade do Programa (NASCIMENTO, 2009). Soma-se ainda, desarticulação dos atores sociais na

promoção de uma política pública de conservação do patrimônio histórico, cultural, natural e arquitetônico dos municípios que compõem o Pólo. Como consequência, os investimentos públicos e privados são poucos, o que revela a descapitalização ou mesmo o desinteresse do empresariado.



Mapa 3: Mapa de localização do pólo Belém/Costa Atlântica  
Fonte: Nascimento.  
Ano: 2009.

Bragança vem ao longo de sua história deparando-se com o turismo de sol e praia. Este é considerado turismo de massa por muitos estudiosos, o que leva a refletir sobre novas possibilidades para se praticar a atividade turística na região, tendo em vista os diversificados atrativos sociais, culturais e naturais e a conservação dos mesmos. Na praia de Ajuruteua, o acesso não planejado e a falta de políticas públicas para os moradores locais têm gerado sérias consequências socioambientais, como a proliferação do uso de drogas, da violência, aumento da pobreza e da produção do lixo e da poluição na praia.

Em Bragança é notório a força hegemônica do Clero, detentor de vasto patrimônio territorial e predial, como a Rádio Educadora FM, que leva ao ar programas católicos de evangelização. A devoção beneditina, dos chamados devotos de São Benedito dos moradores da cidade, das praias, dos campos e das colônias, contribui para a supremacia da Igreja Católica na região.

### 3.2 ORIGEM E SIGNIFICADO DA MARUJADA

A cultura na região bragantina é marcada por uma forte tradição historicamente influenciada pelos usos e costumes da raça negra. O culto a São Benedito representa claramente esse assunto, a exemplo das manifestações que compõem o ritual da Marujada há mais de dois séculos de existência. Reconhecida como uma das principais manifestações culturais do estado do Pará, a Marujada está inserida na festividade de São Benedito que acontece anualmente no período fixo de 18 a 26 de dezembro, mas os diversos ritos que a compõe são vivenciados ao longo do ano. Entretanto, o culto a São Benedito foi trazido pelos colonizadores, não pelo clero. Trouxeram, inclusive, a Ladainha em latim e as orações. A população de Bragança é fruto da miscigenação entre brancos, índios e negros que deu origem à população cabocla, formando um padrão de vida diferente das demais regiões do país (NONATO DA SILVA, 2006).

[...] A voz do escravo hoje entoa na voz do caboclo devoto. O negro puro sumiu. São duas falas, a da Matriz e a de São Benedito. Porém são idênticas, permutáveis, conciliáveis, integrantes. Jesus, Rei dos humildes e dos humilhados. São Benedito, Rei dos humilhados e dos humildes. Jesus Rei dos vencidos. São Benedito, dos escravizados. No Natal beneditino da Marujada, a Imagem de São Benedito tem no colo o Menino Jesus de todos os presépios. (ROSÁRIO, 2000, p. 197).

A Igreja de São Benedito congrega a comunidade mais humilde, devota do Santo, na qual “entoavam sempre as vozes peregrinas dos esmoladores, dos rezadores, dos foliões, vozes da roça ou dos subúrbios bragantinos: bairro do Morro, do Alegre e outros” (ROSÁRIO, 2000, p. 197). A Marujada, portanto, está imbuída de significado que vai além da cultura do povo bragantino. Não imitável como prática simplesmente coreográfica, como manifestação sociocultural, mas como um conjunto harmonioso de rituais imbuídos de significados diversos, interligados entre si.

Para Rosário (2000, p. 198), “[...] ao contrário, não se pode aí, na Marujada, separar o significante do significado, porque o significante (prática, ritual) é parte do significado (simbologia mítica da devoção)”. Completa ressaltando que “se a Ladainha é súplica, agonia da peregrinação do ser, a Marujada, como símbolo imagético de ressurreição, é êxtase perante o sagrado”. A organização da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB), em 1798, é uma forma de resistência cultural, frente à dependência e submissão dos irmãos ao senhor e ao clero católico.

A sociedade bragantina, formada antes por índios, padres e colonos, depois por senhores, escravos e também padres, passou a ser, na fase ferroviária (1908-1966), a sociedade de proprietários de plantação e de "sítios", sociedade de trabalhadores, caboclos – os "caboclos do sítio" – que eram, na verdade, os mais autênticos portadores do rico folclore bragantino, da Cavalhada à Marujada, do Boi-bumbá ao Xote, institucionalizadas pelas Irmandades religiosas, enfatizando-se a do Glorioso São Benedito (NONATO DA SILVA, 2006, p. 18).

Em 1985, como resultado dos conflitos entre a Irmandade e a Igreja Católica, foi criado à associação civil denominada Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (IMSBB) vigente até os dias atuais. Em 1988, a Irmandade religiosa IGSBB foi extinta. Durante os 210 anos de manifestação da Marujada, a exteriorização do culto a São Benedito sempre aconteceu de forma espontânea.

Em 2009, a criação da Lei estadual nº7.330, de 17 de novembro de 2009, declara a Marujada como Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará, como forma e manifestação cultural e artística do município (PARÁ, 2009). Isso significa que a forma de expressão, objetos, documentos, fantasias, danças e músicas da Marujada ficam protegidas sob pena de sanção, caso descumprida a Lei. Outra diretriz diz respeito à inclusão da festividade como evento a constar nos calendários histórico, cultural, artístico e turístico anual do Estado.

Na atualidade, a festividade é organizada pela Igreja Católica e juntamente com a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança (IMSBB). Ambas dividem tarefas, sendo que esta última fica encarregada do planejamento da Marujada e todos os ritos que a compõe. Constitui-se, portanto, numa manifestação que tem no fenômeno da promessa e devoção ao Santo o alicerce da identidade dos marujos e marujas. Para compreender o ritual, é necessário apresentar a motivação das homenagens: São Benedito.

### 3.2.1 Benedito: o santo dos negros e dos humildes

São Benedito é conhecido pelos devotos como o Santo predileto dos mais pobres e dos mais humildes. A simplicidade desse homem é venerada e admirada por milhões de seguidores em todo o mundo. O Brasil é reconhecido como um dos países onde a devoção a São Benedito merece destaque (SOUZA, 1992).

De acordo com os biógrafos, Benedito nasceu num lugar chamado São Fratello, Itália, região da Sicília, em 1526. Filho de Cristóvão e Diana Lercan, negros escravos descendentes de etíopes cujos nomes, à época, adquiriam de seus senhores. Segundo Souza (1992), o patrão de seu pai, senhor Monassero, prometeu que seu primeiro filho seria livre. Dessa forma, Benedito nasceu livre em tempos de escravidão.

Mesmo livre, Benedito sofreu os preconceitos, humilhações e maus tratos dos companheiros que implicavam com sua cor. Tirava seu sustento da agricultura, cultivada com seu trabalho, com gratidão e amor. Seus milagres eram conhecidos por toda a Europa e, em 1610, portugueses e espanhóis trouxeram a devoção a São Benedito para a América Latina e para o Brasil.

Benedito significa bendito. Sua infância aconteceu numa condição de vida pobre, humilde e simples. Na adolescência, já apresentava sinais de devoção à fé católica, manifestando o desejo de se tornar religioso. Tornou-se eremita vivendo segundo a ordem franciscana até que, por orientações episcopais, ficou encarregado da cozinha do Convento Santa Maria de Jesus em Palermo, Itália.

Em suas tarefas, dedicava-se aos trabalhos manuais e práticas de piedade, sendo constantemente solicitada pela comunidade local em busca de cura, orações e conselhos, forma pela qual ficou conhecido nas senzalas como milagreiro, homem puro de coração que praticava a caridade. Morreu aos 65 anos, em 1589, momento no qual se deu início ao longo processo de beatificação. Em 1807 foi canonizado, conclamado São Benedito, “O *Santo Preto*”. Entre seus devotos, estão especialmente os de origem africana por considerá-lo milagroso, intercessor pelas causas dos negros. Em Bragança, os negros escravizados abraçaram a devoção, logo se tornando um sentimento comunitário, integrando culturas e classes socioeconômicas.

Estudos apresentam o estado da Bahia como pioneiro na devoção ao santo, com formação da Irmandade antes da canonização de Benedito. Levada ao Maranhão, a devoção rompeu fronteiras e cresce a cada ano com devoção em todo o Brasil. A presença de frades franciscanos espalhados por todo o país aliada às origens negra e, posteriormente, mestiças, explicam o fenômeno religioso de devoção ao Santo, venerado como protetor dos humildes, dos cozinheiros e dos negros.

Antes, levado como mártir que representava os negros na luta contra a escravidão, na busca por dignidade humana e condições iguais de tratamento para brancos e negros, São Benedito era a voz do povo que clamava por liberdade. A escravidão se espalhava por todo o mundo na época em que São Benedito viveu o que disseminou a devoção a ele. As colônias católicas em todo o mundo foram pressionadas pelos negros escravos, mas somente em 1743, a Igreja permitiu o culto oficial ao santo.

Por todo o Brasil surgem cidades com o nome dedicadas ao Santo, a exemplo de São Benedito da Cachoeirinha e São Benedito da Areias, ambas localizadas no estado de São Paulo. Outras cidades levam o nome do santo, nos estados do Maranhão, Ceará e Minas Gerais. Vale lembrar que somente em Bragança o dia de São Benedito é comemorado no dia 26 de dezembro. No calendário da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

é no dia 05 de outubro e no calendário romano comemora-se dia 30 de abril, no aniversário de morte do santo.

Ao lado de expressões culturais de origem africana como o batuque e as congadas, a Marujada de São Benedito de Bragança e sua devoção são independentes e autônomas entre as devoções católicas no Brasil. Eduardo Hoornaert (apud SOUZA, 1992, p. 148), afirma que São Benedito “é a expressão da luta surda e tenaz dos negros contra a discriminação racial neste país, tão sutil e tão silenciada”. Para o autor, os empobrecidos materialmente, sejam descendentes ou não de escravos africanos trazidos para o Brasil, encontram consolo junto à imagem de São Benedito, ao disputar um espaço de compromisso e força na luta por dias melhores.

### 3.3 O Ritual e a Irmandade

“Fica por esta forma organizado o presente Compromisso, que deverá servir de regulamento para a Irmandade do Glorioso São Benedito, criada nesta Villa de Bragança, hoje cidade, e sem efeito o que foi organizado em 2 de setembro de 1794 (segundo os registros encontrados, porém não é a data correta) por carecer de esclarecimento que achão neste, e não haver sido aprovado pelo poder temporal como era de lei”.

Artigo 22 do primeiro compromisso legal da IGSBB, em 1853 (SILVA, 1997)

No Brasil, o culto a São Benedito deu origem a Marujada. Entretanto, no país como um todo, a Marujada é conhecida com a dramatização da tragédia marítima da nau Catarineta, embarcação portuguesa que desapareceu no litoral brasileiro, no século XVI, e consiste num canto que recebe diversas denominações, entre elas “Chegança de Marujos”, “Barca” e “Fandango” (AZEVEDO, 2003).

Já a Marujada de Bragança consiste numa manifestação cultural com origem no ano de 1798, de acordo com os autos de origem da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. Mais especificamente no dia 03 de setembro de 1798, a pedido de 14 escravos, os senhores permitiram que fosse organizada a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. Em gratidão à graça alcançada, os escravos saíram às ruas de Bragança dançando em frente às casas de seus senhores, fazendo exhibições coreográficas. Tal fato repetiu-se com novos agradecimentos nos anos seguintes dando origem à Marujada, manifestação atrelada à Festa de São Benedito, comportando o sagrado popular (SILVA, 1997; LEITE; 2003; ROSÁRIO, 2000). A palavra Marujada aparece oficialmente em 1947 no 1º Estatuto da IGSBB.

As Irmandades tiveram no século XX momentos que se alternaram entre o prestígio junto ao Estado e à sua comunidade, substituindo-o em funções teoricamente da alçada do poder público, como a assistência social e a educação, e momentos de repressão, controle, subordinação e apropriação por parte de autoridades eclesiásticas. Contudo, não se entregaram sem resistir, utilizando-se das mais variadas táticas, re-significando o próprio discurso de sua repressão. (NONATO DA SILVA, 2006, p. 21).

Rosário (2000, p. 2002) apresenta que “foi no auge da escravidão do século XVIII que os escravos criaram em Bragança a sua Irmandade”. A Irmandade teve seu primeiro compromisso em 1798; o segundo em 1853 e, em 1947, seu primeiro Estatuto, a Irmandade tornou-se sociedade civil.

Em 1947, Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa assumiu a função de ser procurador responsável pelo patrimônio da Irmandade e permaneceu por 41 anos, até sua extinção em 1988 (LEITE, 2003). Durante o período de 1947 a 1988, a Igreja percebia o grupo apenas por seu caráter folclórico, por se reconhecer única entidade detentora dos rituais e práticas religiosas dentro do catolicismo (SILVA, 1997). A transformação da Irmandade de cunho religioso em organização civil fortaleceu a Marujada, ganhando força e destaque no sentido de caracterizar a festa de São Benedito (SILVA, 1997).

Imanente no devoto promesseiro “[...] O significado está no ‘espírito de Irmandade’ que vem do ‘sentimento de Irmandade’. Sentimento solidário das raças do holocausto, identificação existencial do bragantino” (ROSÁRIO, 2000, p. 214). Por outro lado, não é correta a utilização do termo “Irmandade”, já que no direito canônico o termo Irmandade significa uma confraria religiosa (SILVA, 1997). A utilização do termo refere-se ao fato de a Marujada estar associada ao culto a São Benedito, portanto, à Igreja Católica.

O aparato dos compromissos dessa Irmandade e a complexidade de sua festa se devem à mescla da cultura negra com a cultura ocidental, teoricamente bem intencionada, já que se subentendiam para a época (séculos XVIII e XIX) a incapacidade do negro de fazer coisas e tomar atitudes que exigiam capacidade intelectual. (NONATO DA SILVA, 2006, p. 18).

No período de 1947 a 1968, as disputas entre Igreja e Irmandade Civil em torno da Marujada se agravaram, partindo de uma hostilidade recíproca de idéias, pois a Igreja não reconhecia a Irmandade e esta, por sua vez, não concordava com a autoridade eclesiástica (SILVA, 1997). Em 1988, dada a sentença que extinguiu a Irmandade Civil, mas não a Marujada, sob protestos de inúmeros manifestantes, a autoridade eclesiástica delegou aos membros da Marujada a administração da mesma, entendendo que os membros são conhecedores de todos os atos que a envolve.

Diversas medidas foram tomadas, a exemplo da extinção da taxa de anuidade que os irmãos pagavam à Irmandade, obrigatoriedade do cadastramento, entre outros. A idéia era



fortalecer o grupo enquanto protagonistas da Marujada. Porém, os membros estavam habituados ao longo da existência da Irmandade a serem comandados, dirigidos por um líder que os orientava à época da Festa. De acordo com Silva,

[...] Na verdade, os marujos sempre acostumados a estar inseridos dentro de um processo de domesticação muito intenso, herança da antiga Irmandade civil, quando chegava à época da festa sempre eram tidos como os grandes homenageados, as atrações da festa, eram como que ciceroneados o tempo inteiro pelo Procurador que passava a ser reconhecido por eles como um verdadeiro patriarca não conseguiu nesse momento histórico vivido, passar para uma situação de legítimos promotores da sua própria organização, burocraticamente (SILVA, 1997, p. 169).

Nesse momento, outra movimentação aconteceu no sentido de reestruturar o grupo, agora como uma organização civil, na tentativa de desvincular a Marujada da religião. Contradição que propunha “tirar-lhe o que de mais significativo possui: o seu sentido religioso” (SILVA, 1997, p. 170). Por outro lado, reconhecidamente, a identidade de marujo está intrinsecamente ligada à promessa, alicerce da devoção a São Benedito e por tratar-se de um “grupo cuja tradição e permanência transcendem ao tempo” (SILVA, 1997, p. 170).

No ano de 1988, às vésperas da festividade de São Benedito, após diversos conflitos a respeito da dissociação da Marujada do controle eclesiástico e/ou sua atrelação à Festividade, houve um consenso sobre a aceitação da Diocese de Bragança no comando da festividade, por meio do Grupo de Cultura. Outrossim, novamente a questão da autonomia do grupo passou a ser um problema. Marujas e marujos sentiam-se “abandonados” por não ter à frente um líder que os “orientasse”, comparando sempre às épocas dos dirigentes passados no comando da Irmandade civil.

Finalmente, em fevereiro de 1989, numa reunião extraordinária convocada pela então *Capitão*, dona Sinoca, João Batista, filho do ex-presidente Sr. Arsênio, foi nomeado pela assembléia, como dirigente da Marujada. A decisão foi resultado da necessidade de dar assistência aos marujos e marujas, constituindo-se fator fundamental para a continuidade do ritual. Isso se deve ao fato de que a autoridade eclesiástica não prestava tal assistência ao grupo durante o ano, apenas os procuravam na época da festividade (SILVA, 1997).

Na visão de um informante da Igreja, quando indagado sobre o dissídio entre Irmandade e igreja, que teve início em 1946 e terminou em 1988, esclarece que o confronto originou-se por iniciativa de políticos locais que perseguiram a Igreja e Dom Eliseu Coroli, bispo da prelazia do Guamá. À época, a Irmandade era uma sociedade religiosa e todos os bens (Igreja de São Benedito, a imagem do Santo, o coreto, barracão da Marujada, etc) pertenciam à Diocese de Bragança. Na ausência de Dom Eliseu de Bragança, em sua ida para a Itália, tais políticos transformaram a sociedade religiosa em sociedade civil. Na

tentativa de esclarecer essa discussão, o antropólogo Dedival Brandão da Silva descreve detalhes do ocorrido:

No dia 7 de julho de 1946, quando o bispo da prelazia do Guamá, D. Eliseu Coroli, se encontrava ausente de Bragança, realizou-se uma reunião da então Irmandade do Glorioso São Benedito tendo à frente o seu procurador Flordoaldo de Oliveira, destacado comerciante e industrial da cidade. A reunião de Assembléia Geral teve a concorrência de outros membros da Irmandade, que iriam se tornar mais tarde em figuras proeminentes dela. O objetivo era transformá-la numa 'sociedade civil'. Somente no ano seguinte em 1947, foi concretizada a transformação com a publicação no Diário Oficial do Estado do respectivo Estatuto, que para muitos foi fruto de manobras políticas na esfera estadual. Tinha início naquela data uma querela que se estenderia por mais de quarenta anos, de um lado, envolvendo agora uma Irmandade civil e, de outro, a autoridade eclesiástica, numa disputa pelo controle do culto ao Glorioso São Benedito (SILVA, 1997, p. 40).

Em meio a esse conflito, Dom Eliseu resistente a essa transformação e à Marujada, inclusive, entrou com um pedido na justiça de reintegração de posse dos bens que faziam parte da Irmandade religiosa, para a prelazia do Guamá. Ao final da querela judicial, o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu a reintegração de posse dos bens para as obras sociais da diocese. Nesse contexto, surge no senso comum uma idéia que prevalece até hoje de que a Igreja, na época, queria acabar com a Marujada.

No passado, era difícil obter padre para celebrar a liturgia na igreja de São Benedito. Até hoje, a igreja não é paróquia e, portanto, não tem um padre específico para ela, pois pertence à catedral Nossa Senhora do Rosário. Enquanto durou a briga judicial e, como resultado, o diálogo entre Igreja e Irmandade estava comprometido, era necessário convite/autorização da Irmandade para que o padre celebrasse a missa.

Dona Aracilda, a atual Capitoa, acredita que com a maior participação dos padres nas decisões da festividade, houve transformações. Na visão dela, muita coisa está diferente. Rememora que terminado judicialmente o conflito entre Igreja e Irmandade, seu Careca (Presidente da Irmandade) entregou a chave da Igreja de São Benedito, até então de posse da Irmandade “[...] Ele entregou a chave escondido, de que nós se revoltamo tudo lá pra frente, nós vamo botar esses padres tudo dentro d’água, se eles não devolverem a chave aqui pra nós” (Capitoa Aracilda, Trabalho de Campo, 2009), complementa.

A Irmandade é composta pelo Conselho Permanente, Assembléia Geral, Conselho Diretor e Conselho Fiscal. Os membros são eleitos através do voto secreto ou aclamação da assembléia geral, exceto os cargos do Presidente da Irmandade, Capitoa e Capitão que são vitalícios. A assembléia geral é quem decide se será voto ou aclamação. O quadro abaixo descreve os atores envolvidos na organização e realização da Festividade de São Benedito.

Autoridades Eclesiásticas	Bispo Diocesano; Vigário Geral, Pároco e Vigário Coadjutor.
Juiz e juíza da Festividade	
Diretoria Executiva	Presidente; Coordenador; Vice-Coordenador; 1º Secretário; 2º Secretário; 1º Tesoureiro; 2º Tesoureiro; Liturgia e Relações Públicas.
Irmandade da Marujada de São Benedito	Presidente; Capitoa; Capitão; Vice-Capitoa; Vice-Capitão; Secretário e Tesoureiro.

Quadro 2 – Atores responsáveis pelo planejamento e realização da Festividade de São Benedito.  
Fonte: Programa da Festividade de São Benedito. Diretoria Executiva, 2009.

Há 18 anos, o presidente da Irmandade do Glorioso São Benedito, João Batista Pinheiro, de 51 anos, funcionário público da Prefeitura de Bragança-PA, foi inserido na Irmandade por meio de seu pai, senhor Arsênio, que permaneceu no cargo de presidente durante 49 anos. A Irmandade, entidade civil sem fins lucrativos, tem por objetivo manter a tradição da Marujada através das danças, ritmos, vestes e na festividade de São Benedito.

No último balanço em 2009, a Irmandade contava com 280 marujos e marujas cadastrados efetivos, que cumprem com o pagamento a quatro anos da anuidade no valor de R\$ 24,00 (vinte e quatro reais). Em Assembléia Geral em 2010, o valor da contribuição passou a ser de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais). Existem doações, mas a Irmandade se mantém através de projetos culturais e da contribuição anual.

A prefeitura cede os funcionários para atuar no Teatro Museu da Marujada, criado em 25 de dezembro de 2002. Entre os funcionários cedidos tem-se: 2 vigias, 2 serventes, 2 assistentes administrativos. Os guardas municipais são cedidos sempre que necessário, especialmente em dezembro (todos os dias) pelo turno da manhã.

O Teatro Museu da Marujada (Fotografia 6) pertence à Irmandade e é administrado pelo Presidente da Irmandade. Doado pelo prefeito da época, Zé Diogo, em 2002, o espaço é alugado para atividades/eventos sócias como aniversários, confraternizações, seminários, reuniões, feiras, etc. A restrição é quanto há bebidas alcoólicas, com limite de no máximo 5 caixas de cerveja, além de entregar o espaço limpo. Para captar recursos, a Irmandade participa de editais de cultura, tanto na esfera estadual, quanto federal. Isso acontece, particularmente, na época da festividade, em forma de convênio.



Fotografia 6: Teatro Museu da Marujada.  
Autor: Elio Rizzo.  
Ano da foto: 2010.

Vale ressaltar que durante a festividade, o número de participantes se multiplica pelo menos em cinco vezes. Grande parte dos marujos e marujas devotos, portanto, não está cadastrado na Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, o que confirma o fato de a devoção não prescindir a participação na Irmandade.

De acordo com o presidente da Marujada, a maioria dos marujos e marujas é promesseiro e, portanto, não tem compromisso com a Irmandade. Mas quando dançam, todos devem respeito à Capitoa, inclusive devem estar devidamente trajados. São promesseiros até o quarto ano de associado depois viram efetivos, se forem cadastrados e aprovados pela diretoria. A contribuição anual pode ser paga mensalmente ou em taxa única, sendo que o cadastro para marujo efetivo só é permitido para maiores de 18 anos.

Para Dedival Brandão da Silva (1997), a promessa e o milagre consistem nas duas formas de mediar à identidade de marujos. Explica que tal afirmação parte-se da previsão de que exista um pedido a ser atendido e/ou a solução imediata de determinada situação. A relação entre o devoto e o santo é baseada em laços de reciprocidade, por vezes contestada, o que o conduz inevitavelmente ao ritual. Completa que

[...] Uma vez recebida a ineficácia dos recursos do mundo social, recorre-se ao controle dos Santos, aos seus poderes miraculosos e sobrenaturais, como única forma capaz de permitir ordenar essa passagem que fala Guimarães (citado pelo autor), de uma situação de conflito para o de uma relativa normalização. (SILVA, 1997, p. 182).

Dessa forma, a oficialização da promessa ocorre por meio do pedido. Ao lhe ser concedida a graça, temos o milagre que impele o devoto a pagar a promessa de diferentes formas. A

espontaneidade é uma das características das manifestações populares, num movimento que traduz o cotidiano de um povo, uma comunidade. Nesse entendimento, compreender a lógica interna do grupo e Irmandade de São Benedito é fator fundamental na compreensão do significado que os membros dão às suas ações (SILVA, 1997). Rosário (2000, p. 204), entende que

[...] O perfil ideológico da cultura caeteuara passa pela devoção beneditina espontânea, embora com o apoio erudito do Clero. A cultura bragantina é permeada pela ancestralidade de fundo religioso e folclórico que tange às questões de liberdade. O fio condutor dessa cultura está no Folclore natalino que tem como centro a Festa do Santo, ao lado do presépio e das outras manifestações do ciclo.

Essa relação intrínseca da Marujada com a festividade natalina merece destaque. Observa-se que, na cultura globalizada, o Natal assume diversas faces. A face do mercado de bens e serviços significa tempo de comprar, de adquirir bens e produtos essenciais e urgentes para a felicidade completa. A face espiritual convida todos à confraternização universal entre irmãos de um mesmo Pai Celestial, na figura do Menino Jesus.

À época da festividade em que os *irmãos* de São Benedito estão em festa e louvor, nos diversos momentos, em especial no dia 25 de dezembro, é feita a homenagem ao Menino Jesus. Às vésperas do Natal, dia 24, marujas e marujos dançam no último ensaio que antecede a Festa. Com a participação bastante reduzida, os devotos encerram mais cedo do que o usual, para poderem se confraternizar com seus familiares e amigos. Além do fato que, no dia seguinte, ainda bem cedo, deverão estar na casa da Capitoa para saída em cortejo.

No estudo de Dedival Brandão da Silva (1997), o autor observa que grande parte dos “produtores da marujada” vive na periferia, nos subúrbios da cidade de Bragança. Isso explica a área de circulação das três imagens de São Benedito que fazem as esmolações em dezembro. Muitos dos devotos vêm do campo, na expectativa de melhoria da qualidade de vida, mas permanecem na condição de subsistência.

Interessante ressaltar que a condição social dos marujos ao se reconhecerem parte de um grupo com status sociocultural em evidência em nível local e regional, inclusive nacional, merece destaque. No cotidiano de tacacazeiras, mingauzeiras, benzadeiras, lavadeiras e donas de casa: em algum momento de suas vidas, as marujas experimentaram um desses trabalhos na condição de mantenedoras do lar. Justamente por contarem, na maioria dos casos, com a aposentadoria. A relação de dependência que as marujas têm com os patrões pode ser compreendida pelo fato de que

[...] Essa mesma lógica, que denomino de 'subordinação consciente', é transferida na época da festa e até fora dela para os dirigentes da Irmandade e da marujada, ocasião em que as marujas-lavadeiras e as pertencentes às demais atividades ocupacionais colocam-se numa relação de dependência em relação àqueles. (SILVA, 1997, p. 200).

Esclarece que, o controle político e a autopromoção social da festa são dados aos seus patrões, em contrapartida para continuarem como herdeiras e promotoras da festa de São Benedito. Anteriormente, a inserção na Irmandade para muitos marujos e marujas significava segurança e amparo, pois encontravam apoio na defesa de seus interesses e direitos, como por exemplo, assistência médica e funeral. Hoje esse auxílio ainda ocorre, mas de forma contida, moderada. De acordo com o presidente da Marujada, os marujos e marujas que os procuram encontram amparo nas urgências de saúde e de funeral. Fato esse confirmado por alguns informantes que afirmavam receber ajuda quando necessário, porém, refutado por outros que asseguraram que não recebem ajuda da Irmandade, como outrora acontecia à época do Sr. Arsênio.

No sentido religioso, através da ritualística da Marujada, renovam-se a esperança e devoção a São Benedito. Para Silva (1997, p. 201) “[...] em meio à existência de uma simultaneidade de práticas, de combinações de gestos e situações articuladoras de uma linguagem, se expressa à vida cotidiana dos produtores da marujada de São Benedito”. O rito cotidiano de marujos e marujas são enriquecidos pelo rito extraordinário, traduzido no encontro das danças do ritual.

A Marujada tem como marca indelével, o que Dedival Brandão da Silva atribui de “comemoração dramática do milagre da salvação, além do que um notável destaque social, como ato de reconhecimento de seu papel, legitimando as condições objetivas de suas realidades” (SILVA, p.201). No ritual da dança da Marujada comemora-se a graça alcançada, como reconhecimento da intercessão do santo, conferindo à dança um sentido dramático, como resultado das experiências como um todo, vividas num contínuo de todo o ritual.

Ainda com base no estudo etnográfico do pesquisador op. cit., o antropólogo associa as práticas ritualísticas às práticas cotidianas dos atores sociais, a fim de reconhecer os ritos como fenômenos delineados pelo sistema social. O espaço do barracão da Marujada constitui-se num espaço seguro e de respeito (Fotografia 7).



Fotografia 7– Barracão da Marujada  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009.

Silva acredita que “[...] a garantia de serem bem recebidos e homenageados é percebida como uma maneira eficaz de aproveitar a velhice” (1997, p.203). Marujas e marujos são as estrelas da festa. São eles, os atores principais observados sob os olhares atentos da comunidade e, por diversos visitantes originários dos mais diversos estados do Brasil, bem como de outros países durante a época da festividade. Tal atração é permeada pela admiração e respeitabilidade das pessoas que transitam por essa manifestação, conforme evidência Castro (1998, p. 21),

- Verdade, meu branco,  
Verdade falaste.  
Marujada é esse todo  
Que a visão te alcança;  
Marujada é fascínio, é brilho constante,  
Menina dos olhos  
Do olhar de Bragança!

[...] – Meu velho marujo,  
Muito atento te ouvi  
Descrever Marujada  
Com a tua emoção,  
Quisera eu ficar  
Mais tempo de ouvindo,  
Fiel aprendiz  
Da tua tradição  
Que mais me faria  
Lembrar a tua terra,  
Este encontro festivo  
Em dupla alegria  
Se não a Marujada  
Meu velho marujo,  
Se não a Marujada  
Com a sua magia!

Essa conversa de marujo bem traduzida nos versos de Aviz de Castro mostra o fascínio do visitante diante da beleza e devoção ao Santo Preto. Interessante que, para Silva (1997, p. 203), no contraste do trabalho cotidiano, para os atores envolvidos “[...] dançar a marujada é uma maneira de se divertir, sendo católico, e uma oportunidade para compensar as dificuldades do dia-a-dia”. Durante os ensaios da Marujada, observou-se um movimento interessante, posteriormente ratificado durante a maioria dos ritos, de congregação e partilha independente da cor e classe econômica.

De acordo com a previsão dos organizadores da festividade, atualmente, não há uma estatística oficial do número de visitantes durante o período da festa. A estatística extra-oficial aponta para cerca de 80 mil visitantes/ano que participam das diversas homenagens ao Santo, com destaque para o ritual das danças da Marujada. Tal ritual se configura como um momento privilegiado de fortalecimento da identidade do grupo e participação social, visto que, é resultado da iniciativa de escravos negros que obtiveram permissão de seus senhores para organizar a Irmandade de São Benedito, o “Santo Preto”, como é conhecido por seus devotos. Para Rosário, “a festa vem daí, da harmonia com os senhores. Um ensaio de liberdade que eles começaram a comemorar, agradecendo ao Santo Negro Irmanado” (ROSÁRIO, 2000). Bruno de Menezes elucida que:

[...] a devoção do Santo Preto ganhou vigorosa força e popularidade entre os ‘homens de côr’, que, submetidos a trabalhos de servidão, acharam um símile para sua condição submissa no lavrador, pastor de gado e cozinheiro, serviços a que se entregou São Benedito. (MENEZES, 1959, p.63).

Isso esclarece o elo entre a devoção ao Santo e a cultura do negro escravizado. Interessante ressaltar o predomínio da participação de mulheres de todas as idades no ritual, com suas saias longas diferenciadas de acordo com o dia e batas brancas, com destaque para o chapéu ornado de penas de pata e longas fitas coloridas. A fita preta é em homenagem aos escravos, reinstituída em 2009 (Fotografia 8). Elas comandam as danças e desfilam ao som dos diversos ritmos folclóricos das festas de salão européias, trazidos pelos colonizadores portugueses, como o retumbão, xote, valsa e mazurca, entre outros. Um ritual predominantemente matriarcal, e os homens são considerados apenas coadjuvantes, no qual a Capitoa é a figura mais importante (Fotografias 9 e 10).

Elas – que comandam a dança – vêm vestidas de soberanas. Vestem-se como rainhas, senão de santas. São vestes talares porque recobrimo os pés com as saias azuis do Dia de Natal (dia 25) e vermelho no Dia de São Benedito (dia 26). O belíssimo turbante descendo em fitas coloridas lembra a coroa na realeza, sentimento de Monarquia, visível nos gestos e na alma caeteuara. (ROSÁRIO, 2000, p.203).





Fotografias 8, 9 e 10 – Chapéu de maruja com detalhe para a fita preta; indumentária de maruja usada no dia 25 e indumentária de maruja usada no dia 26.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009.

Observa-se que a diversidade e identidade da festividade atraem cada vez mais visitantes das mais variadas origens. Tal fato ratifica a necessidade de conservação desse imenso e valioso patrimônio cultural imaterial, isto é, de manifestação da cultura imaterial. Assim, a festividade e, por sua vez, os rituais que integram a Marujada, estão intrinsecamente ligados ao desenvolvimento da atividade turística local, e podem contribuir para que os benefícios sejam distribuídos equitativamente entre todos os atores envolvidos.

Cumpramos ressaltar que, na Amazônia, a mulher índia e a mulher negra escravizada têm papel fundamental no processo de formação da comunidade devota, já que os homens foram consumidos como mão-de-obra. Foram responsáveis pela edificação de igrejas, pela plantação nos canaviais bragantinos, inclusive pelo plantio de algodão, mandioca e confecção da farinha (ROSÁRIO, 2000, p. 202). O papel delas no ritual pode ser expresso por trechos de poemas como os de Silva, “Miçangas, espelhos e fitas, blusas brancas, saias de cor, levam marujas catitas para o batuque do tambor” (SILVA, 2000), e pelos de Castro, “Quem são essas mulheres, de pés desnudados, chapéus adornados, com plumas, espelhos, miçangas, colorido de fitas? Quem são essas mulheres de semblantes humildes com vestes tão ricas?” (CASTRO, 2000).

Versos estes que apresentam como as mulheres marujas se vestem. Com indumentária que cobrem todo o corpo, até os pés descalços, pois, na Marujada ainda predomina o espírito religioso da promessa sobre o aspecto profano da diversão (ROSÁRIO, 2000). Fato de que os devotos, marujos e marujos promesseiros e herdeiros de uma expressão lúdica e ao mesmo tempo sagrada, dentro da visão ou conceito de ‘Sagrado Popular’. As danças são elegantes, discretas e singelas, espelhando a simplicidade dos

devotos, sem nenhum apelo à vulgaridade, momentos que visivelmente enfatizam a pureza e beleza do ritual (Fotografias 11 e 12).



Fotografias 11 e 12 – Ritual das danças no Barracão da Marujada e no Teatro Museu da Marujada.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009.

“Esses homens descalços vestidos de branco, chapéu enfeitados com flores e fitas? Quem é essa gente assim tão festiva esbanjando beleza, marujo, me explica!”. Os marujos de pés descalços, no dia 25 vestem calça branca e blusa de manga comprida na cor azul claro, cinto preto e chapéu branco com uma fita azul, inclusive com uma fita azul amarrada no braço esquerdo (Fotografias 13 e 14).



Fotografias 13 e 14 – Indumentária do marujo usada no dia 25 e no dia 26 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

Os protagonistas da Festa da Marujada, marujas e marujos, desfilam sob o olhar atento e admirado do visitante, expressando por meio dos trajés e danças, ao som dos músicos, o fervor devocional e sua “intimidade” com São Benedito. Com relação ao sagrado-profano. Rosário (2000, p. 122) explica que,

[...] o tradicional sagrado-profano que já não explica, mas segrega o que é deste mundo do que não é, numa visão cada vez mais universalista e integradora, os mundos já se confundem, se comunicam numa integração de pontos de vista pelo que este mundo e o outro não são estranhos, nem opostos.

A identificação dos devotos com o Santo negro, o irmão negro, transcende a existência terrena. É uma ligação emocional que não se explica. No ritual da Marujada, o louvor ao Santo assume expressões de gratidão, devoção e amor, e não há espaço para a autoflagelação. É perceptível, quase “mágica” a energia do ritual. Suor, cansaço e fome se perdem na emoção da música, da dança, do canto e da fé. Sentimentos que se potencializam travestidos de cores, sons e comoções.

### 3.3.1 Iniciando a festividade: os ensaios no barracão

No salão pertencente à Igreja de São Benedito, durante os ensaios da Marujada que ocorrem nos dias pares, a contar do final de semana que antecede o início da festividade (em 2009 ocorreram nos dias 18, 20, 22 e 24 de dezembro), observou-se a participação de um público de faixa etária bastante diversificada, embora haja predominância dos mais velhos. De acordo com uma informante local, atualmente os jovens dão preferência para dançar com as marujas mais novas. Acontecimento observado, acrescentando o fato de que as marujas mais idosas, por vezes, necessitam de uma pausa entre uma dança e outra para se recompor.

Quando no salão, cada dança do ritual demora em torno de 5 a 10 minutos, às vezes mais. Sendo que, no momento em que o marujo convida a maruja para dançar e esta aceita, eles devem permanecer do início ao fim da dança, rodeando todo o salão. Acrescido ao fato de que, o ambiente em que acontece os ensaios é pequeno e quente, considerando o número de pessoas dispostas no salão. Dessa forma, é necessário saúde e algum preparo físico, somado ao entusiasmo e alegria característicos dos integrantes, para manter-se bem, participando das danças do ritual.

No primeiro dia de ensaio para a festividade de 2009, o Presidente da Marujada faz a abertura da Assembléia evidenciando o aumento da responsabilidade, a partir desse ano, de todos os marujos e marujas, considerando o fato de que a Marujada foi declarada como Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará (PARÁ, Lei nº 7.330). Ressalta que tal fato concorre para o resgate de algumas tradições/ritos que com o tempo foram deixados para trás. Como, por exemplo, entre as 14 fitas coloridas que compõe o chapéu da maruja, uma delas deve ser preta, simbolizando o negro que deu origem ao ritual e o retorno do uso do

espelho no chapéu do marujo. A assembléia concordou por unanimidade, como regra para o próximo ano.

Resgates estes que já era visível nos anos anteriores. A existência do Mastro tradição recuperada desde 2008, é colocado durante a Alvorada, que marca a abertura da festividade (Fotografia 15); e o rito de buscar em procissão/cortejo, o juiz e a juíza em suas casas (Fotografia 16). E finalmente, no ano de 2009, o retorno da tradição de ir buscar a Capitoa em sua casa (Fotografia 17), considerando que, desde a morte da Capitoa D. Sinoca, em 2004, a saída acontece da casa do Presidente da Irmandade. Tal fato merece destaque considerando que, no momento em que foi anunciado tal mudança/resgate, D. Aracilda, atual Capitoa, ficou constrangida, já que sua casa fica longe e a maioria dos integrantes nunca esteve lá (acontecimento registrado/presenciado no dia 25). Na primeira assembléia geral realizada em 2010, a saída do cortejo da casa da Capitoa foi aprovada pela Irmandade.



Fotografias 15, 16 e 17 – Mastro erguido na abertura da festividade no dia 18 de dezembro; juíza da Festividade e Capitoa.

Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho

Ano da foto: 2009.

Durante os ensaios, é permitida a participação de toda a comunidade e visitantes, independente do objetivo/caráter da atuação, basta apenas estar adequadamente vestidos. As restrições dizem respeito à vestimenta e ao comportamento no salão. As mulheres devem estar vestidas de saia longa estampada de comprimento até os pés, com blusa branca grande e solta com manga. É proibido o uso de roupas transparentes e que marquem a silhueta. Para os homens, a orientação é que devem estar de calça comprida, com camisa de cor não definida, mas de preferência branca. Ambos devem estar descalços no salão. Os músicos são contratados para tocar todos os ritmos que configuram o ritual

(Fotografias 18 e 19). Os pares são formados aleatoriamente, mas normalmente é o homem quem convida a dama para dançar (Fotografias 20 e 21).



Fotografias 18 e 19, – Músicos nos ensaios da Marujada.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.



Fotografias 20 e 21 – Ensaio das danças no barracão da Marujada.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

### 3.3.2 Esmoladores de São Benedito

“... Deus vos salve a humanidade  
Salve quem veio chegando  
Às cinco e meia da tarde  
Bendito seja o seu nome  
Maria mãe de Jesus, Glorioso meu Sinhô São  
Benedito é o Rei da Glória, É o Rei da luz (ô ô)

Às cinco e meia da tarde  
Pela porta principal  
Pra trazê São Benedito  
Aonde veio “pernoitar”

Vim trazê São Benedito  
Pra cumprir sua promessa  
Deixando o reino na glória  
Com as portas do céu aberta

(Folia de chegada do Santo, cantada na Comissão do Santo Colonieiro)

O rito das Esmolações, intrínseco ao ritual da Marujada, compreende o período de abril a dezembro, e tem início com a saída das três imagens de São Benedito: o camponês, o coloneiro e o praiano (Fotografias 22, 23 e 24). As Esmolações consistem na captação de doações entre os devotos do Santo para a realização da festividade de São Benedito. As três imagens percorrem o interior do município de Bragança durante praticamente nove meses, constituindo-se como uma das mais extensas peregrinações realizadas no Brasil.



Fotografias 22, 23 e 24 – Imagem de São Benedito das Colônias, dos Campos e das Praias.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

No início de dezembro, as duas imagens do Santo, a das colônias e dos campos já chegaram à cidade, a última chega pelo rio, conferindo importância e forte sentimento religioso. O rito das Esmolações é realizado por três comissões que levam consigo uma imagem peregrina: imagem do Santo camponês, que percorre os campos da região; imagem do santo coloneiro, que visita as colônias em peregrinação e, a imagem do santo praiano, que percorre as praias da região. Cada comissão tem data pré-estabelecida para chegar ao município de Bragança, à Igreja de São Benedito e dar continuidade ao ritual.

Ao chegar à casa do promesseiro, os peregrinos esmoleiros dos campos, da praia e da colônia são recebidos com fogos de artifício e dezenas de devotos ansiosos pela benção do Santo. Os foliões ou rezadores como também são conhecidos os que acompanham a imagem – nem sempre são marujos - são acolhidos com honras na residência onde a imagem passará a noite. Após o jantar farto, os esmoladores seguem um rito interessante. Fazem o agradecimento à mesa após o jantar durante cerca de dez minutos, depois o fazem de forma breve diante da imagem (normalmente a imagem é colocada em um altar previamente de destaque/reverência da casa que a acolhe) (Fotografias 25 e 26).



Fotografias 25 e 26 – Esmolação de São Benedito na Vila do Camutá.  
 Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
 Ano da foto: 2009.

O rito tem início com um batuque ao som dos instrumentos musicais como a Rabeca, Banjo, Reco, Tambor e Pandeiro, bem retrato por Castro (2000),

- Esse rústico tambor, meu velho marujo, que mão ritmadas estão a bater;  
 O tosco violino aninhado àquele ombro, - de sons delicados – eu quero saber.  
 O modesto violão de sons tão faceiros;  
 A batida afinada desse velho pandeiro;  
 Aquele bandolim tocando animado, me conta marujo: são todos pra quê?  
 - são eles, meu branco, que à soma dos anos, dão vida a estas danças que  
 nós todos dançamos, se pouco eles têm de modernos ou ricos,  
 Nos basta a riqueza de tocar nossos ritmos!.

Em seguida os rezadores dão início à ladainha em latim. Por vezes fica difícil, às vezes praticamente impossível, compreender a oração. Somente aqueles que já tiveram acesso ao conteúdo dessas orações, ou aqueles que já participam há um longo tempo, podem compreendê-las e arriscam acompanhá-las. Para Rosário (2000, p. 196), “[...] rezadores e foliões pernoitam (pernoita) nas casas dos promesseiros, que, festivos, abrem suas casas para a Ladainha. A Esmolação é paga de promessa. Nada tem a ver com mendicância.”

[...] A Ladainha é a síntese do chorar dos séculos de extermínio e de escravidão. Perpetrou-se, afinal, nos séculos XVII e XVIII o maior holocausto de povos das Américas, quando o Santo e Cruz tornaram-se signos da consolação e do salvamento. Negros, índios, brancos e mestiços estão ecológica e culturalmente amalgamados, enredados e entrelaçados na Ladainha de tremenda expressividade milenar-secular nas comunidades caeteuaras. (ROSÁRIO, 2000, p. 198).

Percebe-se a comunidade atenta por quase todo o tempo que dura o ritual, totalizando cerca de uma hora. Momentos antes do término do ritual, a comunidade se levanta para reverenciar a imagem do Santo. Nos ritos finais, os esmoladores tomam benção dos mais velhos e despedem-se do Santo. Finalmente, a comunidade em fila presta sua homenagem

e oferta monetária diante do altar onde está a imagem do Santo. É de praxe servir um mingau à comunidade ofertado pelos donos da casa que recebem a Comitiva.

Interessante ressaltar que, durante a louvação os rezadores entram em uma espécie de transe ao repetir as orações em latim, pois o som parece anestesiar os sentidos. “[...] O cantar-rezar da ladainha soa como uma estetização sacral do choro secular das raças que protagonizam o trauma da colonização” (ROSÁRIO, 2000, p. 198). Concordando com o autor, mas parece um triste lamento junto ao Santo. Interessante é observar a seriedade e concentração dos rezadores (Fotografia 27).

[...] No fundo, a experiência da Ladainha é idêntica à da Cruz: São Benedito é expressão católica de Jesus. Expressa a Ladainha a fala distinta de um povo já tornado autóctone e cujos ancestrais foram crucificados na América amazônica onde o Santo virou consolação ou socorro. Violaram-lhe afinal a cultura, interferindo na sua forma de amar, de crer, de ser feliz. (ROSÁRIO, 2000, 199).



Fotografia 27 – Esmoladores rezando a ladainha em louvor ao Santo  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

Outra observação pertinente é o fato de que a maioria das casas dos promesseiros tem origem em famílias muito pobres, mas que acolhem a todos, por vezes devotos desprovidos de recursos financeiros. São pessoas generosas, que abrem suas casas para acolher toda a comunidade de promesseiros, vindas da região bragantina e da capital, inclusive. Funciona como uma grande família irmanada na fé e devoção a São Benedito.

Apesar da carência e simplicidade, a comida é muito farta: carne de boi, frango, feijão, arroz, macarrão, farinha, entre outros. É primeiramente ofertada aos foliões da comitiva do santo e, posteriormente, é oferecido aos demais devotos. Na cidade, na casa de D.



Raimunda, dona de casa, há mais de 60 anos devota de São Benedito, gentilmente oferece o jantar à comunidade participante. Testemunho de uma oração ao São Benedito da Praia por graças alcançadas.

Outro fato interessante testemunhado pelos devotos promesseiros é que, durante as esmolações, a comida ofertada pelo promesseiro sempre se multiplica. Na residência onde os foliões pernoitam, além do jantar e do mingau, o devoto fornece o café da manhã do dia seguinte. Momento no qual os rezadores se dirigem para a casa do próximo promesseiro.

Para Rosário, a imagem de São Benedito da Praia é “[...] considerada a Padroeira, a ‘achada’. Como se vê, o símbolo do ‘Achamento’ (mito que vem desde o Achamento ou descoberta da terra brasileira pelos portugueses e espanhóis) está presente no folclore devoto do Caeté” (ROSÁRIO, 2000, p. 183). Acontecimento este relatado por um membro da comitiva de São Benedito da Praia, que acompanha os esmoladores desde os 12 anos e hoje está com 75 anos, portanto, há mais de 60 anos, sobre a imagem “achada”. De acordo com o devoto, a imagem foi achada no ano de fundação da Irmandade, em 1789, no local onde hoje é a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Segundo o informante, na imagem “não pega tinta preta (nunca fora restaurada) porque ela tem uma cor marrom diferente” (informante).

O informante completo que ao levar a imagem de volta para a “Vila Que Era”, lugar que deu origem ao município de Bragança, a mesma voltava sempre para o mesmo lugar. Interessante ressaltar que, durante as esmolações das três imagens dos Santos, a imagem do Santo da Praia normalmente é a mais seguida por fiéis devotos, com maior número de participantes nas homenagens/orações. É, inclusive, a imagem que permanece fora do município, esmolando, por mais tempo, já que é a última imagem a chegar.

No dia 07 de dezembro, acontece a última ladainha do interior. A imagem de São Benedito da Praia é esmolada na Vila de Camutá, local de onde parte no dia 08 de dezembro (feriado nacional *facultativo* em honra a Nossa Senhora da Conceição). A romaria fluvial em homenagem ao Santo segue até o cais da cidade de Bragança. Uma multidão de fiéis devotos aguarda na avenida beira mar a chegada dos barcos, momento de grande louvor com fogos e homenagens.

Na simplicidade dos moradores da vila do Camutá, o Santo é homenageado em altar ornado com devoção. Os devotos permanecem dentro e fora da residência, numa festa que congrega pessoas de todas as idades e condição financeira. A ladainha, “cantado num misto de latim e português caboclo” (ROSÁRIO, 2000), é acompanhada de instrumentos musicais que agregam beleza e emoção ao ato. Em todo o início da reza, fogos de artifício são espalhados pelo céu, comemorando o momento.

Pela cidade, após a chegada das imagens, há sempre o som dos foguetes desde o alvorecer até o anoitecer, apresentando a cidade em festa. Na obra de Ubiratan Rosário (2000, p.186), a devoção ao santo emerge como “prazer devoto da cultura bragantina” e traduz a “magia da tradição contra o vazio e a violência da mídia”, de um povo que “sabe transformar o gemido da vida em apoteose e encanto”. A maioria das pessoas que participam são adultos e idosos. Os jovens permanecem num semblante curioso, porém caracterizada mais pelo sentimento de partilha do que pela devoção, muitos, porém, permanecem dispersos às proximidades do rito falando ao celular e/ou ouvindo músicas altas.

Durante a reza, não há conversa em sinal de respeito. Antes de iniciar, para os rezadores é oferecido bombom de menta para aliviar a garganta. E durante a oração, lhes é servido água. Observa-se que mesmo com o semblante cansado, eles se mantêm firmes. Alguns parecem estar anestesiados, como se estivessem sendo movidos por uma força superior divina.

No período de 09 a 17 de dezembro, os esmoladores saem pelas ruas da cidade de Bragança recebendo ofertas para o santo e para a festividade. Ao serem convidados a entrar, fazem uma breve oração e recebem donativos. É possível escutar de longe o canto e o batuque dos rezadores. De acordo com o presidente da Irmandade, os valores arrecadados durante a festividade em 2009 podem ser visualizados no quadro 3. Vale ressaltar que 40% do valor total são repassados para os esmoladores dividirem entre si.

<b>Ação</b>	<b>Valor Arrecadado em R\$</b>
Esmolação Santo dos Campos	15.000,00
Esmolação Santo da Colônia	11.500,00
Esmolação Santo da Praia	16.000,00
Leilão	15.000,00
Arraial	3.500,00
Ofertas no período de 18 a 26	13.200,00
Total	74.200,00

Quadro 3: valores arrecadados nas esmolações em 2009.  
Fonte: Trabalho de Campo (2009).

Observa-se, nos diversos momentos/atos que concretizam o ritual da Marujada, a maior participação de gente simples, de tez escura, na mistura amazônica do branco colonizador, do índio colonizado e do negro originário da África. Gente que professa a fé católica, visualizado nas imagens de santos espalhadas pelas casas, vivem com poucos recursos materiais, apenas com o essencial. Gente que sabe partilhar, acolher e cuidar. Na ignorância das letras, pessoas que desejam com sinceridade o que há de bom ao outro.

### 3.3.3 A romaria fluvial nas águas do rio Caeté e chegada das imagens peregrinas

“Quando chegaste do Camutá  
No trapiche eu estava lá  
Batendo palmas e vibrando;  
Assim que os tambores tocaram  
E as marujas caminharam  
Tive os olhos lagrimando”

(Guimarães, 2000)

No dia 08 de dezembro acontece a romaria fluvial, que consiste na trasladação da imagem do São Benedito da Praia, partindo da Vila do Camutá através do rio Caeté até as margens da cidade, onde centenas/milhares de devotos o aguarda para prestar homenagem. O horário de saída dos barcos acompanha o ritmo da maré, que deve estar cheia, para que seja possível a travessia. Enquanto aguardam a saída dos barcos, marujas e marujos, devotos, curiosos, autoridades e membros da Irmandade vão se aglomerando junto aos barcos.

Em 2009, a concentração teve início às 9h00, sendo que só foi possível a partida dos barcos às 11h00. No porto, observa-se um imenso número de devotos ansiosos por conseguir um lugar nos barcos. O barco no qual a imagem do Santo é trazida até Bragança, leva autoridades, convidados e imprensa (Fotografias 28, 29, 30 e 31).



Fotografias 28, 29, 30 e 31 – Romaria fluvial.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho (2009)

Do outro lado do rio Caeté, a comitiva aguarda a chegada do barco para a travessia. Acompanhado de dezenas de embarcações de todos os tamanhos, lotadas de devotos, o barco segue rumo à Camutá. Na chegada ao porto, todos permanecem no barco, exceto o padre que deverá receber a imagem conduzindo-a na procissão de retorno. Ingressam na embarcação juntamente com a imagem do Santo, a comitiva e alguns devotos que ali aguardavam.

A travessia de retorno dura cerca de 50 minutos, pois faz um breve passeio contemplando a orla e homenagens de fogos de artifício. Ao longo da orla, espalha-se uma multidão de fiéis. Na chegada, um belo cordão de marujas vestidas de saia estampada e blusa branca (traje que utilizam nos ensaios) que, descalças, formam o caminho para a passagem da imagem, numa bela e emocionante imagem de devoção e fé.

Em um palco montado em frente ao local da chegada da romaria, o padre responsável pela festividade faz um breve sermão. Logo em seguida, a comitiva segue em procissão louvando São Benedito da Praia com destino à casa do promesseiro, onde ficará até o dia seguinte para ser esmolado. Acompanhado de centenas de devotos que o esperavam, fiéis emocionados demonstravam sua fé pedindo as bênçãos, num olhar cheio de amor, devoção e gratidão ao Santo.

Não há como conter a emoção, pois cultura, devoção e vida se fundem num só movimento. Ao final, a alegria da saudação: “*E viiiiiiiivaaaaaa o Glorioso São Benedito de Bragança!*”, evocada por padre Nelson num som forte e estridente que contagia toda a multidão presente (Fotografias 32 e 33).



Fotografias 32 e 33 – Chegada da romaria fluvial com a imagem do Santo da Praia.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

O dia 16 de dezembro marca o início do tempo em que são encerradas as esmolações do ano. Em procissão pelas ruas da cidade, as três imagens saem das casas dos promesseiros com destino à Igreja de São Benedito. A imagem do Santo das Colônias

chega pela manhã e a imagem do Santo dos campos o faz à tarde do dia 16. No dia 17 de dezembro, pela manhã, ocorre à chegada do Santo das Praias.

Momentos de louvor e devoção marcam o percurso no qual marujos, marujas e comunidade em geral se revezam para segurar o andor, em uma demonstração de amor e devoção a São Benedito. Após chegada à Igreja, com os mastros balançando festivamente, a imagem entra na Igreja, momento nos quais os esmoladores fazem a louvação. O pároco de Bragança e o presidente eclesiástico da festividade dão uma benção especial para a comunidade participante.

As três imagens juntas simbolizam a unidade da Igreja. Numa cena inusitada, a Capitoa permanece ao lado de fora da Igreja, emocionada, agradecendo as bênçãos de São Benedito à cidade de Bragança. Ao ser indagado sobre sua entrada na Igreja, ela afirma ter prestado sua homenagem ao santo e diz não querer dar trabalho para os outros, considerando sua situação de pessoa com necessidades especiais, desde 2007.

### 3.3.4 A Alvorada

[...] Meu sinhô São Benedito  
É a flor da madrugada  
Acorda seus foliões  
Para dar a alvorada  
Alvoradinha estão dada  
Como deu lá na igreja  
Onde está São Benedito  
Com seu manto de grandeza

(SILVA, 1997, Folia de Alvorada: Santo Camponês)

A Alvorada consiste na primeira atividade cotidiana do grupo (SILVA, 1997, p. 102). É madrugada do dia 18 de dezembro, início oficial da Festividade e, às 5h00 da manhã, acontece a Alvorada festiva, momento no qual se iniciam as comemorações dos 211 anos Marujada de São Benedito de Bragança. Nesta ocasião, as marujas e marujos estão devidamente trajados, com o traje oficial azul, que usam em comemoração ao Natal, caminham enfileirados – marujas vão à frente seguidas pelos marujos - no percurso que vai do Teatro Museu da Marujada até a Igreja de São Benedito. Capitoa, Capitão, Juiz e Juíza da festividade acompanham o trajeto no centro das filas (Fotografias 34 e 35).



Fotografias 34 e 35 – Alvorada: fila de marujas e fila de marujos.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

Nesse momento, é hasteado o Mastro pelo juiz do Mastro em honra a São Benedito, em frente ao bacarrão da Marujada, que pertence à Arquidiocese. Após o rito, acompanhados pelos tocadores, ao som do retumbão, marujas e marujos fazem três voltas ao redor da Igreja, num abraço simbólico. Ao término da terceira volta, dançam e prestam reverência aos juízes da festividade, ao padre e ao templo para em seguida entrar na Igreja. Rezadores fazem uma breve louvação em honra ao Santo.

Em seguida, recebem a benção da abertura oficial da Festa da Marujada dada pelo padre que preside a Festividade, que discursa sobre a importância de se manter a tradição. Particularmente agora que a Marujada é considerada patrimônio cultural e artístico do Estado do Pará. Em seguida, no barracão da Marujada, finalizam o ritual de abertura com um café da manhã oferecido por uma família promesreira. Dentro do local, cumprimentam os Juízes, a Capitoa e o Capitão presentes, agradecendo e louvando a São Benedito, com danças e reverências até as 8h00 da manhã (Fotografias 36, 37, 38 e 39).



Fotografias 36 e 37 – Alvorada festiva.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.



Fotografias 38 e 39 – Alvorada festiva.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

### 3.3.5 O rito do almoço e a Cavalhada

[...] o clima vivido pelos participantes é de conversa, risos e expectativa também, sobre o que será servido, num entrecruzamento de discursos que têm na base de sua realização a comida, a bebida e a dança. (SILVA, 1997).

Passados os cinco anos desde que assumiu, na Irmandade, o cargo vitalício de Capitoa, D. Aracilda, conhecida como Iraci para os mais íntimos, sugeriu que retomassem a tradição de marujos e marujas ir buscar a Capitoa em sua casa, para então sair pelas ruas da cidade em cortejo (Fotografias 40 e 41). O retorno do rito fora aprovado e, dessa forma, a partir de 2009, todos os marujos e marujas do quadro, particularmente, deverão ir ao encontro da Capitoa para dar início aos rituais. A vestimenta oficial desse dia é o traje azul.



Fotografias 40 e 41 – Saída da casa da Capitoa no dia 25 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

No dia 25 de dezembro, por volta das 6h00, marujas e marujos começaram a chegar para que pudessem se reunir para irem, em grupo, buscar os juízes da festividade em suas casas. Ambos, juiz e juíza, devem estar de prontidão em frente as suas casas, aguardando

as marujas e marujos buscá-los, dirigindo-se em cortejo até a Igreja de São Benedito. Feito acordo prévio, caso não estejam preparados, não cabe ao grupo aguardá-los.

Interessante registrar uma boa participação dos devotos, particularmente dos mais velhos, considerando a distância da casa da Capitoa, do centro da cidade e, o fato de que a maior parte deles não possui carros. Aos poucos foram chegando marujas e marujos, acolhidos com um café da manhã servido pela dona da casa. Ao som de músicas da Marujada de São Benedito, a casa estava em festa. Ao receber os devotos, D. Aracilda apareceu com seu andador e não conteve a emoção, logo consolada e acolhida sob aplausos pelos devotos e membros da Irmandade. Além de marcar a primeira vez que recebe os devotos em sua casa para dar início ao ritual do dia 25 de dezembro, emocionou-se por acreditar que seu pedido não havia agradado a todos, sentindo-se constrangida por morar longe do centro (Fotografia 42).



Fotografia 42 – Capitoa Aracilda  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009.

Por volta das 6h40, o cortejo saiu pelas ruas de Bragança, agregando marujas, marujos e comunidade devota ao longo do caminho. Ao som dos tocadores, seguiram até a casa da Juíza da festividade de 2009 para, em seguida, receber o Juiz em procissão com destino à Igreja. Na Igreja, esmoladores os aguardam para a louvação e, em seguida, dançarem no barracão até as 12h00, momento no qual seguem descalços sob o sol do meio dia, no asfalto quente (considerando o fato de estarem de pés descalços), para o local onde será ofertado o almoço pela Juíza de 2009.

O rito do almoço, que ocorre anualmente nos dias 25 (dia de Natal = nascimento) e 26 (Dia de São Benedito) de dezembro, consiste no pagamento de uma promessa. Cabe ao juiz e juíza da festividade a oferta. É certo que no dia 26 há uma maior participação da comunidade do que no dia 25, mas em ambas a comunidade se faz presente.

Os juízes são promesseiros. Devem se inscrever e aguardar numa fila/lista para pagar a promessa. O quadro atual de promesseiros como juiz e juíza estão completos até o ano de



2020. É obedecida a ordem de solicitação registrada no livro de Registro de Juiz, que fica na administração do Museu. O critério é relacionado à condição financeira de fornecer o almoço aos marujos nos dias da festividade 25 e 26 de dezembro, mas há um revezamento, uma vez o juiz é dia 25, outro ano é a juíza, e vice-versa.

Em 2009, o local do almoço promovido pela juíza foi bem agradável, avaliando que era numa quadra poliesportiva arejada, grande, e as mesas estavam bem dispostas ao longo da quadra, além da menor quantidade de promesseiros que participaram do rito, a estimar pela participação no dia 26 (Fotografias 43 e 44). A refeição primeiramente é servida para os mais antigos, membros da Irmandade, juntamente com as autoridades. São pratos feitos, servidos com refrigerante e sobremesa ao final. Posteriormente, marujos e marujas se acomodam para então fazerem a refeição. Se observou a qualidade da refeição servida, mesmo composta por um cardápio básico, que se trate do usual arroz, feijão, carne ou peixe, farofa e salada. Segundo um informante, certa vez, toda a comida ofertada pelo juiz da festividade estragou, de acordo com o mesmo “[...] ai ele foi o juiz da festa, e eu não sei o que ele fez lá pro Santo que ele fez muita comida e a comida não prestou, apodreceu” (Informante, 2009).



Fotografias 43 e 44 – Almoço da Juíza da festividade no dia 25 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

Nesse ato, os marujos são os atores principais, são os homenageados, são os donos da festa, no qual o promesseiro se coloca numa atitude de servo. Na concepção de Silva, o ritual do almoço corresponde “[...] a uma combinação de situações capazes de articular uma linguagem que se caracteriza pela ambigüidade. Ao mesmo tempo em que o ritual promove os marujos ele os nega” (SILVA, 1997, p. 228). Encerrado o almoço, ao finalizar suas refeições, marujas e marujos saem com destino ao Teatro Museu da Marujada, para aguardarem a saída, em ônibus disponibilizado pela Irmandade, para levá-los até o local onde acontece a disputa.

Na tarde do dia 25 de dezembro acontece o rito da Cavalhada, em área próxima ao aeroporto municipal. Trata-se de um ritual que relembra a guerra religiosa disputada entre cristãos e mouros por territórios sagrados, revelada na atualidade, através de uma competição entre duas equipes de montaria, a Vermelho e a Azul, numa partida na qual ganha quem, ao final, obtiver o maior número de argolas (Fotografias 45, 46 e 47). Promovida pela Irmandade responsável por angariar patrocínios e prêmios, o rito da Cavalhada tem registrado um aumento significativo no número de participantes a cada ano.



Fotografias 45, 46 e 47 – Cavalhada.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

A dinâmica da disputa acontece quando os cavaleiros partem em velozes arrancadas, levando na mão direita uma pequena lança de madeira, disputando seguidamente uns pelos outros. Quem consegue enfiar na lança o maior número de argolas vence a competição. A cada ano, cresce a participação e interesse da comunidade por esse ritual.

O local onde foi realizada a disputa de 2009 parecia não ser o mais adequado, considerando a forte nuvem de poeira que se formava a cada cavalgada dos cavaleiros, além da grande quantidade de mato e galhos secos espalhados por todo o espaço, ferindo, inclusive, marujas e marujos que estavam descalços. Sob responsabilidade da Prefeitura Municipal, o local deveria ter sido limpo e capinado. O que denota uma falha no diálogo entre poder público e diretoria da festividade. Além do calor excessivo, pois ainda eram 16h30, não havia local adequado para a comunidade participar como observadora ou torcedora dos cavaleiros. Fato constatado pelo número de pessoas que permaneceram no local.

### 3.3.6 Dia 26 de dezembro: e “viva são Benedito!”

Lá vem são Benedito, pelas ruas de Bragança, entronizado na alma bragantina, nesta convulsão de tradição e fé!  
Lá vem a Marujada silenciando o retumbão, pés descalços, colorida, direcionando a procissão!  
Lá vem o povo, irmanado!  
Da Cidade ou visitante, cidadão ou caboclo,  
Todos sem distinção!...

[...] Lá vem São Benedito pelas ruas de Bragança,  
Chegando na sua igreja secular!  
Bimbalhai, velhos sinos, bimbalhai!  
Anunciai por toda a cidade, na alegria desses sons festivos,  
Que São Benedito é tão querido,  
“porque é eterno no coração dos bragantinos!”

(CASTRO, 2000, p 29)

Ao amanhecer o dia da festa de São Benedito, às 8h00, é realizada a Missa Solene da Festividade do Glorioso São Benedito que até então era celebrada na Igreja de São Benedito. Em 2009 foi realizada uma missa campal pela primeira vez. Foi montado um palco no Largo de São Benedito. O local estava lotado de fiéis, numa missa cantada e radio-transmitida, presidida por Dom Luís Ferrando, Bispo Diocesano de Bragança do Pará (Fotografia 48). Após a missa, marujas e marujos caracterizados com o traje oficial da festa - traje vermelho - dirigiram-se para o Teatro Museu da Marujada, local em que dançaram durante toda a manhã (Fotografia 49).



Fotografias 48 e 49 – Missa campal e dança da Marujada no Teatro Museu.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

Ao meio dia, os devotos seguem para o almoço oferecido pelo juiz, numa casa de shows noturna da cidade. Considerando o grande número de promesseiros que participaram do almoço, o local se torna pequeno e desconfortável (Fotografia 50). Destaca-se a composição da mesa principal para o almoço, que contava com a presença de autoridades do poder público estadual, a saber: Governadora do Estado do Pará (Ana Júlia Carepa),

Secretário Estadual de Cultura (Edilson Moura), da Deputada Estadual (Simone Morgado) e o Prefeito de Bragança (Edson Oliveira). Igualmente, compunham a mesa principal, o presidente da Marujada, a Capitoa, o Capitão, o juiz, a juíza e outras personalidades locais (Fotografia 51). Enquanto aguardavam sua vez para almoçar, marujas e marujos dançavam ao som dos ritmos da Marujada. Ao final do almoço, os devotos foram para o Teatro Museu da Marujada para aguardar a hora da procissão.



Fotografias 50 e 51 – Almoço do Juiz da festividade, no dia 26 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

Às 16h00 acontece à saída da procissão, marco principal de toda a festividade, pois é nela que os devotos manifestam sua religiosidade e crença na intercessão de São Benedito. Entre os milhares de devotos, as marujas encabeçam as filas nas laterais puxando a caminhada. Os marujos vão logo em seguida à volta do andor, revezando-se para segurá-lo (Fotografia 52).



Fotografias 52 – Procissão de São Benedito, no dia 26 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

Observa-se um movimento de união e partilha, congregando pessoas das mais diferentes classes socioeconômicas. A procissão congrega toda a comunidade de devotos de São Benedito e leva à frente um devoto que carrega a cruz, acompanhado pelas marujas. Ao longo da procissão estão espalhados diversos estandartes nas cores vermelho e branco, nos quais consta a insígnia de São Benedito carregando o Menino Jesus. Auxiliado pela guarda municipal, bem como, pelo corpo de bombeiros, os caminhantes se misturam entre religiosos, padres, autoridades, políticos e comunidade em geral.

Durante o percurso da procissão, observam-se várias manifestações de fé e devoção ao Santo. Entre elas, a necessidade de carregar o andor e de tocar na imagem do santo, como forma de agradecimento pelas graças alcançadas, além de uma multidão emocionada à espera da passagem da imagem, rendendo-lhes homenagens ao Santo (Fotografia 53). A procissão obedece à seguinte ordem de acompanhamento: Polícia Rodoviária; Departamento Municipal de Trânsito (DEMUTRAN); Polícia Militar e Guarda Municipal; Irmãos do Santíssimo Sacramento; Filas de Marujas e Marujos; Carros-som e Comissões de Esmolação de São Benedito; estandartes; autoridades; Diretoria; andor de São Benedito; povo em geral e cavaleiros.



Fotografia 53 – Procissão de São Benedito, no dia 26 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

Em 2009, o percurso durou cerca de 2h30. Na chegada da procissão foi realizada uma missa campal. Em seguida, os fiéis se dirigiram para o Teatro Museu da Marujada, onde lhes é servido um jantar pela Irmandade. Logo após o jantar, é dado o início ao rito das danças, momento que só termina por volta das 23h30, quando acontece o fechamento do dia festivo.

Vale salientar que, após a chegada da procissão e o término da missa noturna, uma multidão de promesseiros deixa o local da festa, o que leva a crer que a maioria dos fiéis comparece à festa para pagar sua promessa. Outro aspecto a ser considerado é o fato de

que muitos deles vêm de outras cidades do interior, próximas a Bragança e, por isso, devem retornar com brevidade aos seus lares. Observou-se uma diversidade de ônibus fretados para o transporte de promesseiros.

Às 23h30 acontece a derrubada do Mastro que marca o final da festividade. Após a derrubada, os fiéis dividem entre si os elementos que o compõe entre frutas, bebidas, etc. (Fotografia 54). Logo em seguida, marujas e marujos cumprem o rito final (como o inicial) de realizar as três voltas em torno da Igreja de São Benedito, simbolizando o abraço. Caminhando e dançando ao som do retumbão, entoado pelos tocadores. Ao final, prestam reverência por três vezes (neste ato já não estão presentes o juiz e a juíza da festividade) e entram na Igreja balançando os chapéus em louvor e agradecimento, num gesto de beleza única que emociona os presentes, terminando com a benção do padre que preside a festa (Fotografia 55).



Fotografias 54 e 55 – Derrubada do mastro no dia 26 de dezembro e encerramento da festividade.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

No dia 31 de dezembro, marujas e marujos dançam até as 00h00. E no dia 1º de janeiro, pela manhã, acontece a missa da passagem do Mastro ao novo Juiz e à nova Juíza, inscritos no livro de registro de juízes de posse da Irmandade. Compete a eles se programaram para o pagamento de suas promessas durante a festividade do ano que se inicia.

Um dos componentes da Festividade de São Benedito, o “leilão do Santo”, ocorre no dia 26 de dezembro, no Salão Beneditino Maria Abdon Braun. O evento consiste numa troca de donativos arrecadados em campanhas realizadas ao longo do ano pela Igreja, pelo qual os participantes representantes das diversas camadas da sociedade bragantina, ofertam os lances em prol da festividade. Sua existência está ligada à esmola/doação do devoto, como contribuição para o evento. Para Silva (1997, p. 225),

[...] A posse de um status, credenciando os atores para grandes embates, não exclui aqueles que, não podendo participar dos grandes embates (=grandes lances, arremates de bens mais caros), o fazem no limite de suas posses, fato que não os tira nem os exclui da estrutura ritual. E de alguma forma se sentem incluídos como promotores da festividade do Santo.

O evento se dá sob a forma de confraternização de autoridades, empresários e pessoas influentes da sociedade bragantina e paraense, inclusive, acontecem brincadeiras como a guerra de pitomba, fruta da região, embalados ao entusiasmo do leiloeiro. Durante o leilão de 2009, diversos objetos foram ofertados, entre eles: paneiros com galinhas caipira e patos; imagens de São Benedito; imagens de Nossa Senhora do Rosário; sacos de farinha; cadeira; quadro; cachos de pitombas; roupas de marujos; entre outros (Fotografias 56 e 57).



Fotografias 56 e 57 – Leilão do Santo e cacho de pitomba.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

Os lances começam com um valor baixo e seguem aumentando, na medida em que os participantes dão os lances. Para se ter idéia do simbolismo que permeia esse ritual, alguns lances dados no Leilão da festividade em 2009, e seus respectivos dados estão exemplificados no quadro 4:

<b>ITEM</b>	<b>QTD.</b>	<b>VALOR ARRECADADO EM R\$</b>
Imagem grande de Nossa Senhora do Rosário	01	300,00
Paneiro com galinha caipira	02	150,00
Roupa de maruja (saia vermelha e blusa branca)	01	110,00
Cacho grande de pitomba	02	500,00

Quadro 4: Itens arrecadados no Leilão do Santo, ano de 2009.  
Fonte: Trabalho de Campo (2009).

Com propriedade, Dedival Brandão da Silva (1997) destaca duas peculiaridades que caracterizam o leilão: a legitimação de pessoas influentes como promotores da festa e a renovação do mito do “senhor”, reconhecido pela presença de pessoas ricas e influentes do município. O ritual do leilão configura-se, portanto, numa disputa por ‘status’, ratificada nos lances. No mesmo sentido, o autor aponta para o que ele chama de “agentes rituais manipulando as regras”, quais sejam:

1 – os expectadores que ficam do lado de fora, pessoas comuns, curiosos;

2 – os expectadores que ficam do lado de dentro, mas não possuem poder aquisitivo para concorrer no leilão ou simplesmente não se interessam;

3 – aqueles que possuem algum status e se mostram interessados em participar com objetivo de ajudar a festividade e;

4 – aqueles que têm status e participam ativamente com entusiasmo, constituindo a “classe senhorial”, são os que dão os lances nos bens mais caros do leilão.

Outrossim, observou-se que o clima do Leilão estava mais para encontro de amigos, do que um leilão no sentido estrito da palavra. As pessoas pareciam estar mais entretidas e interessadas nas brincadeiras e na diversão, do que internalizando o real sentido de tudo aquilo. Por outro lado, esse ritual constitui uma das principais fontes de arrecadação financeira para a manutenção da festividade.

Finalmente, toda a festividade retrata não só a beleza da devoção como também a reprodução de valores sociais e culturais que se perpetuam de geração em geração, especialmente a emoção e fé observadas ao longo da caminhada, na qual pessoas simples rendiam homenagens ao Santo. O fervor emocionava os que viam com ceticismo tão grande manifestação de fé. Entretanto, a procissão foi meio desorganizada, o que causou dispersão em inúmeros caminhantes. É confirmada a fama de São Benedito: aquele que intercede pelos mais pobres e humildes, inclusive e principalmente, dos excluídos e daqueles que tem escasso ou nenhum acesso aos direitos garantidos na Lei máxima do país.

### 3.4 A festividade e as danças

E as marujas se enfeitam. Saias encarnadas e azuis. Blusinhas brancas, de rendas. Chapéus de fitas das mais variadas cores, penas de garça e de guará, miçangas e vidrilhos, espelhos e contas. Tudo matizado, tudo alegre. O retumbão se ensaia. A capitoa comanda a turma. Reminiscência do passado. Santa ingenuidade que não faz mal a ninguém. O intuito vale tudo. É a homenagem a São Benedito. E elas vão passando, a viola tocando, a cuíca roncando, girando, volteiando, tudo para agradar São Benedito. (SILVEIRA, 1952 *apud* NONATO DA SILVA, 2006, p. 181).



No período de 18 a 26 de dezembro acontecem os ensaios, ladainhas e novena a São Benedito. Paralelamente, atrelados à festividade, é promovido uma programação cultural pela Igreja Católica, com diversas atrações entre as quais se tem apresentações de artistas locais e regionais. Há o revezamento entre os ensaios das Marujas e a programação cultural da Igreja. Os ensaios consistem em momentos no qual toda a comunidade pode participar para ensaiar as danças que compõem o ritual, ao som de músicos contratados.

As danças consistem numa herança de origem dos colonizadores europeus, portugueses e espanhóis, e fazem alusão aos bailes nos grandes salões europeus. Para Silva (1997), no que diz respeito aos passos e gestos coreográficos da dança da Marujada, a estrutura interna é composta de cinco representações: a roda, o retumbão, o chorado, a mazurca e o xote.

#### a) A Roda

A roda marca o início e fim da dança e restabelece, portanto, a simbologia do mito de origem da Marujada. Lembra a dança de origem nos terreiros de macumba, pois se pede permissão, mesmo que simbolicamente, para iniciar a dança. Tal fato revive o rito de duzentos e onze anos atrás, quando os negros pediam permissão aos seus senhores para dançar de casa em casa (SILVA, 1997). Marcada pela circularidade, na roda existe uma hierarquia que deve ser respeitada.

Trata-se de uma coreografia formada por um círculo humano de marujas, orientadas por uma maruja denominada “cabeça de linha”, subordinada à Capitoa e à Vice-Capitoa, porém, superior às demais hierarquicamente. Essa “líder” conduz as marujas manejando a direção da dança pelo salão, num movimento rítmico uniforme. Caracterizados pela circularidade dos gestos e movimentos, a dança é executada com os pés descalços, rememorando a realidade vivida pelos escravos (Fotografia 58).



Fotografia 58 – Dança da Roda.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009

Para Silva, o ritual da roda constitui “na sua totalidade, em um rito de submissão em cadeia” (1997, p. 211). Os marujos, por sua vez, dependem do encerramento da roda, para dar início a sua participação no ritual da dança como um todo. De fato, a mulher assume papel preponderante no ritual da Marujada. Nesse entendimento, Silva elucida que

[...] As mulheres marujas, submissas em suas relações cotidianas de trabalho, momento fugaz da representação da roda, têm a capacidade de ordenar todo o ritual, pois são elas que iniciam e encerram a dança, ainda que esse aspecto positivo venha a ser reprimido logo em seguida pela sua submissão às autoridades sagradas e profanas, o que atesta o caráter conflitivo e ambíguo do ritual (SILVA, 1997, 212).

Inclusive, tal submissão é registrada com relação aos símbolos sagrados, quais sejam: a igreja, o Santo, a promessa e o milagre recebido, pois é necessário pedir licença para entrar no templo (SILVA, 1997). Ao reverenciar a maruja mais antiga em sinal de respeito, numa expressão de estima, a dança da roda é envolvente e graciosa, e só as mulheres vivenciam esse momento.

#### b) O Retumbão

Entre as danças vivenciadas na Marujada pode-se afirmar que o retumbão é a dança mais marcante, pois tem origem comum à fundação da Irmandade em 1798. Além de ser a mais executada durante os ensaios, é notadamente o ritmo preferido entre as marujas, mas não entre os marujos que parecem animar-se ao ritmo do xote bragantino. O ritmo assemelha-se ao Lundum, dança de origem africana. Para Bordallo (1981), o retumbão possui compasso musical e ritmo do Lundum, modificado progressivamente da senzala ao salão aristocrático. Como bem ressalta a Capitoa, “no retumbão, o jogado da mão é uma leveza”.

O ritmo é um dos que menos sofreram influências modernas, mantendo-se similar ao original. As variações fazem parte do contexto moderno no qual as culturas estão sujeitas. Com propriedade, Silva (1997, p. 216) esclarece que “A mudança, longe do que pensam muitos estudiosos do folclore, possessos pela idéia de ‘preservação’, é condição para sua sustentação”. O termo Retumbão tem origem portuguesa, pelo fato de que era possível escutar o ritmo de locais distantes, onde o som “retumbava”. A orquestra para entoar a dança, pois não há canto, compõem-se de tambores grandes, pandeiros, cuíca (onça), rabeca, viola, cavaquinho e violino. Interessante destacar que, no retumbão, é o marujo quem inicia e encerra a dança, assumindo o papel principal, diferentemente da dança da roda. Originariamente pelos negros de Bragança, a dança da roda e do retumbão são consideradas as mais importantes e legítimas formas que representam a base da Marujada (SILVA, 1997).

#### c) O Chorado

É uma variação rítmica do retumbão, diferenciado por um ritmo mais suave. No entanto, a dança é idêntica a do retumbão, na qual apenas o Capitão é quem inicia a coreografia. Na concepção de Silva (1997), por se tratar de uma manifestação espontânea que tem origem pelos escravos, inserida numa “estrutura ritual ibérica”, a Marujada de Bragança corresponde a uma tentativa de resgate da identidade de um grupo subjugado a uma sociedade colonial escravocrata.

Para Rosário (2000, p. 2004), “[...] A Marujada e a Ladainha, o Retumbão e a Esmolação, a Alvorada e o Leilão, juntos foram nascendo nas mesmas ânsias de liberdade e de consolação que se canaliza para o lazer da dança e do folguedo, como sendo a aleluia caeteuara.” Diversas características marcam essas três danças iniciais (roda, retumbão e chorado) apresentadas, com elementos como a dança em roda ou em círculos; o movimento em pares; o castanholar dos dedos; a marcação das palmas; o uso da viola; a supremacia da dança, entre outros. Para Silva,

[...] A marujada surge, assim, como resultado da mescla de elementos do lundu e, fundamentalmente, da fofa – recriados no Brasil -, acrescidos de outros elementos coreográficos europeus. A admitir essa possibilidade, bastante pertinente, é óbvio que a marujada se tenha constituído numa criação branca e mestiça para os negros ‘entrarem na linha’, o que justifica a razão da sua enorme aderência e popularidade. (SILVA, 1997, p. 219).

Concordando com Silva (1997), a marujada é um rito de exibição, de concorrências reais e simbólicas. A concorrência real pode ser identificada nos atos da dança, na coordenação dos passos, do movimento, pois parece simples, mas não o é. A simbólica pode estar na percepção de que as mais antigas se destacam pela leveza e suavidade com que dançam o retumbão, parecendo deslizar no salão, encantando toda platéia.

#### d) A mazurca

É uma dança admitida ao ritual posteriormente. Consiste numa dança popular da Polónia, dançada em pares nos salões europeus. Ao ser incorporado à Marujada, assumiu características peculiares a exemplo da dança em roda, uso dos pés descalços e livre escolha do seu par.

#### e) A valsa

Tem origem no verbo alemão *Walzen* que significa girar, dançar em círculos. Na Marujada, além dos pés descalços, é comum a formação de pares femininos no salão,

considerando que os marujos participantes é a minoria no ritual. De gênero musical predominante da elite, a valsa chega aos salões populares.

f) O xote

Considerado um dos ritmos mais prestigiados pelos marujos e marujas. Originariamente europeu, o xote em Bragança (xote bragantino) assumiu características próprias e, incorporado ao ritual, causa um alvoroço que arrebatou um grande número de participantes, particularmente os mais jovens. O ritmo acelerado e animado é bastante convidativo e, ao ouvir a chamada para a dança, logo se presencia o salão lotado.

Nesse âmbito, cumpre salientar que, no espaço do barracão onde marujas e marujos executam o ritual, existem regras e códigos sociais a serem respeitados, seguidos. Tais condutas servem de alicerce para marcar uma diferença de grupo que reafirma sua identidade por meio da Marujada. O que sabiamente Oliveira (1976) diz ser a afirmação do “nós” diante dos “outros”, numa dramatização que conta a história da escravidão, que se reescreve e reconstrói a cada dezembro, dando visibilidade à região bragantina no contexto da cultura Amazônica.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Aprofundando as discussões

Diante da riqueza cultural e simbólica que a Marujada detém, quais seriam as razões que levam a comunidade bragantina a expressar esse amor e devoção a São Benedito e à Marujada? Como isso vem se consolidando?

Durante a pesquisa de campo, confirmou-se um forte sentimento de amor e devoção a São Benedito e à Marujada, por parte daqueles que participam da festa. Muito embora a pesquisa não contemple todo o universo dos atores envolvidos, é indubitável que esses sentimentos envolvem toda a Irmandade. Por isso, esse amor e devoção são cantados em verso e prosa durante todo o trabalho, por ser real, intenso e encantador.

As informações e subseqüentes anotações no diário de campo foram coletadas a contar da festividade do ano de 2008. Em 2009, o acompanhamento das atividades da Marujada em momentos específicos, tais como: aniversário da Irmandade, esmolação, romaria fluvial, ensaios das danças, entre outros, possibilitou uma visão ampliada do contexto no qual os atores produzem o ritual. Cada um desses eventos emociona todos aqueles que têm a oportunidade de ver e viver a Marujada.

O discurso da sustentabilidade cultural nem sempre contribuiu para que a memória e o sentimento que dão significado a alma dos que fazem a festa fossem preservados. E, sem memória, não há continuidade de tradições, ritos, experiências culturais, bem como, o fortalecimento de elos, projetos, atitudes e comportamentos. Os bragantinos querem manter suas raízes, seu *modus vivendi* e tudo aquilo que dá sentido a sua existência.

O estudo confirma que as comemorações da Marujada dão significado às vidas de todos os marujos e marujas comprometidos com os rituais: juntos partilham vivências, alegrias, orgulho, vitórias, dificuldades e medos, buscando sempre se proteger contra tudo o que vem de fora, dos “usos e costumes estrangeiros”. É no fortalecimento da singular identidade desses que a tradição se perpetua e da ressignificação dos rituais, diante dos conflitos e contradições existentes.

Neste estudo, se observou que outros fatores permeiam e se mesclam no contexto da festividade. A aproximação com as limitações experimentadas por alguns marujos, em maioria afrodescendentes sem acesso aos bens e direitos fundamentais, sensibilizou a autora, levando-a a acreditar que é possível fazer a diferença, como uma “lâmpada” num universo com parca luminosidade. Essa é a proposta do estudo.

Evidenciou-se ainda um embate diário na luta contra o preconceito e discriminação racial, por vezes dissimulado, além da negação ao acesso aos direitos assegurados na Constituição Federal de 1988, tais como, saúde, educação, moradia e lazer, como se não bastasse o sofrimento suportado no passado, peso dos erros cometidos com o processo da escravidão. Com a evolução da sociedade globalizada e da valorização das diferenças, como aceitar pacificamente que em pleno século XXI, a infelicidade causada pelo preconceito de toda ordem, em especial o da cor e condição financeira, ainda possam ser praticados cotidianamente. A diversidade do povo brasileiro é bem expressa no pensamento do antropólogo Gilberto Freyre (1998), de que todo brasileiro, inclusive os de cabelos louros, trazem na alma e/ou no corpo, a sombra, ou pelo menos a 'pinta', do indígena e/ou do negro.

Os afrodescendentes, constituem grande parte da população carente, sem acesso aos "códigos" da sociedade da informação. Nesse aspecto, a academia desempenha um papel fundamental, de refletir sobre todas as formas de preconceito, para que toda e qualquer discriminação seja superada. A marca da diferença traz consigo como consequência o ódio, conflitos e apartação, impedindo que os indivíduos se reconheçam como semelhantes, ou dessemelhantes, na linguagem do eminente Professor Cristovam Buarque.

Ao refletir de que forma é possível transformar essa realidade, depara-se com uma diversidade de caminhos que, no cotidiano, instigam a agir de forma concreta e orientada no presente, para atender as demandas sociais, ambientais e culturais futuras. O esforço para se atingir a sustentabilidade econômica deve ser consciente, harmônico e capaz de estimular povos e nações a compartilhar conhecimentos, experiências e aprendizados. A maturidade humana será alcançada quando cada um se tornar um ser consciente, educado e responsável.

É fato que, há um visível avanço nas discussões e políticas públicas no que diz respeito ao preconceito e discriminação de um modo geral. Mas ainda há muito a ser feito, especialmente no que se refere a garantir "tratamento igual para desiguais", ou seja, tratar de forma semelhante os que são histórica, política e socialmente diferentes. A semelhança se restringe ao fato de que todos são humanos enquanto que a *dessemelhança* se refere às condições econômicas, culturais, sociais e intelectuais atribuídas a cada um.

Nesse entendimento, toda e qualquer manifestação e direitos conquistados pelas minorias deve ser garantido e aplicado na prática. A Marujada exemplifica a vitória da liberdade alcançada no passado pelos escravos e como seus descendentes vivem nos dias de hoje. Vivenciar os festejos é perceber como os herdeiros dessa tradição mantêm viva a fé e como se realizam socioculturalmente durante a vivência dos rituais da Marujada.

Quem são os homens e mulheres que fizeram e fazem da Marujada, uma manifestação única e singular, capaz de atrair centenas de visitantes para a histórica cidade de Bragança? São pessoas simples que se dedicam usualmente a afazeres modestos, sem muitas aspirações, acomodados na rotina interiorana. Mas, durante a festa, eles se transformam, deixam de serem meros coadjuvantes para se tornarem protagonistas orgulhosos de sua própria história. A festa é pra eles. Os olhares dos nativos e visitantes também. A imprensa registra todos os momentos. São dias de glória!

Cativante e acolhedora é a forma como recebem todos aqueles que demonstram interesse em conhecer e participar dos rituais, em especial, os iniciantes na devoção ao Santo. Foi assim quando se conviveu e compartilhou dos ensaios e demais eventos que integram a festa. Quando indagada se era uma maruja novata, esclarecia: “Não sou maruja, ainda estou ‘namorando’ São Benedito” (Trabalho de Campo, 2009).

A devoção e a entrega que todos expressam durante a festa, é algo que transcende ao entendimento. Todos dançam e louvam São Benedito em gratidão por graças alcançadas. Percebe-se uma alegria interior indisfarçável e uníssona, quando revelam “sou marujo de São Benedito!”. Esses seguidores do Santo se renovam a cada ano, não só confirmando a certeza de participar de forma mais efetiva da próxima festividade, bem como ampliando o número de participantes.

No aspecto conceitual, a festividade de São Benedito pode ser classificada como sacro-profana, em razão de seu conteúdo ‘mítico religioso de base’ na devoção ao Santo, além de envolver festejos profanos que constituem pontos altos do evento. Para somar à discussão sobre o tema proposto, acrescenta-se a análise das opiniões dos atores entrevistados que devem ser consideradas conjuntamente com as observações da autora.

Conforme expresso na amostra (Gráfico 1) realizada através de entrevistas durante o trabalho de campo, foi possível identificar o perfil dos participantes da festividade, a fim de se conhecer que atores sociais dão vida à manifestação.

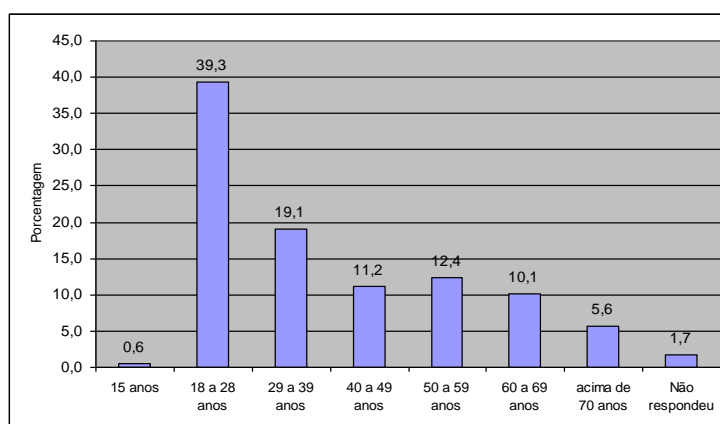


Gráfico 1: Participante do ritual da Marujada, segundo faixa etária.  
Fonte: Trabalho de campo (2009).

Com relação à faixa etária, a maioria dos integrantes (39,3%) é composta por jovens entre 18 e 28 anos, seguidos de pessoas entre 29 e 39 anos (19,1%). Os idosos, com idade acima de setenta anos somam em média 15,7%, valendo observar que estão sempre presentes nos eventos, com especial destaque nas danças de salão, onde demonstram vitalidade e alegria. Essa participação permite não somente a integração de pessoas de diferentes gerações, como fomenta a troca de saberes e experiências, valorizando o papel dos mais velhos na perpetuação da tradição.

No que se refere ao estado civil, à tabela 1 indica que a maior parte de seus componentes é de solteiros (48,9%), seguidos pelos casados (26,4%). Essa prevalência pode ser justificada pelo fato da maioria dos integrantes serem jovens. Os ensaios e a própria festividade são momentos nos quais se dá o início de amizades e relacionamentos, motivos que fomentam a sociabilidade entre os mais jovens.

Tabela 1: Participante do ritual da Marujada, segundo estado civil.

ESTADO CIVIL	Entrevistados	%
Casado	47	26,4
Outro	13	7,3
Solteiro	87	48,9
Viúvo	14	7,9
Não respondeu	17	9,6
<b>TOTAL</b>	<b>178</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

Com relação à profissão e ocupação, têm-se os estudantes (20,8%) seguidos pelos que desempenham funções de empregados domésticos (15,2%), professores (6,7%) lavradores (4,5%) e donas de casa (3,9%) (Tabela 2).

Tabela 2: Participante do ritual da Marujada, segundo profissão/ocupação.

PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	Entrevistados	%
Aposentado	8	4,5
Doméstica	27	15,2
Dona de Casa	7	3,9
Estudante	37	20,8
Funcionário público	5	2,8
Lavrador	8	4,5
Professor	12	6,7
Outros	74	41,6
<b>TOTAL</b>	<b>178</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).



Interessante notar a devoção das empregadas domésticas por São Benedito. Elas o têm como o santo protetor de seus afazeres, não sendo raro encontrar a imagem do santo na cozinha das casas dessa devotas.

Quanto à naturalidade dos participantes, evidenciou-se que a maioria é natural do próprio município de Bragança (73%), bem como que, 92% dos entrevistados moram ou residem nesse município. Todavia, no dia em que se festeja o Santo, 26 de dezembro, é notória a presença de pessoas vindas de outros municípios e localidades do estado, como mostra o Gráfico 2. Na categoria outros, enquadram-se os moradores dos municípios e vilarejos do entorno de Bragança.

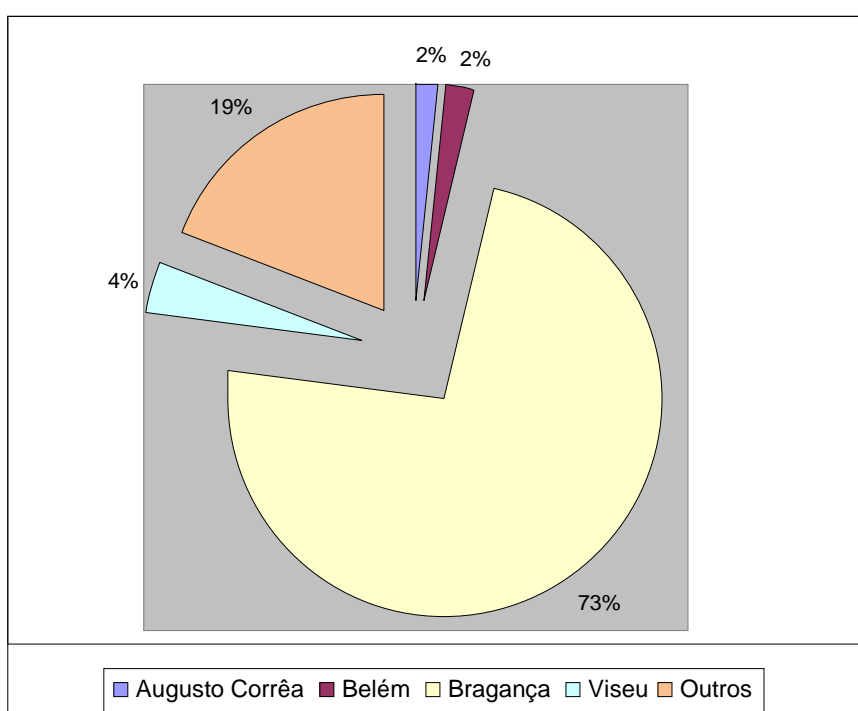


Gráfico 2: Participante do ritual da Marujada, segundo a cidade de nascimento.  
Fonte: Trabalho de campo (2009).

Com relação ao perfil econômico ficou evidenciado que a festividade é dinamizada, em sua esmagadora maioria, por pessoas de baixa renda, conforme atesta a pesquisa de campo. A grande parcela dos entrevistados (81,5%) recebe de 0 a 3 salários mínimos, enquanto que 27% dos entrevistados apenas um salário mínimo. Isso reforça a necessidade de se obter apoio financeiro, fruto das esmolações e do leilão para a festividade, como também o perfil profissional dos participantes na qualidade de jovens estudantes sem renda fixa e/ou na qualidade de empregados domésticos, lavradores, vendedores de tacacá e mingau, que possuem baixo rendimento.

O gráfico 3 mostra que a renda mensal familiar da maioria dos entrevistados (53,8%) recebe menos de um salário mínimo. Apenas os participantes com algum nível de

escolaridade, chegam a receber de 1 a 3 salários, o que significa dizer que o nível de escolaridade determina a renda mensal do indivíduo/ família. Um dos dados que foram observados no campo e confirmados pela pesquisa, é o fato de que o baixo nível de escolaridade compromete a compreensão de aspectos importantes para a manutenção e perpetuação do ritual. O que significa dizer que algumas decisões se tornam limitadas pela falta de conhecimento e das possibilidades referentes a determinado assunto.

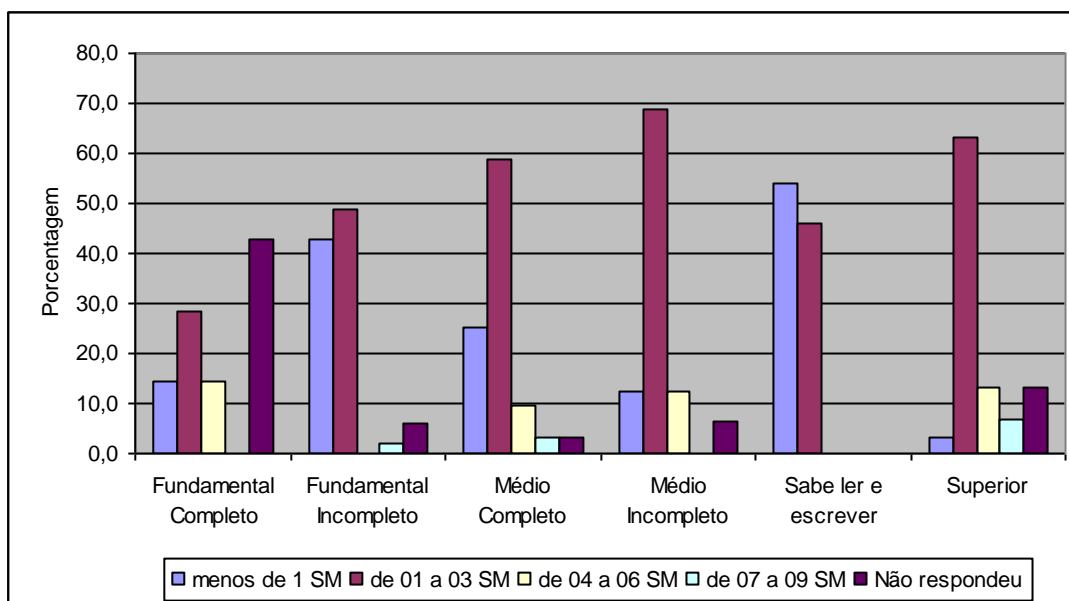


Gráfico 3: Participante do ritual da Marujada segundo escolaridade e renda mensal familiar.  
Fonte: Trabalho de campo (2009).

Destacou-se que as mulheres mais velhas, acima de 60 anos, estão mais envolvidas nas danças do ritual do que os homens da mesma faixa etária, até porque elas são em maior número. É comum encontrar no salão, quer nos ensaios quanto nos dias da festividade, um grande número de senhoras aptas para bailar, mas que dependem dos parceiros mais jovens, uma vez que os marujos mais velhos são minorias. Esse perfil permite a reflexão sobre o fato de que as mulheres estão mais disponíveis para participar das atividades propostas durante a festividade, como também são reconhecidas no seu papel de transmitir a tradição às novas gerações.

#### 4.2 Diálogos entre os atores

Toda manifestação cultural é um produto coletivo. Atores diferenciados contribuem para sua consolidação ou não. No caso deste estudo, os sujeitos presentes assumem papéis efetivos que colaboram para a consolidação da festividade.

No discurso dos responsáveis pelo planejamento e operacionalização da festividade de São Benedito e do ritual da Marujada (Igreja, Irmandade e Poder Público), foi unânime o fato de que o diálogo entre eles vem melhorando a cada ano que passa. De acordo com um dos entrevistados, esse bom resultado decorre do envolvimento e comprometimento dos atores para valorizar a festividade, conservando a tradição. Esse pensamento é compartilhado pelo poder público local, que pela primeira vez, em 2009, dialogou com a Igreja e com a comunidade visando o êxito da festividade que alia cultura, religião e ritual.

Atualmente, a festa é preparada em conjunto por três Instituições: a Diocese de Bragança, as diretorias municipais de Cultura e de Turismo e a Irmandade da Marujada. As dimensões da religião, folclore e cultura são desenvolvidas nos diversos momentos que compõe o ritual. A Prefeitura, através das diretorias de Cultura e Turismo fica responsável pela programação cultural, apoio em palco, divulgação, confecção de material promocional (camisetas, adesivos, cartazes); a Irmandade responde pelos ritos da Marujada (danças, ladainhas, almoço de juiz/juíza, entre outros); à Igreja cabe organizar a liturgia das missas. Em conjunto, definem a dinâmica e operacionalização da procissão que ocorre no dia 26 de dezembro.

Tal postura se constitui em um amadurecimento social, na medida em que as forças são agregadas com o objetivo comum de promover integralmente a festividade, somando esforços para valorizar a tradição em seus diversos aspectos. Na esfera municipal, a atuação em conjunto desses sujeitos tende a projetar a cidade não só em nível estadual, como também consolidar a tradição no cenário nacional. Neste sentido, percebe-se que medidas estão sendo tomadas para que essa realidade se confirme.

Para obter recursos financeiros com vistas ao fortalecimento da festividade, a Diretoria de Cultura do município postula aos benefícios da política cultural nas esferas estadual e federal, através da apresentação de projetos para receber incentivos públicos. Outros parceiros são fundamentais na realização e operacionalização da festividade da Marujada de São Benedito de Bragança, entre elas, a fundação Cáritas ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Secretarias Municipais de Infra-estrutura, de Educação, de Segurança e de Saúde, do corpo de Bombeiros, Guarda Municipal e o Departamento Municipal de Trânsito (DEMUTRAN), além da divulgação nas emissoras de rádio e televisão (local e regional), e jornais impressos, a exemplo da Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), rádio e TV Liberal, TV Nazaré e jornal Diário do Pará.

Em 2009, a TV Nazaré (Fundação Nazaré de Comunicação) transmitiu pela primeira vez, ao vivo, toda a procissão da festa de São Benedito, ampliando o alcance da devoção para os demais municípios do estado. O Governo do Estado confeccionou cartazes para a

festividade, em comemoração ao fato de ser declarada a Lei que considera a Marujada Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará.

A diretoria de turismo, por sua vez, promove ações em parceria com a Irmandade, divulgando a Marujada em todos os eventos realizados pela secretaria, a exemplo do *Ajurusol*, programação anual de verão que acontece no mês de julho e que atrai um grande número de visitantes. Nessa época, se reserva à Marujada um espaço para apresentação cultural além do fornecimento de informações ao turista sobre a origem do ritual.

A inauguração do Mirante de São Benedito na Vila do Camutá, em julho de 2009, foi outro evento que renovou o ânimo e a fé dos bragantinos, ficando implícita a vinculação entre a devoção ao santo e a festa. O espaço, de rara beleza natural (Fotografias 59 e 60) passou a ser utilizado também para abrigar diversas ações culturais promovidas pelo estado, entre elas a Marujada em dezembro de 2009, que contou a colaboração dos alunos de curso de turismo do IFPA, responsáveis pela organização das ações culturais. O Mirante possui dois quiosques para lanches, nos quais a comunidade do Camutá se reveza para atendimento ao público e painéis para fotografia, tudo isso embalados ao som de ladainhas e músicas regionais, particularmente os sons das danças da Marujada.



Fotografias 59 e 60 – Mirante de São Benedito, na Vila do Camutá.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho  
Ano da foto: 2009.

Para alguns atores ouvidos, as críticas surgem no que se refere às interferências político-partidárias que, por vezes, atrapalham o diálogo. A política local exerce influência nas ações da Irmandade. Ao final da festividade há sempre um saldo positivo para aqueles que, pela via indireta, contribuíram para o sucesso do evento.

A sutil contradição observada no diálogo interno entre os componentes da Irmandade da Marujada, não passou despercebida. A análise do material coletado nas entrevistas aponta para uma divergência em suas falas no que diz respeito às ações e decisões tomadas entre eles. Conforme um dos integrantes, as decisões referentes ao ritual são

tomadas de comum acordo entre os líderes da festividade: o Presidente, a Capitoa e o Capitão e, na ausência destes, por seus respectivos vices.

No entanto, segundo outros informantes, na prática isso não acontece, sendo certo que em diversas situações a comunicação não flui de forma clara, causando um clima de desconfiança entre eles. Isso fragiliza todo o processo iniciado de construção coletiva. Percebe-se assim, um capital cultural não consolidado e que pode desagregar as ações em prol do fortalecimento da festividade.

Segundo o Presidente, o acesso à Irmandade é livre e igualitário. Todos podem participar não havendo qualquer distinção entre homens e mulheres, desde que sejam maiores de 18 anos. O planejamento da festa se inicia no mês de janeiro quando os marujos e marujas efetivos (associados) são convocados para uma reunião de avaliação e prestação de contas do ano anterior. Nos meses seguintes as reuniões se sucedem para o planejamento dos ritos que antecedem a festa propriamente dita, tais como, a saída dos santos para a esmolação (em abril), o aniversário da Marujada (em setembro), o retorno dos esmoladores do interior para a cidade (em dezembro), e finalmente, a parte cultural do ritual durante a festividade.

Além do apoio oficial já mencionado, a Irmandade não recebe ajuda financeira de outras entidades (ONG's nacionais e internacionais), muito embora haja abertura para tal procedimento, conforme artigo 2º alínea "f" do Estatuto Social da Irmandade. A falta de recursos financeiros é um dos entraves que impede a consecução de alguns propósitos da mesma, e até mesmo cobrir os custos da festividade e a manutenção do Museu da Marujada. Por essa razão, a contribuição mensal dos marujos é fundamental e imprescindível para o desenvolvimento da festa.

Na opinião de um dos informantes, um dos aspectos positivos do planejamento em conjunto é o fato de que os membros da Irmandade mais envolvidos são organizados e disciplinados. As tarefas internas entre eles fluem em face de que são realizadas com zelo e autonomia. Cada qual assume o papel que lhe é atribuído com responsabilidade, visando alcançar o melhor proveito para todos.

A maioria dos entrevistados diz que participa regularmente das atividades promovidas pela Irmandade (reuniões/encontros/missas/rituais). O gráfico 4 revela com que frequência eles participam dessas atividades. Os que participam de todas as atividades somam 34,3%; os que participam mensalmente 11,8%; em média, 5,6% semestralmente; apenas 30,9% comparecem às reuniões anuais, enquanto que 5,6% revelaram que participam eventualmente, sem qualquer comprometimento pessoal. A ausência contumaz de alguns, acrescida pela oscilação de outros, pode por vezes comprometer o processo decisório entre eles.

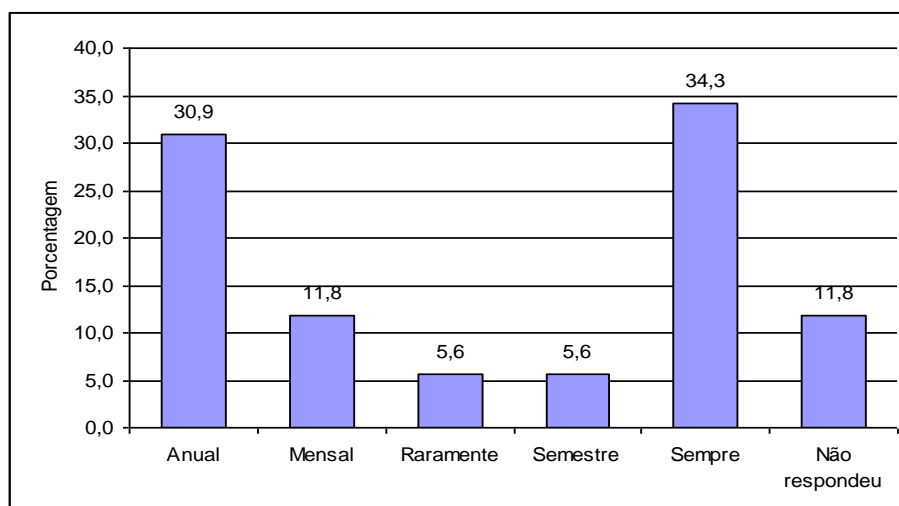


Gráfico 4: Participante do ritual da marujada, segundo freqüência de participação nas atividades da Irmandade.  
 Fonte: Trabalho de Campo (2009).

Ao serem indagados se participam ativamente no processo de construção e planejamento das atividades da Marujada, 55,6% dos entrevistados responderam que não participam, quer por não pertencerem à Irmandade ou por serem recém associados; 41% afirmaram que participam ativamente do processo através das reuniões, havendo, portanto, uma proporcionalidade no envolvimento dos atores.

Resultado interessante é o obtido no cotejo do perfil do participante segundo sexo e associação na Irmandade. A maioria dos entrevistados do sexo masculino respondeu que são associados (77,8%). No caso das mulheres, este número foi expressivo, ou seja, 52,8% também são associadas, além de apresentarem uma disposição maior do que os homens para participarem das convocações da Irmandade. Isto revela que mesmo depois de jornadas de trabalho acumulativas, as mulheres têm uma participação efetiva na rotina da Irmandade.

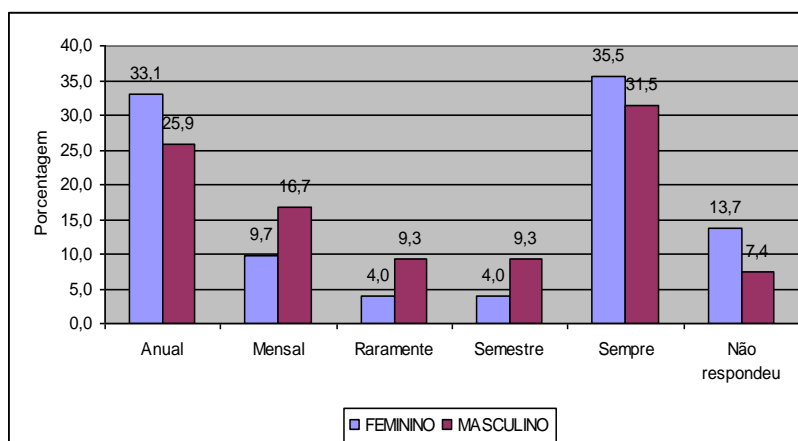


Gráfico 5: Participante do ritual da Marujada segundo sexo e a freqüência com que participa das atividades da Irmandade.  
 Fonte: Trabalho de Campo (2009).

Com relação aos setores que apóiam a Marujada (Poder Público, Empresários, Comunidade, Instituições de Ensino e Igreja), a tabela 3 indica que 24,4% dos entrevistados apontaram que o poder público poderia dar um apoio maior, enquanto que 14,4% disseram que caberia aos empresários dar maior contribuição; 7,8% responderam que a comunidade é que deveria apoiar mais, 3,3% as Instituições de ensino e 2,2% a Igreja. Quanto à forma de apoio, opinaram que essa ajuda deveria se dá através de recursos financeiros, divulgação, patrocínio e doações em geral, o que significa dizer que a maioria entende que o poder público deveria se fazer mais presente.

Tabela 3: Participantes do ritual da Marujada, segundo a opinião sobre quem deveria apoiar ou apóia a Marujada.

Setores que apóiam a Marujada	Entrevistados	%
Poder Público	22	24,4
Empresários	13	14,4
Comunidade	7	7,8
Instituições de ensino	3	3,3
Igreja	2	2,2
Outros	43	47,8
Total	90	100,0

Fonte: Pesquisa de campo 2009

Pela análise do diálogo entre os atores, bem como, pelo aferido no trabalho de campo, depreende-se que a comunicação entre os seguimentos públicos, privados, Igreja e sociedade civil organizada tem evoluído continuamente em prol da conservação do ritual. Contudo, se faz necessário registrar que o baixo nível de escolaridade e renda familiar dos entrevistados, são fatores decisivos que impedem a melhor compreensão do ritual como um todo, uma vez que todos os aspectos que o integram (econômico, social, religioso, cultural) estão interligados entre si. Entretanto, esse obstáculo pode ser trabalhado e vir a ser superado, desde que os atores envolvidos se disponham a suprir as lacunas através de ações concretas, a serem discutidas no próximo item.

#### 4.3 Perspectivas, críticas e sugestões dos atores

“[...] quando se fala em Bragança já se fala da Marujada. A Marujada tem um papel, uma responsabilidade grande de manter a sua tradição e com o nome do município de Bragança” (Informante, Trabalho de Campo, 2009). O comentário expressa um sentimento comum aos bragantinos. De fato, a Marujada do município de Bragança é reconhecida não

só no Estado, como também no restante do Brasil, sendo concebida como a maior entre todas as manifestações de devoção a São Benedito. Essa assertiva é motivada, principalmente, pelo fato que os festejos em comemoração ao Santo se iniciam no mês de abril, com saída das comitivas de esmolação. Nesse enfoque, são 9 meses ininterruptos de preparação para o grande dia da festa, 26 de dezembro.

Na verdade essa reflexão vem a confirmar a tendência universal de se valorizar as culturas e manifestações populares singulares. Nesse aspecto, e de acordo com um dos informantes, a Igreja vem adotando nos últimos tempos uma posição bem mais flexível em relação às diversas devoções e ritos que expressam a religiosidade popular. Atualmente se busca melhor compreensão das diversas expressões de religiosidade, posto que haja vários modos de manifestá-la “assim como a maneira de Deus se comunicar com o povo” (Informante, Trabalho de Campo, 2009).

O Projeto Ponto de Cultura para o Museu da Marujada se constitui, segundo a percepção uníssona dos entrevistados, como um avanço no desenvolvimento da Irmandade, uma vez que os recursos recebidos no valor de R\$ 180 mil (cento e oitenta mil reais) serão aplicados na sua totalidade para a operacionalização de ações que beneficiarão a comunidade como um todo. O recurso deve utilizado no período de 03 (três) anos, com uma meta a ser administrada pela Irmandade no valor de R\$ 60 mil (sessenta mil reais anuais). Proposta de iniciativa do Ministério da Cultura, no dia 14 de abril de 2010 aconteceu o lançamento do Ponto de Cultura da Marujada e do site ([www.marujada.com.br](http://www.marujada.com.br)), que deverá contribuir para o fortalecimento da Irmandade como organização e da Marujada enquanto evento cultural. Todavia, se deve pensar, desde já, formas e modos de acompanhamento e monitoramento das ações e consolidação de parcerias, com vistas ao bom êxito do Projeto.

A promulgação da Lei nº 7.330, de 17/11/2009, que declara a Marujada patrimônio cultural e artístico do estado do Pará, legitima a Irmandade para o recebimento de incentivos financeiros para a execução de projetos, nos âmbitos federal, estadual e municipal. Perspectivas que, com propriedade, o atual presidente da festividade padre João Nelson reconhece assumindo:

[...] É o nosso papel. A gente começa a dar uma orientação, mas nada se muda do dia pra noite e nada se compreende do dia pra noite. É devagar que as coisas acontecem. Depende muito de quem está na Marujada que pode ouvir e depende de quem chega também, que pode contribuir. Não é algo que você pode prever, depende dos rumos que tomam. (Pe. João Nelson, Trabalho de Campo, 2009).

Acrescente-se a isso, o fato de que, para Pe. João Nelson, a Igreja tem o papel de acompanhar, formar e mobilizar a Irmandade no combate às desigualdades sociais



existentes no município “[...] É um desafio que tem pela frente e muita gente que tá dentro não percebe esse lado” (Pe. João Nelson, Trabalho de Campo, 2009).

O Turismo também é uma das possibilidades de salvaguardar a tradição e de fomentar a geração de renda, particularmente para a Irmandade da Marujada. Isto se justifica pelo grande fluxo de visitantes gerado pelo evento, fato que incentiva a produção do artesanato local, com particular destaque para os produtos com motivos da Marujada. Nessa esteira de raciocínio é necessário preparar o município para a demanda, através de ações públicas e privadas, direcionadas para esse fim.

Ao longo dos 211 anos de tradição da celebração, perdura a crença entre os bragantinos quanto aos benefícios que a implementação das atividades turísticas no município traz para a Marujada. Mas há quem discorde. A partir do aumento do número de turistas surgem questões de base como, por exemplo, a deficiência na infra-estrutura da cidade. Há divergências ainda quanto aos reais beneficiários desse turismo e se a Marujada se inclui. Os depoimentos abaixo relatam essas diferenças. Sobre o turismo, afirmam,

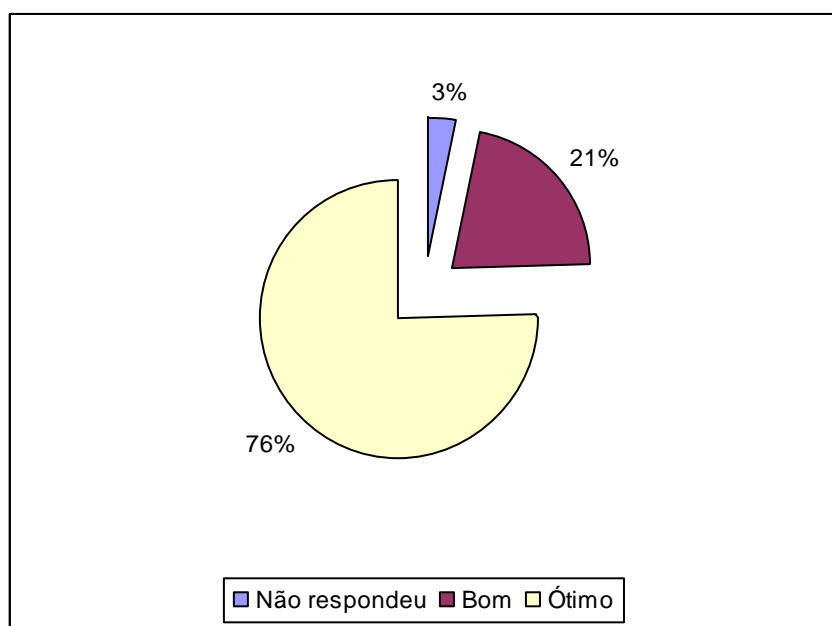
[...] bom para a pessoa que visita, pode ajudar no crescimento da fé; é bom para o município que recebe o visitante (e) contribui para movimentar a economia e em levar o nome da Marujada. Bom, mas perigoso, porque às vezes chegam pessoas que não conhecem a tradição, não conhecem a história e vem porque acha bonito. A gente tem se preocupado (com as transformações), eu venho falando muito, alertando na rádio, em palestras, porque eu percebo. Nos ensaios tem tido uma preocupação maior de acompanhar a roupa de quem entra. (Exemplo) No ensaio a vice Capitoa viu uma blusa muito apertada e disse que ela não poderia dançar daquele jeito. (Presidente da Festividade, Trabalho de Campo 2009).

[...] ainda não foi nem explorado. Mas por um lado não sei se isso é bom ou não, para que não seja banalizado o ritual, além de que tem que ser preparada uma infra-estrutura para isso, já que o município está no limite da oferta hoteleira, mas que as áreas de saúde e alimentação são satisfatórias. (Diretor de Cultura, Trabalho de Campo, 2010).

[...] para a Marujada não ajuda muito, pois os visitantes não têm a gentileza, a educação de colaborar. Para os hotéis é ótimo. (Presidente da Marujada, Trabalho de Campo, 2009).

Para o Diretor de Turismo, com o fluxo maior de visitantes há mais valorização do artesanato local, o que contribui para dinamizar a economia direta e indiretamente (hotéis, restaurantes, vendas de ambulantes, taxistas, etc.). Considera que o município está preparado para receber um número grande de visitantes durante o período da festividade. Estatisticamente, a ocupação hoteleira durante o mês de dezembro é a segunda maior do município, perdendo apenas para o mês de julho, durante as férias de verão. Aponta para o fato de que a programação cultural agregou valor à festividade, tornando-a mais atrativa.

O gráfico 6 revela a opinião dos participantes do ritual da Marujada, no que concerne ao número e/ou quantidade de visitantes que o município de Bragança recebe à época da celebração. Dos entrevistados, 75,3% responderam que acham ótima tal presença, seguidos de 21,3% que opinaram ser bom este fenômeno. Fato interessante de se observar, pois esse dado revela a aceitação e abertura que a comunidade possui com relação ao visitante. Conclui-se, pois, que o fenômeno da visitação e do turismo, nessa época do ano,   sempre bem - vindo, justamente pelos benefícios resultantes.



Gráfico 6: Opinião dos participantes sobre a quantidade de visitantes na cidade durante a Festividade da Marujada.  
Fonte: Trabalho de campo (2009).

  unânime a opinião de que o governo do Estado deu um grande passo ao decretar a Marujada Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará, como também promover em 2009, a restaura o da imagem bicentenária de São Benedito. Isso habilita e corrobora para que a Irmandade receba apoio financeiro de projetos e institui es públicas e privadas, nacionais e internacionais para a manuten o da tradi o. Além de dar maior visibilidade ao município de Bragança no panorama das a o es culturais e turísticas.

Embora não seja vedado no estatuto, a possibilidade de apresenta o es públicas da Marujada , quando convidada, não   recomendada. Segundo um dos entrevistados “[...] não   aconselhável fazer muitas apresenta o es; não   uma expressão para estar se apresentando,   uma expressão para ser vivida” (Informante local, Trabalho de campo, 2009). Conforme o mesmo não se deve banalizar a manifesta o , para que não se perca as origens e o foco, considerando inclusive toda a religiosidade que nela se encerra, posto que a Marujada não seja somente uma expressão cultural-folclórica. Ressalta que o encantamento da espera por momentos de apresenta o es especiais faz toda a diferença.

No entanto, essa opinião é contestada por um informante que percebe a Marujada presa às questões burocráticas, a exemplo da solicitação e autorização prévias para apresentações, que atrapalham a sua divulgação.

Entre as sugestões e indagações sobre os aspectos positivos e negativos da celebração, verifica-se a necessidade de uma maior divulgação nos âmbitos regional e nacional. Além disso, se faz necessário que outras atividades sejam incentivadas e incrementadas para acontecerem concomitantemente, a fim de agregar maior valor cultural à festividade como, por exemplo, possibilitar oficinas das danças do ritual no período da festividade.

Em outro sentido, a Igreja, sugere que o espírito de solidariedade seja estimulado no seio da Irmandade, e valer-se de formas criativas para prestar assistência aos marujos e marujas idosas. Para o informante da Igreja, o fato de que os marujos reúnem-se apenas em momentos festivos não contribui para o fortalecimento do grupo, faltando-lhes momentos para a discussão da vida social dos membros. Essa reflexão sugere uma volta ao passado, às origens da Irmandade quando este espaço era garantido “[...] ponto de encontro do fortalecimento de um grupo excluído, grupo de negros, foi o ponto de encontro de resistência. Vejo hoje a Marujada muito esfacelada, muita gente vem porque acha bonito. O sentido de Irmandade esta em falha” (Pe. João Nelson, Trabalho de Campo, 2009).

A partir do material coletado, não resta dúvida de que há muito a ser melhorado no atendimento aos associados, já que hoje, esta ajuda se restringe em casos de doença (compra de remédios) e assistência funerária ao associado. Um informante atribui isso ao fato de que “[...] depois que os padres tomaram conta, acabaram com isso” (Informante local, Trabalho de Campo, 2009), referindo-se à ajuda dada aos marujos.

O discurso do poder público local levanta outras questões como a sugestão de melhorias. Na concepção do Diretor de Cultura, a manifestação deveria ser tratada como cultural - religiosa com projetos unificados entre a Secretaria de Cultura e a Irmandade, a exemplo do Ponto de Cultura, que beneficia as iniciativas culturais do município como um todo, além da Marujada. Outro aspecto que merece destaque, diz respeito à continuidade da festa por meio da preparação das crianças que se iniciam no ritual, o que deve ser feito através das escolas públicas, com vistas ao ensino e valorização da tradição, para que os pequenos compreendam desde cedo a importância social, histórica, cultural, política e econômica do ritual.

A comunidade bragantina recebe de maneira bastante positiva a Marujada, conforme atesta Dona Aracilda, a Capitoa, “Por donde a gente anda, por donde a gente andava, a gente era bem recebida, o pessoal gosta muito da Marujada. Aqui não tem outro lugar pra ter a Marujada bonita como a de Bragança” (Trabalho de Campo 2009), diz toda satisfeita.

Ao referir-se às transformações que tem observado ao longo dos seus 35 anos de maruja, complementa,

[...] Desde das danças, tudo, tudo esses outros por ai é diferente da nossa aqui. Que se veste de maruja, mas não é... que eu já vi, tem umas por ai que eu já vi que as blusas dessas marujas por ai é mais escandalosas, vem bem por aqui assim (aponta para o meio da barriga), por aqui assim e não é assim não. Olha, dia 18 uma moça tava falando também, não é a barriga pro lado de fora, tem que ser blusa comprida a saia de pala também bem comprida, elas tem uma moda de usar umas roupas bem curtinha. Ai eu falo: '- Vocês não estão por essas festas por ai, vocês estão numa festa de respeito, quem tiver seus maridos deixe em casa e quem tiver suas mulheres deixem em casa, aqui não é pra se arranjar marido e nem namorado, aqui todo mundo é irmão, aqui é o velho, é a velha, é o novo, é a nova não tem que fazer desfeita pra ninguém, quando o marujo tiver bebido, então venham com a gente, com o Capitão que ele resolve o problema dele e manda o marujo ir embora. (Capitão, Trabalho de Campo, 2009).

Ainda com relação ao resgate de alguns ritos, cite-se a saída do cortejo da Marujada nas manhãs dos dias 25 e 26 de dezembro, tradicionalmente da casa da Capitoa. Desde o falecimento da antiga Capitoa, há 05 anos, a saída passou a ser feita da casa do presidente da Irmandade. Atualmente, com o apoio de inúmeros integrantes da Irmandade, a saída voltou a ser feita da casa da Capitoa, somando-se a outros movimentos de resgate dos ritos iniciais da tradição (Fotografia 61).



Fotografia 61 – Saída do cortejo da casa da Capitoa, no dia 25 de dezembro.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009.

As danças têm um papel especial no contexto da festa e são tidas como a magia que encanta a Marujada. A tabela 4 revela a opinião dos participantes do ritual sobre o que mais gostam ao participar da Marujada. Dos entrevistados, 39,3% afirmaram gostar mais da

dança; 16,3% dizem gostar de tudo que compõe a marujada e 10,1% revelou gostar mais da procissão, o que confirma o entusiasmo da maioria dos participantes com relação à dança.

Tabela 4: Participantes do ritual da Marujada, segundo a opinião sobre o que mais gosta na Marujada

O que mais você gosta na Marujada	Entrevistados	%
A dança dos marujos	70	39,3
A procissão	18	10,1
Gosto de tudo	29	16,3
Outros	61	34,3
<b>Total</b>	<b>178</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

Quanto aos aspectos negativos ou que precisam ser melhorados, a opinião dos participantes sobre o que menos gosta na Marujada estão expressos no gráfico 7. Como se pode constatar, 9,6% não gosta da desorganização no dia da festa, 8% da desunião e rivalidade entre os participantes; 4% revelaram que não gostam das modificações dos trajes e do modelo-padrão das roupas. Essas opiniões atestam o desconhecimento de que tais modificações contribuem para um resgate histórico dos trajes, elaborados a partir de estudos específicos. Um dado que sobressai é de que 37,6% disseram não haver nada de que não gostem na Marujada. No quesito outros, podem ser apontados a pouca divulgação da tradição, a fofoca, os foguetes e a bebida alcoólica.

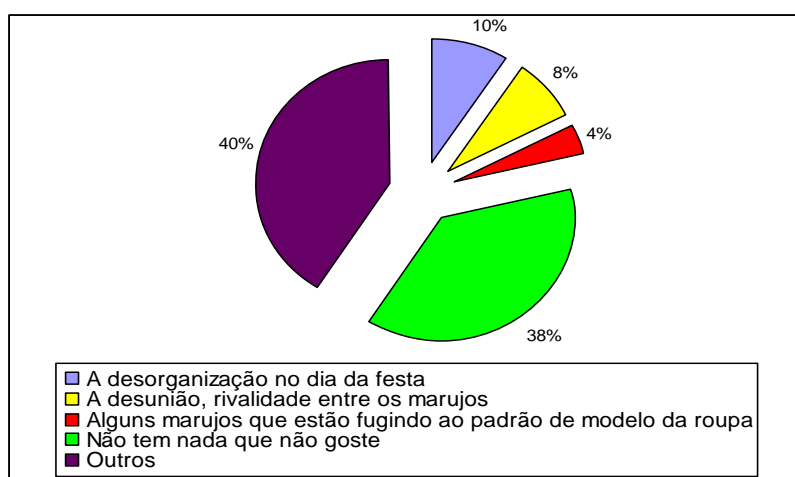


Gráfico 7: Participantes do ritual da Marujada, segundo a opinião sobre o que menos gostam na Marujada.

Fonte: Trabalho de campo (2009).

Entre as sugestões dos participantes para a perpetuação do ritual, a tabela 5 indica que 14,6% entendem que a tradição deve ser conservada; 7,9% confirmam que deve haver mais união no grupo; ainda 7,9% sugerem a realização de aulas abertas aos jovens, para

aprender as danças. O universo de 5,6% opinou que deve haver maior divulgação da festividade, enquanto que, 3,4% mencionaram que a Igreja e a Irmandade devem conscientizar os novos marujos no sentido de dar maior valor aos ritos, possibilitando assim, a imortalização da tradição.

Tabela 5: Participantes do ritual da Marujada, segundo as sugestões para manutenção da Marujada.

Quais as suas sugestões para manter a Marujada	Entrevistados	%
Conservar a tradição	26	14,6
Mais união no grupo	14	7,9
Aulas abertas aos jovens	14	7,9
Uma maior divulgação	10	5,6
A Igreja e a Irmandade conscientizem os novos marujos a valorizar os rituais da marujada	6	3,4
Outras	91	51,1
Não respondeu	17	9,6
Total	178	100,0

Fonte: Trabalho de campo (2009).

Entre as diversas sugestões apontadas, ressalte-se que existem ações voltadas para suprir essas deficiências ou lacunas, a exemplo do Ponto de Cultura que tem como proposta o resgate e consolidação do ritual por meio de aulas de dança abertas a comunidade e, oficinas de confecção de instrumentos como a Rabeca. Acredita-se que iniciativas como estas tendem a estimular e dinamizar a participação local, agregando valores na melhoria da qualidade de vida dos bragantinos. Com isso, devem, inclusive, surgir novas propostas de valorização dos saberes e fazeres locais.

#### 4. 4 Participação: os diferentes olhares sobre a dinâmica cultural

As transformações que vêm ocorrendo no ambiente da Marujada despertam atenções e agregam valores. Um desses valores é a renovação dos tocadores de rabeca, estimulada pelo Instituto de Artes do Pará (IAP), num projeto que já ensinou diversos jovens a tocar e confeccionar o instrumento. O aumento da participação de jovens no ritual também é motivo de comemoração.

Em decorrência do processo de expansão, surgiram “novas” Marujadas em municípios vizinhos à Bragança. A “cópia” busca ser fiel, inclusive com a participação das figuras próprias do rito, inclusive da Capitoa. Na essência, porém, em muito difere da Marujada de Bragança, onde a tradição teve início. Hoje, há a reprodução da Marujada de Bragança nos

municípios de Tracuateua, Quatipuru, Augusto Corrêa e Capanema, além de comunidades do interior, como é o caso de Fernandez Belo.

O informante da Igreja alerta:

A coisa já começou a banalizar, é perigoso, tem Marujada que é particular só pra arrecadar dinheiro, tocam outros ritmos, no cd, roupas diferentes, blusa de alça, é preocupante chegar uma maruja que quer mudar. Em Belém tem vários grupos folclóricos que apresentam a marujada totalmente diferente daqui, eles enfeitam do jeito deles. (Entrevista Pe João Nelson, Trabalho de Campo, 2009).

Esse pensamento é compartilhado pelo presidente da Irmandade, que acredita que deve haver uma preocupação em manter a tradição de acordo com a sua origem, pois “quando temos duvidas procuramos os historiadores” (Trabalho de campo, 2009), como por exemplo, o historiador mestre Dário Benedito R. Nonato da Silva. Para que a tradição se mantenha, afirma que é preciso dar continuidade ao trabalho de resgate que está sendo feito. As alterações ocorridas no ritual têm por objetivo a recuperação de alguns dos ritos que se perderam ao longo do tempo, e garantir, outrossim, que os novos participantes possam vivenciá-los na sua plenitude.

A percepção dos integrantes do ritual quanto às transformações ocorridas são diversas. O gráfico 8 demonstra a opinião dos participantes quanto às modificações introduzidas na Marujada.

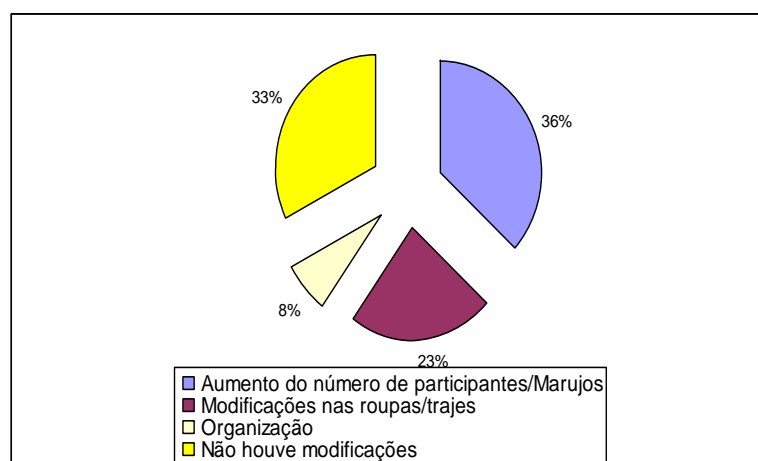


Gráfico 8: Participantes do ritual da Marujada, segundo a opinião sobre as modificações no ritual da Marujada.

Fonte: Trabalho de campo (2009).

Dos entrevistados, 36,5% afirmaram que o aumento do número de participantes foi à principal modificação, 23,1% opinaram que a maior modificação foi nos trajes do ritual, 7,7% disseram que a mudança é sentida na organização do evento, enquanto que, 32,7% afirmaram que não houve qualquer modificação na Marujada. De fato, o senso comum

aponta para fatos que possuem maior visibilidade como o número de pessoas, particularmente no dia de São Benedito.

O papel da mulher dentro da Marujada é de comando e, sempre exercido pela Capitoa. Já o do homem é de acompanhante. O Capitão cumpre as ordens e orientações da Capitoa, como por exemplo, momento de inserção nas danças, trajés, etc. Se marido e mulher estiverem juntos no salão, sabem que durante as danças não podem namorar, e a maruja, quando está no salão, não pode recusar a um pedido de dança.

Dos 178 entrevistado-participantes do ritual da marujada, vê-se no gráfico 9 que 69% são compostos por mulheres e 31% de homens. A observação durante a pesquisa de campo diz que é forte a predominância da participação das mulheres. Durante os ensaios, por exemplo, os homens eram disputados no salão e não permaneciam sem par para as danças, salvo se quisessem.

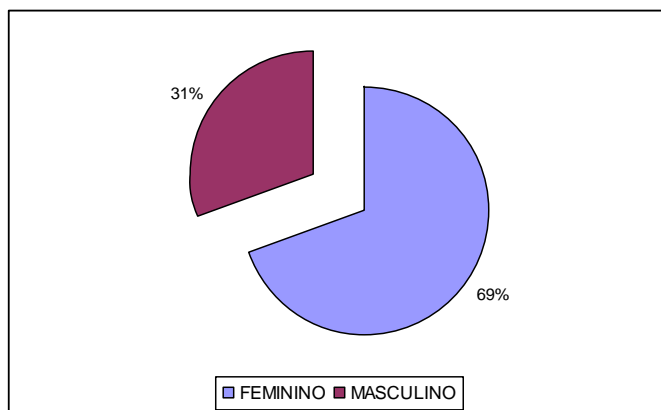


Gráfico 9: Participante do ritual da marujada, segundo sexo.  
Fonte: Trabalho de campo (2009).

O cargo de Capitoa é vitalício. A vice só assume em caso de morte e, por seu turno, escolhe aquela que será a sua vice entre as mais antigas, as quais devem ser obrigatoriamente associadas. O cargo do Capitão também é vitalício, mas ao assumir, deve submeter à apreciação da Capitoa o nome daquele que escolheu para ser seu vice.

As apresentações da Marujada são solicitadas mediante ofício dirigido ao presidente da Irmandade e, pagamento de cachê que varia de acordo com a quantidade de pares solicitados. A infra-estrutura, no que diz respeito a transporte, alimentação, hospedagem e outros, correm a conta dos solicitantes. Isso denota que tais apresentações, além de contribuir financeiramente os convidados, colaboram para o aumento da auto-estima do grupo.

O atual Capitão da Marujada, Senhor Theodoro (Fotografia 62), aposentado de 96 anos de idade, participa de algumas atividades da Irmandade. Admite que pouco freqüenta as reuniões pela dificuldade e dependência de locomoção/transporte. A sua permanência na



Marujada decorre de uma promessa feita quando jovem, e que está disposto a cumprir até o final de sua vida.



Fotografia 62 – Sr. Theodoro, Capitão da Marujada.  
Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho.  
Ano da foto: 2009

Seu Theodoro, como é conhecido, gostava de dançar, “dançava, e um bocado. De preferência o retumbão, chorado, mazurca e valsa são as minhas danças preferidas”, diz. O Capitão acredita que houve muitas mudanças na tradição.

Mudou muita coisa. Quando eu comecei era uma coisa e agora é outra, agora cada ano que passa eles modificam uma coisa. As danças que são dançadas no barracão são muito diferentes das antigas, nas antigas não tinha dança assanhada. E agora tem. (Capitão Theodoro, Trabalho de Campo 2009).

Quando ele se refere à dança “assanhada”, fala do xote essencialmente. Antigamente, as danças da Marujada eram calmas, lentas, “não tinha esses alvoroços”, afirma. Diz-se conformado, sob a justificativa de que “tudo no mundo se acaba, né? Tomara a Deus que não”. Considerando a dinâmica cultural, na qual as transformações acontecem a todo o momento, o Capitão reflete a respeito:

[...] Tem pessoas que me perguntam: - *O que tu acha do presente pro passado? Tem grande diferença? Você acha melhor o presente o passado?* Eu digo: - Todos os dois tem valor, o passado por que tinha fartura de tudo, tudo era fácil. Só o que era ruim que não tinha nesse tempo, era dinheiro como hoje, nesse tempo não existia, era muito curto, hoje não. Havia respeito antigamente. A rapaziada de hoje não tem mais aquela noção dos mais velhos. A gente diz pra eles o caminho, mas eles fazem é zombar da gente. (Capitão Theodoro, Trabalho de Campo 2009).

A respeito disso, durante a pesquisa de campo observou-se uma gama de comportamentos, conforme o descrito por seu Theodoro, como por exemplo, um gingado com corpos mais colados ao dançar o xote. Mas por outro lado, o ar de respeito e sobriedade é evidente no salão da Marujada. A malícia existe, como em todo lugar onde homens e mulheres se permitem dançar, se confraternizar, mas sente-se uma dimensão de Irmandade e respeito observada entre os marujos e marujas.

Essa reflexão sugere que na manifestação da Marujada, o comportamento esperado dos participantes é de partilha, de Irmandade, de respeito aos ritos, às pessoas. Todos são obedientes à Capitoa, ao Capitão e ao presidente. Bebidas alcoólicas são proibidas durante a participação no salão, caso isso ocorra, as pessoas são advertidas. A Capitoa esclarece que durante a festividade que,

[...] ninguém pode beber, porque é feio e vem muita gente de fora, ai ver um marujo porre, uma maruja... é feio, ai eles ficam falando, me falaram tanto da Marujada de Bragança, ai chegando lá os marujos e as marujas, ele não vai dizer que viu só um, ele vai dizer as marujas os marujos tavam todos porre. *Completa que* [...] Vai ficar feio, ai é por isso, é isso que é da Capitoa, qualquer coisa, olha fulano já ta bebendo e a gente vai lá (e diz) 'ei, tu quer beber, pois vai tirar a tua roupa e veste outra roupa e venha pra cá. (Capitoa Aracilda, Trabalho de Campo, 2009).

Ainda com relação ao desejo de perpetuação do ritual, a Capitoa resume “[...] Olha, eu penso assim, vai morrendo as velhas, já vai ficando aquelas novas que já tá dançando, ai já vai ficar no lugar das velhas. Já vai ficando e já vai passando umas pras outras. Não vê aqueles meninos que já tá dançando?” (Capitoa Aracilda, Trabalho de Campo, 2009), referindo-se às crianças que participam dos ensaios da Marujada. A tabela 6 descreve o perfil do participante da Marujada, segundo o tempo de participação no ritual. Diante dos dados levantados, se verificou que 47,8% está há mais de um ano e, 28,7% há mais de 10 anos. Vale ressaltar que 22% dos participantes está há mais de 20 anos no ritual, sendo 5,1% há mais de 50 anos. O sentimento observado durante as entrevistas e aplicação dos questionários é de que, por causa da devoção e gratidão, há uma firme intenção de todos em continuar participando ativamente da manifestação.

A participação (frequência) constante dos entrevistados nos rituais é de 74,7%. Apenas 19,1% o fazem eventualmente. Sobre a inserção no ritual, os participantes foram em grande parte levados pelas mães (33,1%), enquanto que 6,7% foram influenciados pela avó, seguidos de 5,1% os que receberam a influência do pai. Inúmeros depoimentos demonstraram o recebimento de graças pela intercessão de São Benedito, fato que os levou a se tornarem marujos e marujas, constituindo, assim, um universo de 75%. Dentre esses, apenas 4,5% participam dos rituais de esmolações.

Tabela 6: Participante do ritual da Marujada, segundo tempo de participação.

TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NO RITUAL	Entrevistados	%
1º ano	2	1,1
Há mais de 1 ano	85	47,8
Há mais de 10 anos	51	28,7
Há mais de 20 anos	14	7,9
Há mais de 30 anos	16	9,0
Há mais de 50 anos	9	5,1
Não respondeu	1	0,6
<b>TOTAL</b>	<b>178</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

A tabela 7 apresenta o grau de parentesco entre os integrantes da Irmandade, como se observa, a família é o canal para a inserção dos jovens no ritual, daí a presença de mães e pais, filhos e filhas, irmãos, primos, advindo, assim, a renovação natural do ritual pelos mais jovens, uma vez que as danças atraem cada vez mais esse público. Como observa-se, as relações familiares são o elo de perpetuação da participação na Marujada.

Tabela 7: Pessoas da família dos participantes do ritual, que também estão na Marujada.

Parentesco	Entrevistados	%
Avó	5	1,4
Esposo	9	2,6
Esposa	10	2,9
Filha	39	11,2
Filho	37	10,7
Irmã	45	13,0
Irmão	37	10,7
Mãe	33	9,5
Neta	8	2,3
Neto	17	4,9
Pai	9	2,6
Prima	16	4,6
Primo	12	3,5
Sobrinha	23	6,6
Sobrinho	19	5,5
Tia	17	4,9
Tio	11	3,2
<b>Total</b>	<b>347</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

A maior parte dos entrevistados faz parte da Irmandade, conforme demonstrado na tabela 8. A par disso, corre o senso comum entre eles de que somente aqueles que fazem

parte da Irmandade podem dançar no dia 26 de dezembro. Esse dado foi refutado pelo presidente da Irmandade.

Tabela 8: Participante do ritual da Marujada, segundo a participação na IGSBB.

VOCÊ FAZ PARTE DA IRMANDADE (IGSBB)?	Entrevistados	%
Não	71	39,9
Sim	103	57,9
Não respondeu	4	2,2
<b>TOTAL</b>	<b>178</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

A maioria dos integrantes da Irmandade participa da mesma há mais de cinco anos; destaca-se que 6,2% dos entrevistados participam há mais de trinta anos.

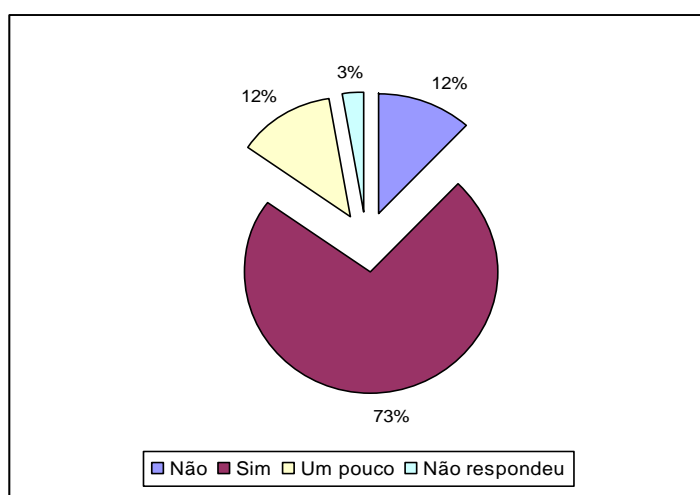


Gráfico 10: Participante do ritual da Marujada, segundo sentimento de pertencimento ao grupo/Irmandade.  
Fonte: Trabalho de campo (2009).

Existe um sentimento de pertencimento dos participantes junto à Irmandade, de acordo com o que mostra o gráfico 10 abaixo. Dos entrevistados, 72,5% responderam que se sentem parte da Irmandade; enquanto 12,4% responderam que não se sentem parte integrante e os outros 12,4%, responderam que se sentem, “um pouco”, parte integrante da Marujada/Irmandade. Essa observância sugere que o elo e a acolhida entre eles não é tão forte como deveria, bem como, que o sentimento de exclusão não prevalece entre eles, uma vez que se relacionam com certa frequência e formam laços de intimidade e amizade.

Quando se fala em manter a tradição da Marujada, surge um universo rico de sugestões e possibilidades. Na opinião dos participantes entrevistados e, de acordo com o resultado da tabela 9, verifica-se que 36% disseram que a manutenção da tradição deve ser

feita através dos mais velhos, 24,2% opinaram que através de aulas abertas ao público, 15,2% disseram ser por meio da própria Irmandade, enquanto que 10,7% afirmaram que a escola seria o melhor meio de se manter a tradição.

Tabela 9: Opinião do participante quanto à forma de manter a tradição.

MELHOR FORMA DE MANTER A TRADIÇÃO	Entrevistados	%
Aulas abertas ao público	43	24,2
Por meio da escola	19	10,7
Por meio da igreja	6	3,4
Por meio da Irmandade	27	15,2
Por meio dos mais velhos	64	36,0
Todas as formas	8	4,5
Outros	11	6,2
<b>TOTAL</b>	<b>178</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

As sugestões apresentadas estão em sincronia com o Projeto “Marujada de Bragança: Fortalecendo raízes bi-secular de um povo devoto”, selecionado e aprovado no Programa Mais Cultura – Ponto de Cultura do Ministério da Cultura, seleção para o Estado do Pará. Entre as atividades planejadas no Projeto, figuram a realização de oficinas de dança; confecção de instrumentos e de Lutheria; artesanatos e indumentárias presentes na manifestação e a iniciação à música, além das oficinas das ladainhas em latim caboclo.

Perguntados se desejam continuar participando do ritual da Marujada, 96,6% dos entrevistados disseram que sim, motivados principalmente por todas as razões já expostas (devoção e tradição), bem como, pelo fato de serem promesseiros e estarem dispostos a cumprirem os votos até o final de suas vidas. Somente 0,6% afirmaram que não pretendem mais participar, a maioria declarou o fato de que já cumpriram suas promessas. A tabela 10 mostra que os mais antigos, e que participam do ritual há mais de 20 anos, pretendem continuar. Para ilustrar, alguns depoimentos:

Enquanto for vivo, pretendo participar. (Marujo, Trabalho de Campo, 2009).

Enquanto viver e São Benedito permitir e tiver saúde. (Marujo, Trabalho de Campo, 2009).

Faz parte da minha história, pretendo participar pelo resto da vida. (Marujo, Trabalho de Campo, 2009).

Pretendo morrer dentro da Marujada. (Marujo, Trabalho de Campo, 2009).

Esse resultado indica que a continuidade do ritual é uma realidade, a supor pelo interesse e vontade demonstrados na pesquisa. Dessa forma, há uma tendência concreta de que o ritual se perpetue pelas próximas gerações, uma vez que, os jovens estão sendo estimulados a vivenciar e se envolver com essa realidade. Por este e outros motivos da maior relevância já abordados neste trabalho, deduz-se que a manifestação da Marujada de São Benedito de Bragança se perpetuará.

Tabela 10: Participante do ritual da Marujada segundo tempo que participa e se pretende continuar participando.

TEMPO QUE PARTICIPA DO RITUAL	PRETENDE CONTINUAR PARTICIPANDO			
	NÃO	SIM	TALVEZ	TOTAL
1º ano	0,0	100,0	0,0	100
Há mais de 1 ano	0,0	97,6	2,4	100
Há mais de 10 anos	3,8	96,2	0,0	100
Há mais de 20 anos	0,0	100,0	0,0	100
Há mais de 30 anos	6,3	93,8	0,0	100
Há mais de 50 anos	0,0	100,0	0,0	100
Não respondeu	50,0	50,0	0,0	100
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>2,2</b>	<b>96,6</b>	<b>1,1</b>	<b>100</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

Na tabela 11, constatam-se os dados referentes aos participantes do ritual da Marujada segundo escolaridade e a resposta à pergunta, “Você faz parte da Irmandade?”. Verifica-se que a maioria, isto é, 92,3% dos que responderam fazer parte da Irmandade, sabem apenas ler e escrever, 77,6% possui o nível fundamental incompleto, 62,5% possuem o nível médio incompleto. Esses dados confirmam a observação durante a pesquisa de campo, de que os associados parecem não ter a dimensão da importância das decisões tomadas em assembléia, sendo que muitos parecem estar alheios a esse processo.

Os homens participam mais do processo de planejamento/decisão considerando a proporcionalidade, isto é, as mulheres, maioria na Marujada, participam menos nas decisões do que os homens.

Tabela 11: Participante do ritual da Marujada segundo escolaridade e se faz parte da Irmandade.

ESCOLARIDADE	VOCÊ FAZ PARTE DA IRMANDADE (IGSBB)?			
	NÃO RESPONDEU	NÃO	SIM	TOTAL GERAL
Não respondeu	0,0	60,0	40,0	100,0
Fundamental Completo	0,0	50,0	50,0	100,0
Fundamental Incompleto	0,0	22,4	77,6	100,0
Médio Completo	3,2	46,0	50,8	100,0
Médio Incompleto	0,0	37,5	62,5	100,0
Sabe ler e escrever	0,0	7,7	92,3	100,0
Superior	6,7	66,7	26,7	100,0
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>2,2</b>	<b>39,9</b>	<b>57,9</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Trabalho de campo (2009).

O gráfico 11 revela o número de participantes do ritual da Marujada, segundo sexo e a resposta a questão “se participa ativamente do processo de construção/planejamento das atividades da Marujada”, percebe-se a diferença de proporções entre homens e mulheres. Dentre os participantes que respondeu “sim”, a proporção de homens é maior que a das mulheres, 53,7% contra 35,5% enquanto que, dentre os participantes que responderam “não”, verifica-se o contrário, a proporção de mulheres são maiores que a proporção de homens, isto é, 60,5% contra 44,4%.

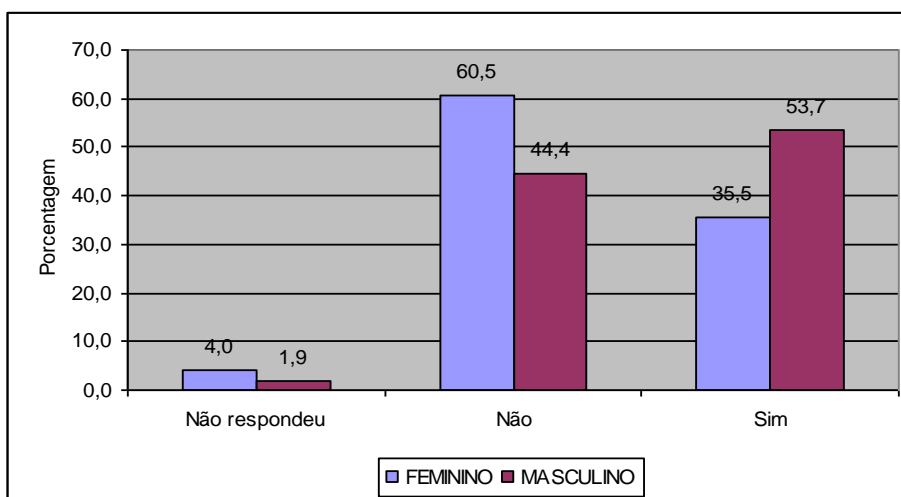


Gráfico 11: Participante do ritual da Marujada segundo sexo e se participa ativamente do processo de construção/planejamento das atividades da Marujada.

Fonte: Trabalho de campo (2009).

O gráfico 12 demonstra o número de participantes do ritual da Marujada, segundo a escolaridade e a sua opinião sobre a melhor forma de manter a tradição do ritual da

Marujada. Constata-se que a maioria, entre os participantes que sabem apenas ler e escrever ou os que têm apenas o nível médio completo, responderam ser através dos mais velhos a melhor forma de manter a tradição. Em contrapartida, entre os participantes de nível superior, afirmam ser através de aulas abertas ao público, 43,3%, a melhor forma de manter a tradição. Isto, de certa forma, representa um paradoxo, na medida em que as pessoas com um grau de formação mais elevado não valorizam, de forma adequada, o saber dos mais velhos.

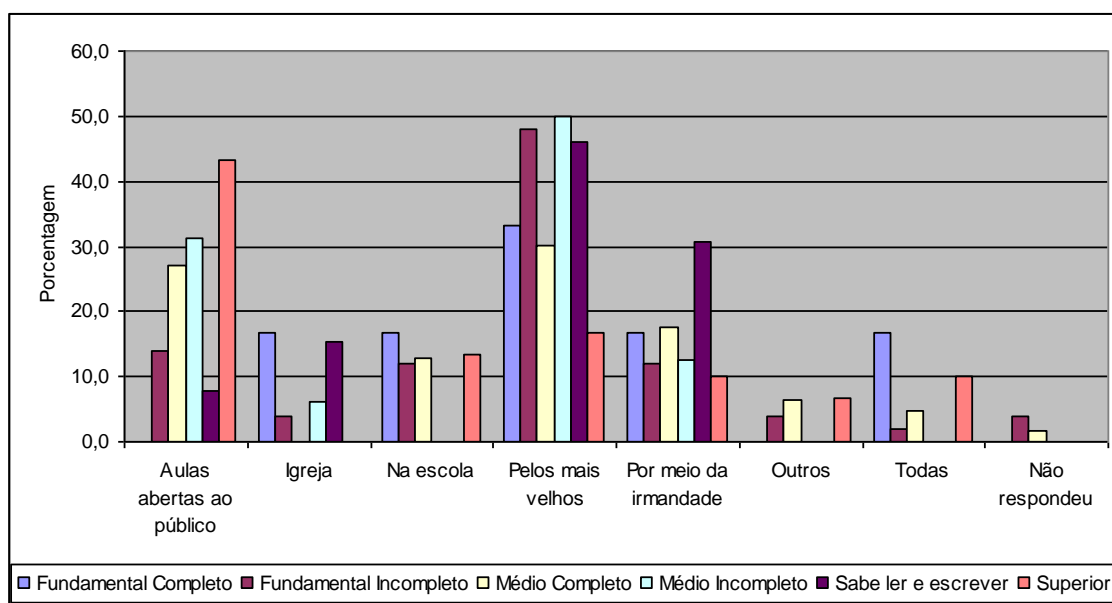


Gráfico 12: Participante do ritual da Marujada, segundo escolaridade e a opinião sobre a melhor forma de manter a tradição do ritual da Marujada.

#### 4.5 Significados da Marujada: cultura, fé e devoção

De comum entendimento que a Marujada é uma manifestação espontânea, que pode ser definida como um ritual afro-brasileiro verificou-se que o elo entre os participantes e as raízes histórico-culturais é apreciável. Existe, inclusive, uma intrínseca relação entre a Marujada com religiões e cultos dos negros trazidos da África, a exemplo da Umbanda e do Candomblé. Para Bosi (1992), a correlação entre os tempos coloniais e o simbolismo religioso é uma luta material e cultural ao mesmo tempo e, portanto, política.

Em meio a essas discussões, tem-se o fato de que ainda hoje, nos ramos mais tradicionais e conservadores do catolicismo, tais manifestações são tidas como “*coisa do demônio*”. Por outro lado, Pe. João Nelson (2009) assegura que dentro da Igreja existe a Pastoral Afro-Brasileira, cujo ritual faz frente às correntes mais conservadoras e ressalta “[...] Tem padre que acha que Marujada precisa se converter... mas fala por ele, não pela Igreja”.



Esse novo olhar da Igreja, no que se refere às devoções populares, tem como subsídio os documentos das Conferências Episcopais de Roma, que favorecem a adaptação para cada país, região, de acordo com sua realidade, como, por exemplo, quanto ao modo de celebrar a liturgia. Quando questionado sobre a ligação da Marujada e da Igreja, o religioso explica que

[...] a Igreja vê a Marujada como um resultado de uma devoção que vem do coração das pessoas, não é algo que vem de cima pra baixo, mas algo que nasceu de baixo e vem a partir da presença de Deus na vida das comunidades e dos próprios negros que eram excluídos da igreja na época. Além de serem excluídos da igreja, eram proibidos de fazer suas expressões religiosas costumeiras da África. O catolicismo era religião oficial do Brasil e, além do mais, era proibido qualquer outra expressão religiosa. E dentro disso aí, os negros encontraram o caminho onde juntaram o modo deles expressar sua religião dentro do catolicismo e houve um incremento, na minha percepção. Alguns dizem que não houve incremento., que pegaram a ladainha de nossa Senhora e a imagem do santo, mas a presença dos instrumentos de batuque não era comum, vem da África, não vem de Roma. E as danças, Roma não tem o costume de dançar na liturgia. E a dança na religião vem da África. (Pe. João Nelson, Trabalho de Campo, 2009).

O incremento a que se refere Pe. Nelson é justamente a diversidade de significados, olhares e experiências de fé e devoção a São Benedito que se pratica no ritual. A dimensão cultural deve ser considerada, pois o conjunto que torna a Marujada tão singular possui esse forte apelo da cultura de um povo sofrido e marginalizado como o negro. A importância da Marujada para o município de Bragança é ponto comum a todos os atores que participam direta ou indiretamente do ritual.

No trabalho de campo, observou-se que, ao responder a questão sobre a importância e o significado da Marujada, os entrevistados respondiam com uma convicção que vinha do coração, respostas imbuídas de emoção e verdade. Tais respostas estão expressas no gráfico 13. Verifica-se que a maioria, isto é, 92,3% dos que responderam fazer parte da Irmandade, sabem apenas ler e escrever, 77,6%% possui o nível fundamental incompleto, 62,5% possuem o nível médio incompleto. Esses dados confirmam a observação durante a pesquisa de campo, de que os associados parecem não ter a dimensão da importância das decisões tomadas em assembléia, sendo que muitos parecem estar alheios a esse processo.

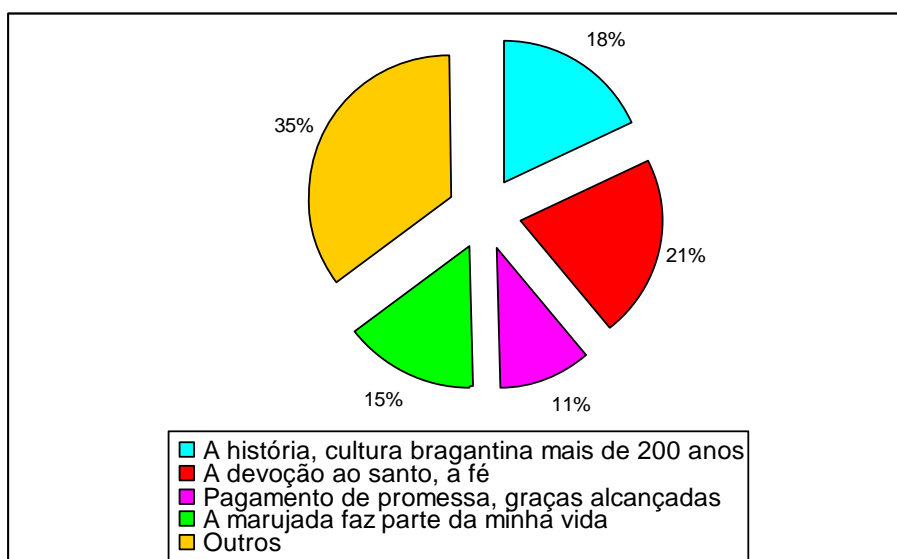


Gráfico 13 – Participantes do ritual, segundo significado/importância da Marujada para suas vidas.

Fonte: Trabalho de Campo (2009).

Entre os depoimentos com maior grau de similaridade, no gráfico 13, tem-se 18% dos participantes que opinaram ter um significado histórico e cultural; 20,8% afirmaram ser a devoção e a fé o maior significado da Marujada, 10,7% revelaram que o pagamento de promessas é o elemento mais importante, outros 15,2% opinaram que a Marujada é importante por fazer parte de suas vidas. Na verdade, todas as respostas sinalizam para o aspecto subjetivo e pessoal do significado do ritual para cada participante.

Interessante que, diversos depoimentos confirmam o percentual de 100% dos integrantes do ritual que pretendem continuar participando. Entre as respostas mais comuns temos: o gostar porque faz bem; a beleza da tradição; o pagamento de promessa; a devoção ao Santo. Essas declarações podem ser visualizadas quando indagados sobre o significado da Marujada, marujas e marujos (Trabalho de Campo, 2009) afirmam: “É a razão da minha vida”; “É algo que completa o meu ano, se eu não participar vai ficar faltando algo”; “É algo que já vem de meu avô, para meu pai e em mim ficou até meus filhos”; “Significa a conservação da tradição, a demonstração de resistência da cultura dos negros em nossos dias apesar de vermos muitos brancos participando dos rituais. Os negros são poucos descendentes que vivem no município”; “A felicidade, a alma fica aberta, cheia de paz, me sinto a pessoa mais feliz e realizada”; “Religiosidade popular que nasce do coração”; “Todos os anos mexe com a gente. Se acabar vamos sentir falta. É uma coisa não deveria acabar nunca para passar para os filhos”.

Para reafirmar tal significado, segue abaixo alguns testemunhos e histórias de vida sobre como se tornaram marujos (as) de São Benedito.

[...] Minha proximidade a São Benedito vem desde criança. A comissão de Ourém fazia esmolação do santo e eu acompanhava meu pai. Dia 26 de dezembro, meu pai matava um boi e fazia uma churrascada no sítio e ofertava a São Benedito, e a noite rezava-se o terço. Papai então cresceu nos educando na religiosidade de São Benedito, contava muitas histórias de São Benedito pra gente, nesse tempo não tinha energia no interior. Contava histórias na boca da noite, e muitas histórias era de São Benedito. Meu pai levava a gente pra Ourém e dizia: ‘olha, aqui a festa é bonita, mas a festa mais bonita mesmo é lá em Bragança...’, e dizia o santo poderoso mesmo está em Bragança, o santo de lá faz muito milagre. (Marujo, Trabalho de Campo 2009).

[...] teve um acidente (de carro) comigo e, depois desse acidente, eu tava correndo o risco de ficar sem uma perna. Foi aí então (que) eu me peguei com São Benedito, abaixo de Deus primeiramente vem São Benedito. Aí eu pedi a ele que não me cortasse a perna, que eu seria marujo de São Benedito durante a minha vida. Graças a Deus eu fui pra Belém e passei três meses e quinze dias no hospital, em Belém, na Santa Casa. Mas graças a Deus, eu tô andando bem. [...] Desde lá eu fiquei sendo marujo. Até que foi um parente meu que era vice de um marujo aí que morreu por nome Raimundo e, quando ele morreu, ele ficou no lugar dele e resolveu me deixar como seu suplente. E não demorou muito tempo ele morreu. (Theodoro Ribeiro, Capitão, Trabalho de Campo, 2009).

Quando o Capitão faleceu, seu Theodoro, então suplente, foi submetido à Assembléia que decidiu por sua posse como Capitão da Marujada. Houve nova reunião onde ele escolheu seu vice, senhor José Maria. E ressalta que, “ele quem participa das reuniões e das viagens que tem por aí. Eu não dou conta de ir. Agora quando eu morrer ele fica no meu lugar e ele vai tirar o suplente dele”. Além de uma figura simples, simpática e agradável, com uma rica experiência de vida, seu Theodoro tem algo especial. É possível que a idade avançada o torne ainda mais singular. Mas o fato é que ele passa uma energia muito boa, com expressão espontânea, de quem é muito feliz.

Dona Aracilda Corrêa é uma senhora de 63 anos, que exerceu a profissão de doméstica ao longo de sua vida. Conhecida como *Iraci*, um apelido carinhoso de família (sua mãe a chamava de Irá) que se espalhou por todos os conhecidos, inclusive na Irmandade. Aposentada, ocupa o cargo de Capitoa da Irmandade da Marujada há 5 anos, e há 35 anos é maruja. Uma fatalidade que ocorreu no ano de 2008, fez com que Dona Aracilda amputasse a perna esquerda. Hoje, pessoa com necessidades especiais (PNE), a Capitoa da secular Marujada de São Benedito busca forças na devoção ao santo, para ter a graça de voltar a andar e dançar por conta própria. Mas se resigna com a condição de cadeirante e, nem por isso, perde a alegria e o sorriso acolhedor que lhes são peculiares. Conta como foi sua participação como maruja até assumir o cargo de Capitoa:

[...] aí nós fumo pra Belém, quando chegou lá a Sinoca já tinha dançado com tudo quanto é mulher, até naquele negócio que tem lá no arraial de Nazaré, que vai cantor pra lá, como é o nome? (Centro Arquitetônico de Nazaré – CAN). É, pois é, aí nós fumo pra lá e quando nós chegamos lá nós jantamos aí ela me disse ‘- hoje tu vai dançar comigo’, aí eu disse: - ‘Tu tá ficando doida, eu lá quero! eu não vou não, não me convida que eu não vou’, aí ela disse: ‘- Tu não te governa!’. Ah eu me governo... (exclama). Pra dançar com ela no começo... Ela disse: ‘- Eu já experimentei todinho e ninguém dá acerto comigo’. Aí ela foi, um bora dançar, um bora, bora, bora, aí eu fui e fiquei no rabinho da corda, aí subiram aí eu fiquei bem aqui atrás e ela ficou lá no meio. Aí as marujas rodearam, e quando eu fui subindo aí ela disse: ‘- É tu! vem cá!. Oh, meu Deus do céu eu fiquei com tanta vergonha, aí eu fui dançar com ela, e tem que dançar igual, rodar igual. Aí ela coisa pra cá e eu coiso junto dela que é pra ficar certinho pro lado do público sabe. Aí ela disse assim: ‘- É tu que vai ficar agora comigo, e eu disse: ‘- Não faça isso que eu não quero não’. Ela ‘não, é tu mesmo, é tu, é tu’.

Desde então, Dona Aracilda tornou-se vice Capitoa, mesmo sob protestos de outras marujas que não a aceitaram de pronto. Ressalta a beleza, leveza e sincronia que existia entre elas ao dançar a Marujada.

[...] Agora se tu visse eu dançar mais ela. Era lindo, não é por que eu tô me gabando, mas as todo mundo tiravam o chapéu pra mim mais ela dançar, do jeito que ela fazia eu já tava no ritmo dela, aí nós tinha um passo que ela tava desse lado aqui e eu tava desse lado, aí eu vinha pro lugar dela e ela vinha pro meu, assim quando agente tava dançando, mas olha dessa vez lá em Belém nós fomos aplaudidas três vês, não fomos nas quatro por que ela não quis mais. (Capitoa, Trabalho de Campo 2009).

A simpatia da Capitoa é marcante. Sabe que para ser respeitada não precisa estar com “cara feia” e elucida, “[...] É que eu sou alegre, gosto de brincar com as pessoas”, admite (Fotografia 63). Por sua condição de movimentos limitados, Dona Aracilda não participa de todos os eventos da Irmandade, mas sempre que participa se destaca pela animação e entusiasmo, chegando mesmo a se levantar da cadeira apoiada no andador. Finalmente, ao ser indagada sobre o significado da Marujada para sua vida, Dona Aracilda confessa “[...] É tudo pra mim!”. Lembra que sua mãe, devota de São Benedito, e que antes de morrer ainda a viu como Capitoa e diz, com os olhos marejados “[...] minha mãe morreu mais depressa pela emoção (*de vê-la como Capitoa*)”.



Fotografia 63: Dona Aracilda, a Capitoa da Marujada.

Autora: Gisele Maria de Oliveira Carvalho;  
Ano da foto: 2009.

A civilização acha que devemos acabar com isso. Não achamos. Devemos manter. A civilização com seus modernismos faz muito maior mal à humanidade do que a pobre marujada. Por que, pois, não acabar com os modernismos que a civilização criou e tão prejudiciais são? Porque? Por que ninguém se bate contra certas novidades tão maléficas? Viva, pois, o passado. Vivam as nossas tradições, viva a marujada, viva São Benedito! São Benedito é o grande esperado. P'ra ele toda esta festa, toda esta alegria, todas essas marujas que levam o ano todo juntando os centavos para a grande festa do grande esperado: São Benedito (SILVEIRA, 1952 *apud* NONATO DA SILVA, 2006, p. 181).

Diante desses depoimentos, desnuda-se um universo de significados que levam a crer que, a Marujada é uma vivência extraordinária na vida daqueles que têm o privilégio de vivenciá-la. Marujas e marujos imprimem sua marca. Todos têm em comum, paixão desmedida e uma firme vontade de transmiti-la aos seus descendentes.

## CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

O povo bragantino tem por São Benedito intensa admiração. Sensíveis à história de sofrimento e generosidade do Santo, fiéis devotos entusiasmam crentes e descrentes a viverem em dezembro o espírito do Natal às margens do histórico rio Caeté e, porque não dizer, natal Caeteuara. Símbolo de resistência negra e esperança, a crença na intercessão de São Benedito é partilhada por peregrinos originários de diversos lugares do país, particularmente da região do nordeste paraense, onde está situado o município de Bragança.

Quando se aproxima dezembro, os milhares de peregrinos que chegam ao município comungam sua devoção e encontram a cidade em festa. O ritual da Marujada constitui o ápice da alegria e da fé demonstradas ao Santo. A tradição dá voz e imagem aos atores que aproveitam a festa para reforçar a sua identidade cultural e viver o momento como se fora mais uma renovação do “grito de liberdade”. A maioria dos participantes, igualados pela modesta condição econômico-social e, por vezes, privados ao acesso e fruição de suas necessidades básicas (moradia, saúde, educação), comemoram o reconhecimento de seu valor, como se repetissem os atos de seus antepassados escravos. Mas hoje, embora livres, permanecem limitados em seus direitos, vivendo ainda uma “escravidão velada”.

Embalados ao som de canções populares feitas em homenagem ao Santo, tacacazeiras, lavradores, empresários, domésticas, donas de casa, professores e religiosos se unem em louvor ao glorioso São Benedito. A Marujada de São Benedito de Bragança é música, dança, religião, rituais, técnica, estética e moralidade, ao que se acrescenta um conjunto de bens materiais tais como a imagem, o mastro e as indumentárias. Nesse contexto, passado e presente se fundem e a essência da manifestação é preservada por meio de registros orais, ritualísticos, musicais, instrumentais, fotográficos, cinematográficos, indumentárias, entre outros, num processo de contínua ressignificação.

Anualmente, a produção do ritual se inicia com a esmolação e até dezembro dois momentos da preparação merecem destaque. O primeiro ocorre no mês de abril, quando três grupos de esmoladores são enviados às regiões dos Campos, das Praias e das Colônias. O segundo, em setembro, com a comemoração do aniversário da Marujada. Nesse ínterim, ou seja, de abril a dezembro também são realizadas os encontros e reuniões convocadas pela Irmandade, para discussões e planejamento de ações cotidianas. Nos meses que antecedem o período da Festividade com calendário fixo (18 a 26 de dezembro), o convívio é intensificado entre o poder público, Igreja e Irmandade, com vistas ao bom êxito da festa.

As ações executadas para a realização da festividade são desenhadas em parcerias, mas, na divisão de tarefas, as responsabilidades são definidas previamente, ficando cada grupo responsável pelo seu campo de atuação. É pensamento compartilhado entre o poder público, Igreja e Irmandade de que o diálogo melhora a cada ano entre os responsáveis pela festividade da Marujada. Como resultado, há uma melhor adequação e atendimento das necessidades que surgem a cada ano.

Para os marujos, os diversos aspectos e momentos da tradição são muito significativos. Em decorrência, conservam entre eles a herança cultural, histórica e religiosa nelas embutidas. Essa percepção, obtida em campo, foi confirmada pela análise do resultado dos questionários aplicados. Se de um lado a festa em si transcende a nossa compreensão, de outro, marca indelevelmente a história daqueles que a vivem sem reservas, seja por devoção, fé, gratidão, esperança, beleza, cultura ou lazer. Acrescente-se a inegável e estreita correlação entre a festa e o valor que atribuem as suas existências.

O turismo no município, à época da Marujada, move uma multiplicidade de setores da economia local, privilegiando os de hospedagem e alimentação, fato esse que não necessariamente resulta os melhores benefícios econômicos para a festa em si. O fato decorre da inconsistente articulação entre empresários, poder público, igreja e Irmandade, que, no seu aspecto conjuntural deve ser repensado para o benefício de todos os envolvidos. Atualmente, o maior ganho se resume na reafirmação da identidade cultural da festa.

No mesmo sentido, depreende-se que além do fortalecimento das redes sociais em torno da produção do ritual, são indispensáveis investimentos públicos e privados no incremento da infra-estrutura turística. Para que Bragança se constitua como fonte de atração para aplicação de recursos, a população local deve estar envolvida e motivada com a causa turístico-cultural e, ao atestar sua autenticidade, legitima-as como herança a ser conservada. O fomento de iniciativas que atendam às necessidades de lazer da comunidade contribui para a atração de oportunidades externas para o núcleo receptor, diversificando os seus efeitos diretos em vários setores.

A par disso, vislumbra-se que o turismo responsável, se implantado, poderá vir a concorrer para o benefício socioeconômico de grande parte dos envolvidos, direta e indiretamente na festividade Bragantina. Ao favorecer o sentimento de cidadania aliado ao de pertencimento, será um poderoso meio de encorajar atitudes de conservação e defesa da memória cultural, histórica, social, política e ambiental da região.

A importância da atividade turística para o desenvolvimento sustentável do município é expressiva, mas a integração de políticas públicas de intervenção no setor é inconsistente, ao considerar a diversidade de atrativos naturais e culturais que Bragança oferece. Dessa

forma, as políticas de turismo sustentável devem contemplar não somente as possibilidades como também as ameaças que a atividade envolve. Sujeito a transformações contínuas, a dinâmica do turismo possui íntima relação com a ressignificação da cultura local pela comunidade, por isso a necessidade de se fortalecer e valorizar a identidade e memória de um povo.

A globalização tende a padronizar expressões, bens e serviços culturais e turísticos. O fortalecimento das manifestações culturais locais deve ser objeto do planejamento e promoção de destinos com potencial para o turismo. Os rituais da Marujada de São Benedito de Bragança agregam uma gama de informações sobre a história, memória e cotidiano da cultura amazônica que devem ser incorporados num processo de planejamento estratégico e sustentável dessa tradição por meio do turismo.

As iniciativas do setor privado local devem ser apoiadas pelas esferas do governo estadual e municipal por meio do desenvolvimento de políticas de incentivo, promoção e manutenção do patrimônio cultural material e imaterial do povo bragantino. É importante definir ações conjuntas entre os setores públicos e privado e comunidade local, inclusive partindo de estratégias de sensibilização para o envolvimento da comunidade, oferecendo cursos e oficinas que contribuam para a compreensão das possibilidades e ameaças da prática turística na região. A parceria entre esses sujeitos deve ser capaz de viabilizar e promover a sustentabilidade local, com ênfase nos benefícios da atividade turística, em contraponto ao pensamento dominante no mercado de que as medidas de conservação não devem resultar em restrições aos negócios.

É necessário estar atento à massificação do turismo no município de Bragança, pois esse movimento pode resultar no desaparecimento de características essenciais da comunidade, na medida em que moradores se adaptam gradativamente à lógica do mercado para atender às demandas turísticas. Nesse caso há o risco da perda dos referenciais na adequação do cotidiano do morador local para atender aos visitantes. Há que se incentivar a salvaguarda da cultura bragantina como principal elemento motivador do deslocamento para o município.

A promulgação da Lei 7.330, de 17 de novembro de 2009, constitui um marco na história da tradição posto que oficializou a Marujada como patrimônio cultural e artístico do estado do Pará. Mais do que uma lei, estabelece um avanço na perpetuação da festa, além dos benefícios de ordem prática dela advindos, como por exemplo, a participação em licitações públicas, apresentação de projetos culturais, entre outros. Por outro lado, é necessário cuidar para que não se perca a espontaneidade da manifestação, que brota do âmago dos que a protagonizam, para evitar que se torne engessada ou reduzida a uma mera formalidade.



Está clara a importância de se fortalecer o sentimento de grupo, particularmente entre os integrantes da Irmandade, para que o encantamento que cativa a comunidade e visitantes seja intensificado e revigorado. A instituição do Projeto Ponto de Cultura, no Teatro Museu da Marujada, traz novas perspectivas para a conservação da tradição, além do envolvimento e participação local. As atividades tiveram início em abril de 2010, numa solenidade oficial promovida em parceria da Secretaria Estadual de Cultura e Secretaria Municipal de Cultura. A abertura desse espaço será essencial para a manutenção e transmissão dessa rica herança cultural, através da realização de oficinas de dança do ritual, confecção de instrumentos como a Rabeca, entre outras ações da maior relevância.

As dimensões da sustentabilidade abordadas neste trabalho, em especial no que diz respeito ao aspecto sociocultural da tradição, soma-se ao valor que a mesma agrega à vida dos que dela participam, testemunhada nos diversos momentos do ritual. É interessante notar que no mês de dezembro, quando todos se preparam intensamente para mostrar sua devoção, pouca, ou quase nenhuma importância é dada aos apelos comerciais natalinos. Se de uma parte a comunidade mantém viva a espiritualidade do natal, de outra, há um acentuado desinteresse e desprendimento quanto ao consumo. O que prevalece é o clima de festa e confraternização frente às necessidades estimuladas pelo comércio local.

As questões abordadas neste estudo têm como proposta sensibilizar os sujeitos quanto à importância da festa, bem como sobre a necessidade de se elaborar projetos reguladores que orientem e envolvam aqueles que participam e se beneficiam, direta ou indiretamente, da Marujada de São Benedito de Bragança. Os possíveis benefícios da manifestação cultural devem ser distribuídos equitativamente na sociedade local. É uma questão social e política que deve ser orientada com ética e respeito, conciliando interesses em prol da valorização e conservação do patrimônio cultural e natural.

A análise do resultado da pesquisa de campo retrata a realidade e vivência dos marujos e marujas que partilham o sentimento de pertencimento, do experimentar e dividir alegrias e aflições no coletivo. Na unidade de seus afazeres, a solidariedade e a fé os aproximam e a memória ganha força e novos significados na medida em que se renova no grupo. O que importa é acreditar que, ninguém melhor do que eles para mostrar de forma espontânea o valor da Marujada de São Benedito de Bragança e ensinar que a tradição possui laços extemporâneos a seus antepassados e, portanto, deve ser acolhida com respeito e reverência por bragantinos e visitantes. Em sua essência, ela dá vida e significado aos membros dessa família e enriquece a cultura de nosso país.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção dos “Mestres da Arte”. In: ABREU, Regina [et al.] **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 81-94.

\_\_\_\_\_. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 30 -45.

AMARAL, Rita. Festas, festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil. In: Colóquio Festas e sociabilidades, 2, 2008. Natal. **Anais**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008, p. 1-23.

\_\_\_\_\_. As mediações culturais da festa. **Mediações**: revista da Universidade Federal de Londrina, v. 3, n.º.1, jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Festa à brasileira. 19989. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.

ASCURBRA. Projeto Memória de Nossa Terra. Bragança, 2005.

AZEVEDO, Luíndia. Marujada de Bragança (Pa): (des)construções e construções. **Revista Internacional de FOLKCOMUNICAÇÃO**, n.1, 2003, p. 64-73.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Festas religiosas e populares na Amazônia: algumas considerações sobre cultura popular. In: BRAGA, S.I.G (org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BRASIL, **Código de defesa do consumidor**. Organização Anne Joyce Angher. São Paulo: Rideel, 2009.

BRASIL. Constituição(1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. 14. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo**: diretrizes, metas e programas - 2007-2010. Brasília: MT, 2007.

BOFF, Leonardo; ARRUDA, Marcos. **Globalização**: desafios socioeconômicos, éticos e educativos. Petrópolis : Vozes, 2000.

BUENO, Marielys Siqueira. Lazer, festa e festejar. **Revista de Cultura e Turismo**, ano 2, nº 2, jul. 2008.

BURSZTYN, Marcel (Org). **A difícil sustentabilidade**: política energética e conflitos socioambientais. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

CAMPOS, Raul Ivan Raiol. **Sustentabilidade, turismo e gestão do patrimônio arqueológico**: limites e possibilidades no Maracá (AP) e Serra dos Martírios/ Andorinhas (PA). 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Acadêmicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

CANDAU, V.M. [et al.] **A educação multicultural**: tendências e propostas: sociedade, educação e cultura(s). Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTRO, Aviz. **Conversa de Marujo**. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2000. p. 20 - 25( Cadernos IAP; nº9)

CASTRO, Edna (org). **Escravos e senhores de Bragança**. Belém: NAEA, 2006.

CORIOLOANO, Luzia Neide. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura **América Latina: cidade, campo e turismo**. San Pablo : Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales, 2006. .

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Dança Brasil! Festas e Danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000

COSTA, Patrícia Cortês. **Unidades de Conservação**: matéria prima do ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 2 ed. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DICIONÁRIO HOUAISS: sinônimos e antônimos. . 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

EMBRATUR. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Brasília: EMBRATUR, 1994.

\_\_\_\_\_. **Polos do ecoturismo** : Brasil. Brasília, 2001

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 1961 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **O negro no mundo dos brancos**. 2 ed. rev. São Paulo: Global, 2007.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. Festas religiosas populares em terreiros de culto afro: festas populares nos terreiros. In BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org). **Cultura popular: patrimônio imaterial e cidades**. Manaus; Universidade Federal do Amazonas, 2007.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao Museu da Pessoa em outubro de 1992. Disponível em [www.museudapessoa.org.br](http://www.museudapessoa.org.br)

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt: 1943.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GASPAR, Eneida D. **Guia de religiões populares no Brasil**. Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

GETZ, Donald. O evento turístico e o dilema da autenticidade. In: THEOBALD, William. **Turismo global**. São Paulo: Senac, 2001.

GOLDENBERG, M. A **Arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GUPTA, A.; FERGUSSON, J. Mais além da “cultura”. Espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, A. A. (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.

IPHAN. **O registro do patrimônio imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação ao diálogo de saberes. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_, **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental: 1473-1494 **Educ. Soc.**, Campinas, v.26, n. 93, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 04/07/08.

\_\_\_\_\_. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**: uma abordagem política. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **João de Jesus Paes Loureiro**: obras reunidas. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LOUREIRO, Violeta R. **Amazônia**: história e análise de problemas (do período da borracha aos dias atuais). Belém: DistribeL, 2002.

MATTA, Roberto da. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1978.

MEDEIRO, Maria Lúcia. **Benquerença**. Belém: Instituto de Artes do Pará: Ontologia da Marujada., 2000 (Cadernos IAP, n. 9, p. 17-19.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENEZES, Bruno de. **São Benedito da Praia**: folclore do Ver-o-Peso. Belém, 1959.

MONTES, Maria Lúcia. Patrimônio intangível e manifestações religiosas na cultura popular. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org). **Cultura popular**: patrimônio imaterial e cidades. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.

MOROZ, M. **O processo de pesquisa**: iniciação. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2006. 124 p.

NASCIMENTO, Vânia Lúcia Quadros. **Políticas públicas de ecoturismo e participação**: a trajetória do PROECOTUR no pólo Belém/Costa Atlântica. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília; São Paulo: Editora UNESP, 2006(Paralelo, 15)

OLIVEIRA, Ruth Cardoso de. **Identidade, Etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, 118p.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PALMEIRA, Moacir. Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste. **Anuário Antropológico**, 76. Rio de Janeiro, 1977.

PARÁ. Lei nº 7.330, de 17 de novembro de 2009. **D.O.U. n.** 31548 de 19/11/2009.

QUARESMA, Helena Dóris de Almeida Barbosa. **O desencanto da princesa: os pescadores tradicionais e turismo na área de proteção ambiental de Algodual/Ananideua.** Belém: NAEA, 2003.

\_\_\_\_\_. **Turismo na terra de Macunáima: sustentabilidade em parques nacionais da Amazônia.** 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Acadêmicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

RABINOVICI, Andrea. NEIMAN, Zysman (Orgs). **Turismo e meio ambiente no Brasil.** Barueri, SP: Manole, 2010.

REY, Fernandez Gonzalez. Diferentes Momentos do Processo de Pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira, 2005

ROSA, Maria Cristina (Org). **Festa, lazer e cultura.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté: folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará.** Belém: Cejup, 2000 (Coleção Caeté; 2)

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** São Paulo: Papyrus, 1997.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluído, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. Espacialidades das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. 2008. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 7-18.

SEABRA, Giovanni (org). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional.** João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2007.

SILVA, Bolívar Bordallo da. **Canção Bragantina.** Belém: Instituto de Artes do Pará: Ontologia da Marujada, 2000. p. 11-16 ( Cadernos IAP, n. 9)

SILVA, Dário Benedito Rodrigues da. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX.** 2006. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da esperança**: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola Editora, 1997.

SINCLAIR, M. Thea. **Aspectos econômicos do turismo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável**: turismo cultural, ecoturismo e ética. São Paulo: Aleph, 2000. v. 5

UNESCO. Material de divulgação do sistema de tesouros humanos vivos. **In**: Reunião do Conselho Consultivo, 142. 1993. Mimeogr.

VANUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamentos e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com o representante da Igreja Católica

Universidade de Brasília – UNB  
Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS  
Pesquisa de Mestrado Sobre a Marujada de Bragança – Pará  
Roteiro de entrevista  
Data:

- a) Nome:
- b) Função:
- c) Há tempo o senhor está no município?
- d) Veio de onde?
- e) O que é a festividade de São Benedito para a Igreja?
- f) Como o senhor avalia a importância do ritual da marujada para o município?
- g) Como avalia as ações da IGSBB?
- h) Existem atividades desenvolvidas em parceria com a Irmandade? Quais?
- i) Quais ações são desenvolvidas pela igreja para a festividade da marujada? Desde quando?
- j) Qual o papel da igreja na festividade? O que compete a Igreja?
- k) De que forma a igreja se insere no planejamento da festividade? De que forma ela é construída. Caso negativo, por que isso não acontece?
- l) Quais os pontos positivos e negativos da organização da festividade?
- m) Como percebe o potencial da festividade para atrair visitantes (dinamização da economia local)?
- n) O que a igreja vem fazendo no sentido de fortalecer a festividade como um atrativo turístico-cultural-religioso?
- o) Trabalha em parceria com outros órgãos para a realização da festividade?
- p) Acha que o município está preparado para receber um número significativo de visitantes no período da festividade? Caso contrário, o que falta?
- q) Como a igreja vem atuando para que a manifestação se mantenha/perpetue?
- r) De que forma os católicos que não fazem parte da Irmandade são inseridos no ritual? A igreja fomenta isso ou não?
- s) Como o Sr. avalia a festividade: ritual religioso ou ritual profano? Quais os pontos positivos e negativos nesses dois aspectos?
- t) Há quanto tempo o Sr. vem trabalhando/envolvido com o ritual, quais as principais mudanças e como o Sr. avalia?

- u) Quais as principais dificuldades enfrentadas pela igreja com relação a manutenção do ritual?
- v) Com o tempo, a manifestação sofreu alterações e hoje já se firma no calendário como principal atrativo/evento turístico do município? Quais os problemas que o Sr. percebe a partir dessa mudança?
- w) Há uma tendência a transformar o ritual num produto comercial? Qual sua opinião?
- x) De que forma o Sr. percebe a organização da comunidade local em torno da produção da festividade? (forte/frágil/etc)
- y) Há na igreja de Bragança correntes contrárias com relação a festividade? Ou há participação/apoio da igreja na festividade? A que o Sr. atribui isso? De que forma os conflitos são administrados?
- z) Cenário/Perspectivas
- aa) Sugestões

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com o representante do Poder Público

Universidade de Brasília – UNB  
Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS  
Pesquisa de Mestrado Sobre a Marujada de Bragança – Pará  
Roteiro de entrevista  
Data:

- a) Nome:
- b) Função:
- c) Há quanto tempo exerce a função?
- d) Como você avalia a importância do ritual da marujada para o município?
- e) Como avalia as ações da IGSBB?
- f) Existem atividades desenvolvidas em parceria com a Irmandade? Quais?
- g) Quais ações são desenvolvidas pelo poder público local para a festividade da marujada? Desde quando?
- h) De que forma o poder público se insere no planejamento da festividade? Caso negativo, por que isso não acontece?
- i) Quais os pontos positivos e negativos da organização da festividade?
- j) Como percebe o potencial da festividade para atrair visitantes (dinamização da economia local)?
- k) O que a secretaria vem fazendo no sentido de fortalecer a festividade como um atrativo turístico-cultural?
- l) Trabalha em parceria com outros órgãos para a realização da festividade?
- m) Acha que o município está preparado para receber um número significativo de visitantes no período da festividade? Caso contrário, o que falta?
- n) O que o governo do estado vem fazendo em prol da festividade enquanto manifestação cultural e atrativo turístico cultural?
- o) Perspectivas
- p) Sugestões

## APÊNDICE C – Roteiro de entrevista Capitão e Capitoa da Marujada

Universidade de Brasília – UNB  
Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS  
Pesquisa de Mestrado Sobre a Marujada de Bragança – Pará  
Roteiro de entrevista  
Data:

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Profissão:
- d) Cargo:
- e) Há quanto tempo está nesse cargo/função?
- f) Como se inseriu na Irmandade?
- g) O que é a sua função? Qual o seu papel?
- h) Qual a importância?
- i) Participa de outras formas? Como?
- j) Tempo de participação?
- k) É associado?
- l) Como o senhor (a) define o ritual da Marujada?
- m) Como o senhor acha que a comunidade em geral percebe o ritual da Marujada?
- n) De que forma você participa do planejamento e execução da Festividade? A partir de quando?
- o) O que você acha sobre a participação do poder público na Marujada?
- p) E o papel da Igreja?
- q) Qual o significado da Marujada para o senhor? Quem mais da sua família participa? Como? Por quê?
- r) Para você, qual a relação entre a Marujada e a cultura?
- s) Há um aumento no número de visitantes durante a festividade. Isso contribui para a manutenção do ritual? De que forma? Isso é bom ou ruim?
- t) Existem mudanças a cada ano que passa no processo da Marujada?
- u) Em sua opinião, o que é preciso fazer para que essa tradição não desapareça?
- v) Existem muitos conflitos durante a preparação da Festividade? Qual sua opinião?
- w) Alguma observação a fazer?

APÊNDICE D – Questionário aplicado aos participantes dos rituais da Marujada

Universidade de Brasília – UNB  
Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS  
Pesquisa de Mestrado Sobre a Marujada de Bragança – Pará  
Pesquisador: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Perfil do entrevistado:

1. Sexo: ( ) M ( ) F
2. Faixa etária: ( ) 18 a 28 ( ) 29 a 39 ( ) 40 a 49 ( ) 50 a 59  
( ) 60 a 69 ( ) acima de 70
3. Estado Civil: ( ) solteiro ( ) Casado ( ) Viúvo ( ) Outro
4. Profissão/ocupação \_\_\_\_\_
5. Cidade onde nasceu: \_\_\_\_\_ Cidade onde mora: \_\_\_\_\_
6. Qual sua renda familiar mensal?  
( ) menos de 01 SM\* ( ) De 01 a 03 SM ( ) De 4 a 6 SM  
( ) De 7 a 9 SM ( ) Acima de 10 ( ) NR – não respondeu.  
\*Salário Mínimo = R\$ 465,00
7. Escolaridade  
( ) Não estudou ( ) Sabe ler e escrever ( ) Ensino fundamental incompleto  
( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino médio incompleto  
( ) Ensino médio completo ( ) Superior
8. Há quanto tempo você participa do ritual?  
( ) Há mais de 1 ano ( ) Há mais de 10 anos ( ) Há mais de 20 anos  
( ) Há mais de 30 anos ( ) Há mais de 50 anos \_\_\_\_\_
9. Com que frequência você participa do ritual da Marujada?  
( ) Sempre ( ) Eventualmente ( ) Primeira vez
10. Quem o ensinou a/inseriu na participação do ritual?  
( ) Pai ( ) Mãe ( ) Avó ( ) Avô ( ) Outros \_\_\_\_\_
11. Quem mais da sua família participa do ritual da Marujada?

Parentesco	Idade

12. De que forma você participa?  
( ) Devoção ao Santo ( ) Nas esmolações ( ) Na festa  
( ) Trabalhando ( ) Vendendo ( ) como Marujo (a)

13. Você faz parte da Irmandade (IGSSB)? Como?

Sim ( ) \_\_\_\_\_

Não ( ) Por que?

Desde quando: \_\_\_\_\_

14. Você participa das atividades da Irmandade? Quais?

( ) Encontros/reuniões ( ) Missa ( ) apenas na festividade

( ) todas ( ) nenhuma

15. Com que frequência?

( ) Mensal ( ) anual ( ) semestre ( ) raramente ( ) sempre

Caso negativo, por que não participa? \_\_\_\_\_

16. Você se sente parte integrante do grupo da Marujada/Irmandade?

( ) Sim ( ) Um pouco ( ) Não, por que? \_\_\_\_\_

17. Você participa ativamente do processo de construção/planejamento das atividades da Marujada?

( ) Sim. De que forma? \_\_\_\_\_

( ) Não. Por que? \_\_\_\_\_

18. Quais os setores que apóiam a Marujada e, na sua opinião quais os que deveriam apoiar?

( ) Poder público (municipal/estadual) ( ) Empresários ( ) Comunidade

( ) Instituições de ensino ( ) Igreja

( ) Outros \_\_\_\_\_ ( ) NR - não respondeu

De que forma?

19. Na sua opinião, qual seria a melhor forma de manter a tradição?

( ) Aulas abertas ao público ( ) Pelos mais velhos ( ) Na escola

( ) Igreja ( ) Por meio da Irmandade

( ) Outros \_\_\_\_\_

20. Nos últimos anos, quais as modificações que você percebeu no ritual da Marujada? Foram positivas ou negativas?

21. Bragança recebe muitos visitantes na época da Marujada. O que você acha disso?

( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Ruim ( ) Péssimo ( ) Indiferente

22. O que você *mais* gosta na Marujada?

23. O que você *menos* gosta na Marujada?

24. Qual o significado/importância da Marujada de São Benedito para você?

25. Pretende continuar participando da Marujada?

( ) Sim ( ) Não ( ) Talvez ( ) NR – não respondeu

Por quê?

26. Quais as suas sugestões para manter a Marujada?